

Universidade de Évora

Departamento de História

António Jorge Botelho Carrilho

*O Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique
(subsídios para a sua história)*



APÊNDICE DOCUMENTAL E ANEXOS

Na Capa: Fotografia do Antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, actual sede do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique. Destaque para a cúpula da igreja. (da nossa autoria, obtida em 13 de Agosto de 2001)

Universidade de Évora

Departamento de História

1º Curso de Pós Graduação e Mestrado em Museologia

O Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique

(subsídios para a sua história)

Este segundo volume integra todo o apêndice documental e anexos da Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada ao Departamento de História da Universidade de Évora, orientada pelo Doutor João Carlos Brigola.

elaborada por:

António Jorge Botelho Carrilho



142 238

Nota do autor: O texto contido neste volume não contém as alterações feitas pelo Júri.

Lagos, Novembro de 2002

142 238

Apêndice Documental

Índice de Documentos

N.º	Designação	Pág.
1 -	Excerto da Acta da Sessão da CMF de 3 de Fevereiro de 1886	6
2 -	Excerto da Acta da Sessão da CMF de 22 de Fevereiro de 1894	7
3 -	Excerto da Acta da Sessão da CMF de 1 de Março de 1894	8
4 -	Acta da Sessão da CMF, de 4 de Março de 1894 (documento fundador), com cópia do original	9
5 -	<i>Plano fundamental da Organização do Museu Archeologico Lapidar, Infante D. Henrique</i> (extraído do <i>Glossario critico dos principais monumentos</i> [...] de Pereira Boto)	12
6 -	Relatório de Pereira Boto acerca do MAF, de Maio de 1895	13
7 -	Cópia do Ofício de Pereira Boto, datado de 21 de Junho de 1896 enviado ao Director do Museu Etnográfico Português, José Leite de Vasconcelos ...	14
8 -	Excerto da Acta da Sessão da CMF, de 23 de Julho de 1896	15
9 -	Excerto da Acta da Sessão da CMF, de 17 de Setembro de 1896	16
10 -	Acta da Sessão extraordinária da CMF, de 10 de Outubro de 1897	17
11 -	Excerto do Jornal <i>O Século</i> de 15 de Junho de 1900, sobre o MAF	18
12 -	«Museu Municipal de Faro», artigo do jornal <i>O Algarve</i> , de 10 de Dezembro de 1911	20
13 -	«Museu arqueológico de Faro», artigo publicado no <i>Diário de Notícias</i> , de 4 de Janeiro de 1914	21
14 -	«Museu Arqueologico de Faro», artigo publicado na rubrica «Noticias de Faro», do <i>Diário de Notícias</i> , de 11 de Janeiro de 1914	22
15 -	«Museu Arqueologico de Faro», artigo publicado no <i>Diário de Notícias</i> , de 13 de Janeiro de 1914	23
16 -	Transcrição parcial do discurso do Director do Jornal, Lyster Franco, na sessão de encerramento do Congresso Regional Algarvio, publicado no jornal <i>O Herald</i> , de 31 de Outubro de 1915	24
17 -	«O Museu arqueologico de Faro está desorganizado. Assim o afirma no “Herald” um ALGARVIO», artigo d’ <i>O Herald</i> , de 22 de Novembro de 1915	25
18 -	Parecer do Instituto Arqueológico do Algarve, enviado à CMF, na sequência da iminente extensão das instalações do 8º Batalhão da Guarda Nacional Republicana à igreja do antigo convento de Santo António dos Capuchos	28
19 -	Exposição da CMF ao chefe do Gabinete do Ministério das Obras Públicas para a aquisição, por parte do Estado, do Convento de N.ª Sra. da Assunção	29
20 -	Definição de Arqueologia, por Pereira Boto, nas páginas 34 e 35 do <i>Glossario critico dos principaes monumentos</i> [...]	31
21 -	«Archeologia do Algarve – Arco de Tavira», artigo da autoria de Pereira Boto publicado n’ <i>O Archeologo Português</i> , em 1896	32
22 -	Descrição, por Pereira Boto, de uma cabecinha humana de mármore encontrada nas ruínas romanas do Milreu, perto de Estoi, in <i>O Archeologo Português</i> , Dezembro de 1896	33
23 -	«Antigualhas do Museu de Faro», artigo de José Leite de Vasconcelos publicado n’ <i>O Archeologo Português</i> , 1903	34

- 24 - Artigo de José Leite de Vasconcelos sobre o MAF, publicado n' *O Archeologo*, Dezembro de 1918 36
- 25 - Notícia do jornal *O Algarve* de 18 de Agosto de 1968, publicada n' *O Archeólogo Português*, série III, 1968 sobre a descoberta da inscrição árabe de Salir 39
- 26 - Transcrição da edição facsimilada do Alvará de 20 de Agosto de 1721, in *Património: Informar para proteger*, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1994, p. 7 40
- 27 - Protecção de Suas Majestades a Rainha D. Maria II e o Rei D. Fernando II à Academia de Belas Artes de Lisboa, in *Diário do Governo* de 31 de Outubro de 1838, n.º 258 42
- 28 - 3.º Artigo do Projecto reorganizador do ensino das Belas Artes e da Arqueologia, escrito pelo Marquês de Sousa Holstein, no âmbito da Comissão criada em 10 de Novembro de 1875 43
- 29 - *Necessidade da criação d'um Museu de Historia, de Artes de Ornamentação e de Antiguidades em Lisboa*, documento de 1878 da autoria de Teixeira de Aragão 44
- 30 - «Questionário Geral da Comissão dos Monumentos Nacionais», in *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 1894, tomo VII, n.º 1 46

Doc. 1

Excerto da Acta da Sessão de 3 de Fevereiro de 1886, Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro.

[...] Leu-se um officio da Direcção do Instituto Archeológico do Algarve dizendo ter requerido ao Governo de Sua Magestade a remessa dos monumentos com que em 1880 foi fundado, na Academia de Bellas Artes de Lisboa, o Museu Archeológico do Algarve para ser reorganizado nesta cidade com todos os demais monumentos posteriormente descobertos e com algumas importantes colecções particulares, fazendo largas considerações a respeito da fundação do Museu, da conveniencia de se estabelecer um edificio publico como succedeu em Évora, Elvas, Santarem, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, mostrando que em Faro só a Camara é que pode dar alojamento para o Museu ou nos Paços do Concelho ou no extinto Convento dos Capuchos, dando-se preferencia a este ultimo edificio pelas suas especiais condições. Em seguida passou a Camara a ocupar-se, com o maior interesse examinou uma por uma todas as casas dos novos edificios dos Paços do Concelho e a importancia dos serviços para que são destinadas; fez igual exame com relação ao convento dos Capuchos, do seu estado, das acomodações e das condições com que foi concedido segundo a lei de 3 d'Outubro de 1871, resultando de tudo reconhecer a Camara não se poder estabelecer o Museu nos Paços do Concelho, porque as casas ainda não ocupadas apenas bastam para os serviços que ali tem de executar-se e não poder alojar-se no Convento dos Capuchos senão temporariamente visto que este edificio tem de ser convertido em cadeia, segundo as condições da sua concessão constantes da lei citada de 3 de Outubro de 1871, deliberando a Camara que todas estas circunstancias se desse conhecimento à dignissima Direcção do Instituto Archeologico em resposta ao seu officio. [...]

Doc. 2

Excerto da Acta da Sessão de 22 de Fevereiro de 1894, Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro

[...] *Leu-se um officio circular da Camara Municipal do Porto que trata da celebração do 5.º centenario do Infante D. Henrique nos seguintes termos = Ill.mo Ex.mo Snr. Tendo esta Municipalidade do Porto resolvido celebrar com toda a pompa a datta de 4 de Março de 1894, quinto centenario do nascimento do Infante D. Henrique e, desejando que todo o paiz acompanhe esta manifestação patriótica, resolveu a commissão do mesmo centenario, affixar cartazes em todas as povoações, com o fim de chegar ao conhecimento dos cidadãos portuguezes a noticia d'esta consagração nacional, que tem em vista despertar os brios da nação, no culto pelas brilhantes lições de amor patrio que nos legou o passado.*

Com este intuito, tenho a honra de remetter a V. Exa. o incluso cartaz que peço a distinta fineza de mandar affixar em local apropriado, serviço este que a commissão espera obter da generosidade e patriotismo desse Municipio a que V. Exa. tão dignamente preside, favor que reconhecidamente agradece.

Não levam sello os cartazes por terem sido izentos d'esse imposto por concessão do Ministerio da Fazenda.

E dar-se-há por muito distinguida esta Camara e igualmente a commissão do centenario se esse respeitavel Municipio se quizer fazer representar n'esta solemnisação por alguns dos seus dignos membros, sendo tambem muito de apreciar que no cortejo figure a bandeira d'essa illustre Municipalidade.

Permita-me V. Exa. que, em nome d'esta commissão, tribute a esse respeitavel Municipio os protestos da alta consideração em que temos o serviço que ousamos pedir e que motiva a nossa profunda gratidão.

Deus Guarde a V. Exa. – Porto e Secretaria da Commissão do Centenario – Paços do Concelho Municipal, 31 de Janeiro de 1894. Ill.mo e Ex.mo Snr. Presidente da Camara de Faro – O Presidente A. Costa e Almeida.

Em seguida o Presidente no intuito de corresponder ao levantado pensamento da Camara Municipal do Porto manifestado no documento que acaba de ser lido propôz = 1.º Fazer-se representar esta Camara nas manifestações que terão logar na Cidade do Porto para commemorar o 5.º centenario do Infante D. Henrique – 2.º Que no dia 4 do proximo mez de março, pelo meio dia, em consideração dos serviços prestados á patria por um vulto tão proeminente da nossa historia, se procederá á inauguração d'um muzeu archeologico que se denominará “muzeu archeologico lapidar Infante D. Henrique” – 3.º Encarregar de representar no Porto esta Camara para todos os effeitos na solemnisação do centenario, o Ill.mo e Ex.mo Snr. Casimiro Ascensão de Sousa Meneses dignissimo commendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Bacharel em Mathematica e Engenheiro Chefe de 1.ª classe – 4.º Convidar o Ex.mo e R.mo Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto, camareiro secreto da sua santidade, conego capitular da Sé Cathedral de Faro e Vice Reitor do Seminario Episcopal d'esta Diocese, para na sua qualidade de membro da Sociedade de Geographia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, se encarregar da organização technica do nascente muzeu lapidar com o cargo de respectivo conservador – Propostas estas que foram approvadas com entusiasmo pela Camara e por ella encarregado o seu Presidente de as levar a execução. [...]

Doc. 3

Excerto da Acta da Sessão de 1 de Março de 1894, Livro 32 de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro, fls. 56 e 57

[...]

Ao um dia do mez de março do anno de mil oitocentos noventa e quatro, n'esta cidade de Faro, Paços do Concelho e sala das sessões da Camara Municipal, compareceram pelo meio dia João José da Silva Ferreira Netto, Manoel de Bivar Heinholtz, Francisco José Tavares Horta, Manoel Joaquim Ferreira d'Almeida, Agostinho Ferreira Chaves Leal, Francisco Damazo Tavares Bello, Manoel Rosa de Sousa Dourado, José Maria da Conceição, o primeiro Presidente, o segundo Vice Presidente e os demais Vereadores d'esta camara; faltaram por motivo justificado os Vereadores effectivos Epaminondas de Brito Simões Carrajola e João Vicente de Brito e por motivo de licença o Vereador Carlos Augusto de Castro Barrot. [...]

Disse então o Presidente que de harmonia com o que fora deliberado por esta Camara procurára sua Ex.^a R. o Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto e o convidára a aceitar o cargo de conservador do muzeu archeologico lapidar Infante D. Henrique que esta camara se propõe inaugurar ao herôe de Sagres no dia 4 do corrente – nomeação que nos termos mais amaveis declarou aceitar. Em presença do que deliberou a camara nomear o referido Monsenhor Botto conservador do dito muzeu. Mais deliberou a Camara que se remetesse copia authentica da acta d'esta sessão e da anterior [22 de Fevereiro] ao Ex.mo nomeado e se lhe fizesse o pedido de transmittir este facto às sociedades scientificas que nos paiz e fora d'elle julgar de ordem, inteirando-as de quasquer estudos archeologicos a que o seu vagar se possa ir prestando. [...]

Doc. 4

Sessão de 4 de Março de 1894, Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro [Documento Fundador do Museu]

Presentes = Bivar – Horta – Almeida – Leal – Bello – Conceição – Administrador do Concelho

Aos quatro dias do mês de Março de anno de mil oitocentos noventa e quatro, n'esta Cidade de Faro, Paços do Concelho e sala das sessões da Camara Municipal, compareceram, pelas onze horas do dia, Manoel de Bivar Heinholtz, Francisco José Tavares Horta, Manoel Joaquim Ferreira d'Almeida, Agostinho Ferreira Chaves Leal, Francisco Damazo Tavares Bello, José Maria da Conceição; Vice Presidente e Vereadores d'esta Camara; á mesma hora compareceu o Presidente da mesma Camara desempenhando as funções d'Administrador d'este Concelho no impedimento por doença d'este magestrado. O Vice Presidente abriu a sessão dizendo que os Snrs. Vereadores João Vicente de Brito, Epaminondas de Brito Simões Carrajola e Manoel Rosa de Sousa Dourado o haviam encarregado de significar aos seus collegas o pesar que lhes assistia por não poderem ser presentes á sessão de hoje – por tantos titulos sympathica – visto acharem-se ausentes d'esta provincia; iguaes escuzas de não comparencia foram apresentadas em officio por Monsenhor Conego Pereira Botto, Conservador do Muzeu que se vai inaugurar, por se achar na Sé Cathedral junto da pessoa de Sua Ex.^a (?) o Sñr. Arcebispo Bispo d'esta Diocese em desempenho do alto cargo que ali occupa – documento escripto em que o referido Monsenhor Pereira Botto tambem accusa e agradece as copias authenticas das actas das sessões de 22 de fevereiro ultimo e um do corrente, confirmando assim a aceitação do cargo gratuito de Conservador do Muzeu de que se trata. Pelo meio dia passou a Camara e referido magistrado á sala destinada ao Muzeu, onde se achavam já diversos monumentos. O Vice Presidente occupando o seu logar, e depois de cumpridas todas as formalidades uzadas em taes actos – declarou solemnemente inaugurado o muzeu municipal sob a denominação de “Muzeu Archeologico Lapidar Infante D. Henrique”. Feito o que é dando-se por concluida a cerimonia da inauguração o Vice Presidente levantou a sessão. E para constar se lavrou a presente acta que vai ser assignada pela Camara, Administrador do Concelho e por mim Manoel José da Silva, secretario da Camara Municipal de Faro, que a subscrevi.

Nota: Nas páginas seguintes seguem as imagens editadas por nós, da cópia do documento que acabamos de transcrever.

Sepão de 4 de Março de 1894

Presentes = Sr. D. Duarte Hortas e Almeida - Seal - D. Bello - Conceição - e Administrador do Concelho

Às quatro horas da tarde do dia 4 de Março de 1894, mil oitocentos e noventa e quatro, nesta Cidade de Faro, Freguesia do Concelho e sala das sessões da Câmara Municipal, compareceram pelas onze horas da noite, Manuel de Figueira Affonso, Francisco José Soares Hortas, Manoel Joaquim Ferreira de Almeida, Agostinho Ferreira Chaves, Sebastião, Francisco Sampaio, Francisco Bello, José Maria das Conceições, Vice Presidente e Vereadores desta Câmara; a mesma hora compareceu o Presidente da mesma Câmara desempenhando as funções de Administrador do Concelho no impedimento, por doença deste magistrado. O Vice Presidente abriu a sessão dizendo que os Srs. Vereadores João Vicente de Brito, e Jaminondas de Brito Simões e Carajola, e Manoel Flosa e do Sousa Mourado, e haviam em requêdo de significar aos seus collegas e pezar que lhes assistissem por não podêrem ser presentes a sessão de hoje - por tantos títulos sympathicas - visto acharem-se ausentes d'esta provincia; e que se ausentarem não comparencia foram apresentadas em officio por Conselheiro Conego Ferreira Botto, Conservador do Museu que se vai inaugurando; por se achar na Sé Cathedral junto da pessoa do Sr. Bispo. Sr. Bispo Arcebispo Bispo d'esta Diocese em desempenho do alto cargo que ali occupa - documento escripto em que o referido Conselheiro Ferreira Botto também accessa e agradece as copias authenticas das actas das sessões de 22 de fevereiro ultimo e um do corrente, e confirmando assim a vacatção do cargo gratuito de Conservador do Museu de que se trata. Fato mais dia passou a Camara e o referido magistrado a sala destinada ao Museu onde se acharam já diversos monumentos. O Vice Presidente occupando o seu lugar, e depois de cumpridas todas as formalidades usadas em tais actos - declarou solemnemente inaugurando o Museu Municipal sob a denominação de Museu Archeologico Lapidario Infante D. Henrique. Fato e que se dando-se por concluida a cerimonia da inauguração o Vice Presidente levantou a sessão. E para constar se lavrou a presente acta que vai ser assignada pela Camara, Administrador do Concelho.

el potoniam e sup unu t Gore Sa Silve, se relanua de
Camara Municipal de Pano, una a du breves;

Manfredino Weinbrenner

Francoise Fournier

Francoise Damore Tavares Belle

Manfredino de Silva

19
fada
focccccc
fi

Doc. 5

Plano fundamental da Organização do Museu Archeologico Lapidar, Infante D. Henrique (extraído do Glossario critico dos principais monumentos (...) de Pereira Boto.

Approvado, em sessão camararia de 15 de Março de 1894

1.º

Estremada distribuição do material archeologico por tres salas com seis grandes secções, correspondentemente aos seis periodos capitaes – prehistorico, protohistorico, luso-romano, luso-arabe, luso-visigothico, portugûes.

2.º

Adaptação de distico (quadro ou etiquêta) resumidamente explicativo de cada monumento ou serie de monumentos.

3.º

Methodo remissivo na annotação dos quadros ou etiquêtas, com registo das principaes consociações da jazida archeologica.

4.º

Matricula dos monumentos doados ou depositados em livro de honra com a indicação nominal dos dotadores ou depositantes.

5.º

Subordinação da provisoria organização d'este museu ás exigencias do seu plano definitivo.

Doc. 6

Relatório de Pereira Boto acerca do MAF, in *O Archeologo Português, Collecção Illustrada de Materiaes e Noticias*, Publicada pelo Museu Ethnographico Português, Imp. Nacional, Lisboa, Maio de 1895, Vol. I, N.º 5, p. 137.

O «Museu archeologico lapidar» não esta ainda definitivamente organizado; quando um dia o numero e classe o permittam, deverão os objectos ser distribuidos em quatro estremadas secções: prehistorica, romana, árabe, portuguesa; não obstante, isto tudo vae ficando por agora com tal ou qual plano de systematizada exhibição e ordenado registo.

E bem haja a Camara Municipal de Faro, que, se é monetariamente pobre, é manifestamente rica pela illustração dos seus dignos vereadores, como exuberantemente o evidenciou na criação d'este Museu, consagrado nas salas dos seus paços ao nunca assaz perpetuado Infante D. Henrique, – por sem dívida glorioso nucleo de monumento maior, que outros irão pouco a pouco enriquecendo. Secretaria do «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», Faro, em 27 de Março de 1895.

Monsenhor Conego – PEREIRA BOTO

Doc. 7

Cópia do Ofício de Pereira Boto, datado de 21 de Junho de 1896 enviado ao Director do Museu Etnográfico Português, José Leite de Vasconcelos, in *O Archeologo Português, Collecção Illustrada de Materiaes e Noticias*, Publicada pelo Museu Ethnographico Português, Imp. Nacional, Lisboa, Junho e Julho de 1896, Vol. II, N.ºs 6 e 7, p. 167.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Considerando eu que todos os Museus Archeologicos do país, qualquer que seja a sua feição predominante, se devem reputar natural e necessariamente filiados num Museu Central, com que entrettenham solidarias relações de vida commum e onde busquem a orientação que hão mister, em ordem ao systematico desenvolvimento dos estudos scientificos que promovem, tenho o grato prazer de communicar ao Museu Ethnographico Português, que a Camara Municipal de Faro deliberou, em sua última sessão de 18 do corrente, declarar, na quinta-feira de cada semana, a franquia pública do Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique», de minha fundação e encargo.

Deus guarde a V. Ex.^a – Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnographico Português. – Secretaria do Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique», em Faro, 21 de Junho de 1896. = O conservador, Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, socio honorario da Real Associação dos Archeologos Portugueses e Architectos Civis.

Doc. 8

Excerto da Acta da Sessão de 23 de Julho de 1896, Livro 32 de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro, fl. 189.

[...] Expôs o Snr. Vereador [José Maria de Mendonça] Brandeiro que occupando-se com os Ex.mos Snrs. Conegos da Sé Cathedral d'esta Cidade, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto e Manoel Bernardo Cardoso Botelho Furtado d'Assumptos referentes ao muzeu municipal obtivera d'elles a daclaração a declaração de que – da melhor vontade e sem retribuição alguma – prestariam o seu concurso para augmento e engrandecimento do referido muzeu. Pela que elle Snr. Vereador propunha que se solicitasse do Governo de Sua Magestade a devida auctorização para esta Camara nomear o 1.º dos referidos cavalheiros Conservador e o 2.º seu adjunto nos termos por elles expostos de “sem vencimento ou retribuição alguma”. Proposta esta que foi approvada unanimemente pela Camara. [...]

Doc. 9

Excerto da Acta da Sessão de 17 de Setembro de 1896, Livro 32 de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro, fl. 198, Arquivo Distrital de Faro

[...] Deu-se conta da seguinte correspondencia = Leu-se um officio expedido pela 1.^a repartição do Governo Civil d'este Districto, sob n.º 396, dizendo que em officio do Ministerio do Reino, foi declarado que podia esta Camara encarregar pessoas de suas confianças do desempenho das funções de conservador e seu adjunto do muzeu archeologico e lapidar d'esta Camara – De conformidade com este officio e nos termos expostos no respectivo requerimento dirigido ao Governo de Sua Magestade deliberou a Camara nomear o Ex.mo Rev.mo Snr. Dr. Manoel Bernardo Cardoso Botelho Furtado adjunto do Dig.mo Conservador do Muzeu de que se trata. [...]

Doc. 10

Acta da Sessão de 10 de Outubro de 1897 (extraordinária), Livro 33 de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Faro, Arquivo Distrital de Faro

Presentes os Senhores = Netto – Cumano – Leal – Brandeiro – Bello – Barrot – Mendonça – Brito – Dourado e Administrador do Concelho.

Aos dez dias do mez d'Outubro do anno de mil oitocentos noventa e sete, n'esta cidade de Faro, Paços do Concelho e sala das sessões da Camara Municipal reuniram-se extraordinariamente pelas onze horas da manhã os Senhores João José da Silva Ferreira Netto = Constantino Cumano = Agostinho Ferreira Chaves Leal = José Maria de Mendonça Brandeiro = Francisco Damaso Tavares Bello = Jayme Arthur de Castro Barrot = Francisco de Paula Mendonça = João Vicente de Brito = Manoel Roza de Souza Dourado, o 1.º Presidente, o 2.º Vice Presidente os demais vereadores; á mesma hora compareceu o Snr. Administrador do Concelho, o Dr. José Caetano de Mattos Sanches. O Snr. Presidente abriu a sessão e tomando a palavra disse que, para satisfação d'esta camara e dos povos d'este concelho, comunicava que Sua Magestade El-Rei no brinde que lhe dirigiu em palavras eloquentes agradecendo a recepção que o povo de Faro lhe fez e a Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Amelia, exaltou as qualidades dos filhos d'esta provincia e prometeu dotal-a dos melhoramentos de que mais carece, como a conclusão do caminho de ferro que como se sabe deve ligar Villa Real de Santo Antonio¹ a Faro e Messines a Portimão e Lagos, bem como o melhoramento dos portos principais e primeiro dos quaes deve ser pela sua importancia o porto comum de Faro e Olhão. Disse mais o Snr. Presidente que para perpetuar o memoravel dia da chegada de Suas Magestades a Faro e em reconhecimento das atenções dispensadas pelos Nossos Soberanos a esta Camara e das promessas feitas por Sua Magestade El-Rei, fosse collocada no muzeu archeologico lapidar Infante D. Henrique uma lapide comemorativa da visita de Suas Magestades aquelle estabelecimento municipal, bem assim na Torre de Santo Antonio do Alto outra lapide pelo mesmo motivo e que ao largo da Sé que defronta com o Paço Episcopal, transformado em Paço Real pela presença de Suas Magestades, fosse dado o nome de Praça D. Carlos 1.º e que a rua de Lisbôa a primeira por onde Suas Magestades passaram o nome de Avenida Rainha D. Amelia. Propostas estas que foram approvadas com o maior enthusiasmo pela Camara. Em seguida, o Snr. Presidente levantou a sessão e de tudo para constar se lavrou a presente acta que vai ser assignada pela Camara e por mim Manoel José da Silva secretario da Camara Municipal de Faro a subscrevi.

¹ A linha férrea do sul chega a Vila Real de Santo António no dia 5 de Junho de 1906.

Doc. 11

Excerto do Jornal *O Século* de 15 de Junho de 1900, in *O Archeologo Português*, volume XXI, de Janeiro a Dezembro de 1916, N.ºs 1 a 12, p. 354

16. Museu arqueológico do Infante D. Henrique, em Faro

Recomendar a visita dêste precioso museu aos viajantes que, cada vez mais numerosos, visitam o belo Algarve, mormente na ocasião actual, em que o preço da viagem em combóio é reduzido, o mesmo é que prestar-lhes um sincero serviço. O museu encerra numa disposição tam perfeita, que dispensa incómodos e dispendiosos cicerones, abundantes monumentos das civilizações luso-romana, luso-árabe e judaica, e das idades preistóricas.

Fundado em Março de 1894 pela ilustrada câmara de Faro, que o estabeleceu em três excelentes salas dos paços do concelho, em tam curto prazo êste instituto chegou a um grau de riqueza, na quantidade e valor histórico dos seus monumentos, que nenhum dos seus congêneres do país tem alcançado em dezenas de anos.

Êste resultado sem precedentes deve-se à devotada dedicação e espirito fino e eminentemente organizador do sábio fundador do museu, Sr. conselheiro mosenhor Pereira Bôto, ex-vice-reitor do seminário de Faro, e actual cônego da Sé de Lisboa.

Inaugurado o museu no dito mês e ano, apenas com alguns monumentos, para solenizar perpétua e útilmente o patriótico centenário henriquino, de tal modo conseguiu S. Ex.^a interessar e cativar o espirito culto do Algarve por aquela fundação tam honrosa para esta província, que de toda a parte começaram a afluir ali monumentos oferecidos uns, outros depositados.

Assim correspondeu e continua correspondendo o Sr. Conselheiro Bôto às ilustradas vistas da camara que o nomeou conservador do museu, não só em atenção à devotada iniciativa de S. Ex.^a, mas também em respeito à sua vastíssima erudição e competência, já reconhecidas e laureadas pela inclusão do seu nome como membro das primeiras associações scientificas do país e algumas estrangeiras.

Basta dizer-se que o Sr. Bôto tem interpretado com rara sagacidade inscrições hebraicas e árabes, porque nas respectivas linguas e em muitas outras é versado.

Prova brilhantíssima e inconcussa do cultíssimo talento do Sr. Bôto e do museu, que lhe deve o ser, é o Glossário crítico dos principais monumentos do museu archeológico Infante D. Henrique, que acaba de sair à luz pela pena diamantina de S. Ex.^a.

Nesta obra, que é também um monumento de sciência e de literatura, porque é escrita em elegante e puro português, vêem-se os documentos da fundação do museu e o plano admiravelmente concebido de sua sólida organização.

Precedendo a enumeração, criticamente apresentada dos monumentos, com clareza tal que atrai ao interêsse por êles os espiritos ainda mesmo medianamente cultos, há um capítulo preliminar intitulado O que podem valer os fragmentos em assuntos de arqueologia que, só por si, faz a reputação altamente scientifica do autor, e patenteia o entranhado amor que êle consagra aos nobres estudos archeológicos e ao museu que de tam pura dedicação nasceu.

Êste amor foi comunicativo a todo o Algarve, que preza realmente o seu belo e rico museu arqueológico, o qual, não obstante ter a sua sede naquela província, é um monumento nacional e até europeu, porque se acha já profunda e fraternalmente relacionado com instituições congêneres nacionais e estrangeiras.

Tais são as boas razões por que dissemos que, recomendando aos visitantes do Algarve o museu Infante D. Henrique, cremos prestar bom serviço ao público».

Doc. 12

«Museu Municipal de Faro», artigo do jornal *O Algarve*, de 10 de Dezembro de 1911, in *O Archeologo Português*, edição e propriedade do Museu Ethnologico Português, Composto e Impresso na Imprensa Nacional de Lisboa, Janeiro a Setembro de 1912, vol. XVII, n.ºs 1 a 9, p. 182

Na sessão realizada na quinta feira, o Sr. Presidente informou os seus colegas que a comissão transacta desorganizou o museu arqueológico e a biblioteca municipal, não sabendo a que idéias obedeceram estes actos que representam um atentado grave á arte, inteligência e trabalho. Lembrou o nome do Monsenhor Bôto que tanta dedicação teve por aquele museu, deixando-o catalogado numa obra considerada por todos os arqueólogos como um documento valiosissimo. Para desagravo, propõe a camara a reorganização dêsse museu e lembrou que sejam convidados para a efectuação do seu desejo os Srs. Calado Nunes, reitor do liceu, professor Carlos Vilamariz, Fidelino Figueiredo, Basilio de Vasconcelos e o director da Escola Industrial Ezequiel Pereira. Propôs o Sr. Presidente que fôsse lançada no próximo orçamento uma verba para a reorganização (catalogação, compra de livros e mobiliário, ordenados a empregados) da biblioteca municipal, e justificou a sua proposta com a necessidade de fomentar o desenvolvimento do espirito scientifico e literário e criar assim o ambiente próprio para a vida das escolas secundárias da cidade.

Nota: as linhas abaixo surgem depois do supratranscrito artigo, no mesmo número d'*O Archeologo Português*, provavelmente escrito por alguém encarregado da redacção da revista do Museu Etnológico Português.

*

O Museu Arqueológico de Faro, tal como o venerado e falecido arqueólogo Monsenhor Pereira Bôto, o havia organizado e classificado, tinha muita importância, porque aí estava representada com método boa parte da arqueologia algarvia. Já que, segundo acima se lê, alguém cometeu a insensatez de o dismantelar, oxalá que outros de melhor tino o restaurem, quanto antes, e aumentem!

Doc. 13

«Museu arqueológico de Faro», artigo publicado no *Diário de Notícias*, Domingo, 4 de Janeiro de 1914, Ano 50, n.º 17295, p. 4

O Museu arqueológico de Faro, organizado com todo o desvelo pelo falecido e erudito conego Pereira Boto, e por ele descrito em um livro especial, intitulado «Glossario critico do Museu Lapidar do Infante D. Henrique», chamava a atenção de todos os estudiosos que visitavam a capital do Algarve pela qualidade dos objectos que continha e pela boa classificação que a eles fôra dada pelo seu organisador: havia lá documentos importantes da idade da pedra, do bronze e do ferro, entre eles um idolo, de Moncarapacho, publicado no «Arqueologo Português», VIII, 171; contas de vidro, de origem oriental, um espeto de bronze, muito raro, dado pelo rei D. Carlos, e bem assim artefactos romanos, de vidro e de barro, inscrições latinas, arabicas e outras.

Pois, o Museu que encerrava todas essas riquezas arqueológicas, que constituíam paginas curiosas da historia da civilisação da Lusitania meridional, riquezas tão amorosamente e com tanto trabalho rebuscadas e coordenadas por Pereira Boto, foi desmantelado sem o minimo escrupulo! E os objectos, que qualquer bom museu estrangeiro cobiçaria, jazem dispersos ou em montão, desclassificados, desvalorizados, e, o que peor é, em parte quebrados!

Constando ao conselho dos monumentos nacionais estes factos vergonhosos e improprios de um país civilisado, resolveu ele, por unanimidade, e sob proposta dos srs. D. José Pessanha e dr. José Leite de Vasconcelos, em sessão de 2 do corrente, officiar á camara municipal de Faro, convidando-a:

1.º Ou a reorganisar o dito Museu.

2.º Ou a enviar os objectos para o Museu Etnologico Português, onde encontrarão lugar condigno, integrados nas colecções respectivas e subordinados ao nome do benemerito Pereira Boto.

É pena que, estando o governo a zelar a conservação dos nosso monumentos, promulgando leis, criando conselhos, elaborando regulamentos, ele não seja sempre secundado nas terras onde esses monumentos estão por quem mais de perto devia velar por eles.

Doc. 14

«Museu Arqueologico de Faro», artigo publicado na rubrica «Noticias de Faro» do *Diário de Notícias*, Domingo, 11 de Janeiro de 1914, Ano 50, n.º 17302, p. 7

*Noticias de Faro**Museu Arqueologico de Faro*

Janeiro, 8 – A propósito da local publicada no *Diario de Noticias* de 4 do corrente, acerca do Museu Arqueologico Lapidar Infante D. Henrique, desta cidade, e atribuida ao conselho dos monumentos nacionais, que sobre esse assunto foi mal informado, deliberou a camara municipal, em sua sessão de 5, desmentir o que nessa local se afirma com relação ao abandono dos objectos do Museu, atribuido á mesma camara.

Efectivamente o Museu foi transferido, em 1910, da casa onde se achava instalado, resultando dessa transferência uma certa desorganisação do mesmo. Todavia as duas comissões municipais anteriores não descuraram, por forma alguma, a sua reorganisação, tendo-se oficiado frequentes vezes para a comissão central de execução da lei da Separação, no sentido de ser cedida a igreja dos Capuchos e dependencias, a fim de nela ser devidamente instalado o aludido Museu e bem assim os quadros que existiam no antigo palacio episcopal e seminario desta cidade.

Obtida essa cedencia e preparada a referida igreja para a instalação dos objectos mencionados, foi convidado o Sr. director da Escola Industrial Pedro Nunes, Carlos Augusto Lyster Franco, para com o sr. dr. Justino Bivar, membro da comissão municipal, proceder á colocação e distribuição dos objectos do Museu que assim ficaria sendo um Museu Regional, onde o turista encontraria motivo para apreciar a pre-historia e historia do Algarve, bem como alguns quadros de autores nacionais consagrados, como por exemplo, Vieira Portuense.

Precisamente quando a local referida apareceu no *Diario de Noticias*, estava-se procedendo ao transporte dos objectos do Museu para a igreja dos Capuchos, a fim de ser levada a efeito a reorganisação pretendida. Nestas circunstancias a local em questão é menos verdadeira e por ser infundada levantou geral indignação entre os membros da camara e habitantes de Faro.

Doc. 15

«Museu Arqueologico de Faro», artigo publicado no *Diário de Notícias*, Terça-Feira, 13 de Janeiro de 1914, Ano 50, N.º 17304, p. 1.

Com relação á correspondencia que, no Domingo apareceu no Diario de Noticias, na qual se rectificava a local que publicámos há dias, temos de acrescentar que muito folgámos quer com o ter ela despertado indignação nos farenses, por isso é prova de que o sentimento e amor das cousas locais se avivam no espirito do povo, quer principalmente com a noticia de que o Museu Arqueologico de Faro vai ser reorganizado.

Em todo o caso a nossa informação não era inexacta: não só a obtivemos de boas fontes, mas o proprio correspondente de Faro a confirma quando diz que o Museu sofreu «certa desorganisação».

Para se remover um Museu tão valioso, e tão bem organizado como estava o de Faro, não devia proceder-se como se procedeu, pondo em desalinho e a monte o que tinha ordem e classificação: primeiro devia arranjar-se a nova casa, e depois então, pouco a pouco, remover cada secção do Museu; assim se evitaria a «desorganisação» a que o correspondente alude, e não se teria privado o publico de n'este meio tempo visitar o Museu, nem se teria produzido nos estudiosos a má impressão que se produziu.

Reponha-se, se se puder, nas condições primitivas o Museu que o conego Pereira Boto com tanta dedicação coordenou, ou até, aumente-se e melhore-se, e nós não recusaremos aplauso a quem de direito o merecer: e assim damos por concluido este incidente, embora conscios de que foi util a vigilancia que tanto nós, na nossa qualidade de jornalistas, como o conselho dos monumentos exercemos n'um assunto como este, que tanto importa á arqueologia e historia nacionais.

Doc. 16

«Congresso Regional Algarvio (3, 4 e 5 de Setembro)», artigo da rubrica «PRÓ ALGARVE» publicado n' *O Herald, Semanário Republicano Democrático*, Domingo, Faro, 31 de Outubro de 1915, Ano IV, n.º 2 (301), p. 1.

[Transcrição parcial do discurso do Director do Jornal, Lyster Franco, na sessão de encerramento do Congresso]

Em atenção ao limitadissimo tempo de que disponho e para não abusar da benevolencia do ilustre auditorio, que tão atenciosamente me tem escutado, passo a formular as seguintes propostas que recomendo á carinhosa benemerencia do Congresso.

1.º – Proponho que, pelo meticoloso estudo das importantes colecções arqueológicas existentes no Algarve, quer no Museu Infante D. Henrique, de Faro, cuja reorganisação se impõe, quer nas riquissimas colecções particulares, dos monumentos e ruinas, se empreguem os mais deligentes esforços tendentes a efectivar uma indispensável destrição, que nos permita ficar conhecendo, tanto quanto possivel, a arte Algarvia, desde as suas mais ingénuas primícias.

3.º – Que a Comissão Executiva do Congresso Regional Algarvio tome a benemerita iniciativa de, em cooperação com todos os municipios do Algarve, organizar nesta provincia os chamados Museus Regionais de tão reconhecida utilidade para as povoações onde são instalados.

Doc. 17

«O Museu arqueologico de Faro está desorganizado. Assim o afirma no “Heraldo” um ALGARVIO», artigo da rubrica «Actualidades» publicado n’O *Heraldo*, *Semanário Republicano Democrático*, Faro, Domingo, 22 de Novembro de 1915, Ano IV, n.º 5 (304), p. 2.

A propósito das nossas ligeiras referencias ao projectado «Instituto Arqueologico, feitas no Heraldo,» recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, por versar um assunto do mais alto interesse publico e vir redigida naquela linguagem em que devem primar os jornaes modernos:

«Ex.^{mo} Sr. Redactor: – No segundo numero do seu «Heraldo» deu-nos V. Ex.^a a grata noticia de que, por iniciativa da Academia de Ciencias de Portugal – ia fundar-se em Faro um «Instituto Arqueológico».

No quarto número, ou seja o ultimo, dá publicidade á noticia de ter sido assinado um decreto «creando em Faro um Museu Regional de Arte e Arqueologia, constituído pelo recheio do Museu Monsenhor Boto (?), devendo de futuro este museu ser instalado no edificio do extinto convento de S. Bento. (??) e fundando e organisando em Faro, anexo á Academia das Ciencias de Portugal, «O Instituto Arqueologico do Algarve».

Está muito bem. A idéa é louvavel e digna dos maiores aplausos; embora eu não tenha a distinta honra de conhecer nesta cidade quaesquer cavalheiros a quem apropriadamente caiba o scientifico qualificativo de arqueologos – se alguns há são tão modestos que ainda não deram sinal de si, – estou bem certo de que não faltarão boas vontades para realisar-se tão util empreendimento, logo que se lance mão de gregos e de troianos, buscando-se as competencias onde elas estiverem e sem prévia audiencia da Senhora D. Politica, dama muito respeitavel, mas sobejamente conhecida de nós todos para que dispensemos o seu concurso onde ele é perfeitamente inoportuno e escusado.

Na mesma local a que me venho referindo, diz V. Ex.^a que o «Museu Arqueologico de Faro», aberto ao publico há muitos anos, deve-se á iniciativa do falecido conego Boto e pertence á Camara Municipal desta cidade, sendo actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar.

Ora desculpe V. Ex.^a sr. Redactor, que eu me permita vir contraditar da melhor forma que ser possa, parte das suas bem intencionadas afirmativas.

Irei de vagar para mais depressa chegar ao fim a que me propuz.

Não há duvida que o «Museu Arqueologico de Faro» foi fundado pelo meu saudoso amigo, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto. Existe ainda, felizmente, muita gente nesta cidade que bem se lembra do alto empenho com que aquele verdadeiro homem de ciencia realistou o seu intento, não se poupando a trabalhos nem a sacrificios de toda a especie.

Em Fevereiro de 1894, a Camara Municipal nomeou-o conservador do Museu, e ele, muito embora o tempo lhe não abundasse, porque era então, se não estou em erro, vice reitor do Seminário, aceitou com prazer tal encargo, só para olhar mais de perto pelo seu querido Museu.

Botto foi um arqueologo de valor, um trabalhador incansavel; se o não fosse não teria conseguido vencer a indiferença e a hostilidade do meio, dotando a cidade de Faro com tão valiosas preciosidades.



O Museu Arqueologico Lapidar «Infante D. Henrique» seria hoje um verdadeiro tesouro se a Camara Municipal, de quem V. Ex.^a diz ser ele pretença, o tivesse cuidado sempre com aquele zelo que justifica o portuguesissimo dictado: «O olhar do dono engorda o cavallo».

Mas tal não sucedeu, infelizmente. A maioria das vereações, que teem passado pelos Paços do Concelho, por uma indesculpavel má orientação, considerou sempre o Museu Arqueologico como um pesado encargo, indigno de quaesquer cuidados e atenções.

Com a retirada de Pereira Botto para Lisboa, começou para o Museu um verdadeiro fadario, pois nunca mais houve quem olhasse por ele.

Morto o seu illustre fundador, entrou a decadencia a acentuar-se e o Museu passou a andar de Herodes para Pilatos, dentro do proprio edificio da Camara, numa especie de delirio deambulatorio, chegando por fim a estar muito tempo encafuado num casarão improprio, longe das vistas do publico e fechado á investigadora curiosidade dos visitantes nacionaes e estrangeiros.

Revolvidos por mãos de incompetentes, com esse atrevimento que dá a ignorancia, ficou, desde logo o Museu com as suas colecções truncadas e reduzido a uma especie de simples amontuado de coisas velhas, sem prestimo aparente, que ninguem sabe de onde vieram nem para que serviram.

Graças a este desleixo, tão criminoso como português, foi inutilisado quasi por completo, todo o trabalho feito por Pereira Botto.

Agravando a situação, a Camara Municipal, talvez por economia, — em Portugal, paiz das lembranças que parecem esquecimentos, há tambem a mania de fazer economias que a breve trecho se transformam em grandes dispendios! — deixou-se de reeditar o respectivo catalogo (Glossario dos principaes monumentos do Museu Arqueologico «Infante D. Henrique»), de sorte que até essa valiosa base falta a quem deseje estudar, a sério, os objectos expostos.

É triste, não lhe parece?

Durante muito tempo, o Museu vegetou no tal casarão improprio, entregues os seus valiosos objectos ao maior desprezo e ao mais completo abandono.

Ha pouco, transferiram-no para a velha igreja de Santo Antonio dos Capuchos e para lá o arrumaram, com muito gosto e fina arte.

Ora diz V. Ex.^a que o Museu é actualmente dirigido pelo sr. dr. Justino de Bivar.

Perdoe-me, sr. Redactor, mas venho dizer-lhe que V. Ex.^a labora, por certo, num erro lamentavel.

O Museu Arqueologico, em que pese aos que afirmam o contrario, continua acéfalo, é só o que se pôde concluir depois de visita-lo num instante que seja.

Para dirigir um Museu Arqueologico carecem-se requisitos scientificos especiaes que, por maior que seja a minha boa vontade, não lógro descobrir na pessoa do sr. dr. Justino de Bivar.

Este será um optimo advogado, um magnifico presidente da comissão executiva municipal; é, sem contestação, um excelente e digno rapaz, sempre pronto a coadjuvar todas as iniciativas uteis, um cavalheiro, emfim, da mais distincta sociedade, mas daí a arqueologo e portanto a pessoa competente para dirigir o Museu, vai uma distancia quasi tão grande como da terra á lua, onde, por vezes, se me afigura que todos nós vivemos, quando mutuamente nos atribuímos qualidades que estamos longe de possuir.

O Museu será, quando muito, uma das ramificações de serviço do pelouro municipal a cargo do sr. Bivar.

Deve ser isto, e nada mais.

Pela minha parte não creio, enquanto não me provarem o contrario, que exista qualquer entidade, a dirigir exclusivamente o Museu e a minha descrença fundamenta-se no convencimento de que, se tal acontecesse – que fosse o sr. Bivar ou qualquer outro bem intencionado, com um pouco de intuição, por muito pouca que ela fosse – já nos teríamos tido o gosto de ver, aqui em Faro, uma pessoa idónea a reorganizar o Museu Arqueologico de forma a livra-lo de vandalismos que saltam aos olhos e que fariam a vergonha de qualquer aprendiz de bric-a-brac.

Porque, em verdade lhe digo, sr. Redactor, um Museu Arqueologico disposto com muito gosto e fina arte, – como, se bem me lembro, disse em tempos o correspondente de um jornal de Lisboa, – sera muito lindo, sera muito lindo, sera magnifico, mas é insufficientissimo para o fim a que se destina; deixa de ser um Museu para tornar-se um simples estendal de coisas velhas e sem prestimo.

Eu podia concretizar mais o assunto e expor a razão ou as razões que me inibem de chamar Museu Arqueologico ao conjunto de objectos antigos que a camara arrecadou no velho templo franciscano, mas não gosto de melindrar ninguém, nem desejo que me julguem animado de um espirito capaz de amesquinhar iniciativas alheias; além disso o sr. Bivar ao entrar para o municipio não contraiu, segundo me consta, a obrigação de ser arqueologo... malgré lui.

Modesto e trabalhador como é, estou bem certo de que aquele sr. seria o primeiro a julgar-se incompetente para um lugar outróra tão distinctamente ocupado pelo meu saudoso amigo Pereira Boto, que, justo é diselo, teve em Manuel de Bivar um dos cooperadores mais inergicos e devotados – se tal logar não passasse de uma simples fantasia decorativa de que aliàs as tradições do seu nome lá dentro da camara, não carecem.

Desculpe, sr. Redactor, ocupar tão precioso espaço no seu jornal, ventilando num assunto que se me afigurou de importancia maxima, mas a culpa é sua, visto que, na circular com que V. Ex.^a me honrou, diz-se que «O Herald» espera obter todas as informações de reconhecida importancia para o desenvolvimento moral, intelectual e material desta formosa provincia.

E como não desejo popularisar meu nome, tão conhecido de V. Ex.^a desde longa data, consinta-me que para os seus leitores eu referende esta com o simples pseudonimo de UM ALGARVIO.

Doc. 18

Parecer do Instituto Arqueológico do Algarve, enviado à CMF, na sequência da iminente extensão das instalações do 8.º Batalhão da Guarda Nacional Republicana à igreja do antigo convento de Santo António dos Capuchos

Em resposta [...] cumpre-me manifestar a V. Ex.^a a opinião dos membros do I.A.A. sobre o pedido feito pelo 8.º Batalhão da Guarda Nacional Republicana, aquartelado nesta cidade. A Igreja dos Capuchos, onde está instalado o Museu Arqueológico, tem indiscutível valor artístico pelos seus azulejos preciosos e obra de talha. Seria muito difícil, sem grande dispêndio – porque só por competentes isso poderia ser feito – remover os azulejos para outro local, sem que sofressem qualquer estrago. O I.A.A. não toma por isso, a responsabilidade de aconselhar deferimento ao pedido feito pela Guarda Republicana, a menos que não fiquem devidamente acauteladas as riquezas artísticas da referida capela. Quanto à mudança do Museu para uma «sala» devemos dizer a V. Ex.^a que discordamos, em absoluto, dessa ideia. A aproveitamos a ocasião para apelarmos para a inteligência, boa vontade e amor pela nossa cidade que distinguem os membros da Câmara Municipal de Faro, a fim de que S. Ex.^{as} empreguem todos os seus melhores esforços para que o Museu seja devidamente instalado em edifício próprio ou adaptado para tal fim. Em todas as capitais de distrito tem merecido às Câmaras Municipais especial cuidado a instalação dos seus Museus. Em Faro, os edifícios que melhor se destinavam a essa aplicação foram desviados para outros destinos; o próprio museu foi criminosamente abandonado durante anos, com grave prejuízo para as suas colecções, de algumas das quais desapareceram vários exemplares de valor. A instalação actual na Igreja dos Capuchos não satisfaz. Além de ser de difícil limpeza – tem uma péssima luz para que os seus quadros sejam devidamente apreciados e as suas colecções, por falta de espaço, não podem ser ampliadas. Torna-se urgente que a Câmara Municipal tome a iniciativa dum movimento tendente à mudança do Museu para outro edifício mais conveniente – as salas nobres do antigo Paço Episcopal, por exemplo – ou a realização prática do que foi determinado num decreto de Novembro de 1915 que considerou o antigo Convento das Freiras Claristas como Monumento Nacional e o destinou à instalação do Museu Regional. Como porém não há actualmente probabilidades imediatas de efectuar essa mudança, pedimos a V. Ex.^{as} que destinem uma verba para vários arranjos no museu e seu mobiliário, de modo a tornarem-no digno de ser visitado e apreciado, pois, no estado em que actualmente se encontra, constitui quase uma vergonha para a cidade exibi-lo aos olhos dos turistas que, mais ainda do que os Farenses, procuram visitá-lo.

Doc. 19

«Exposição da Câmara para o chefe do Gabinete do Ministério das Obras Públicas para a aquisição, por parte do Estado, do Convento de N.ª Sra. da Assunção, dada a impossibilidade de poder ser adquirido por esta Edilidade», 3 páginas (no original), 1958, Arquivo Distrital de Faro

*Exmo Senhor
Chefe do Gabinete de Sua Excelência
o Ministro das Obras Públicas
Lisboa*

Em conformidade com a minha conversa telefónica de ontem com V. Exa., tenho a honra de solicitar se digne expôr à consideração de Sua Excelência o Ministro, o seguinte:

- 1- Em memorial, por ocasião de uma visita de Sua Excelência a esta cidade foi exposto pelo meu antecessor o interesse que haveria na recuperação para o património público (nacional ou municipal) do Convento de Nossa Senhora da Assunção, vulgarmente conhecido por «Convento das Freiras» sito no largo D. Afonso III, desta cidade.*
- 2- Segundo estou informado não foi possível obter a chave do imóvel, pelo que não pôde realizar-se a desejada visita de Sua Excelência ao edifício.*
- 3- Posteriormente e já ao tempo da minha presidência nesta Câmara veio, de novo, Sua Excelência ao Algarve, mas o tempo disponível não permitiu, em relação a Faro, mais que rápida visita ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia.*

No entanto, em memorial, expus o interesse do edifício e a urgência que haveria na sua recuperação, para que se evitassem mutilações irreparáveis, consequentes da utilização que dele vinha a ser feita.

- 4- Ordenou Sua Excelência que se procedesse à avaliação do edifício e à estimativa das obras de restauro, o que se fez e foi comunicado em ofício n.º 1823 de 2 de Maio de 1956, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para que a Câmara se pronunciasse acerca da sua compartimentação nos encargos, que são da ordem de dois mil contos.*

- 5- Não está, infelizmente, a Câmara ainda em condições de suportar pelas suas verbas próprias grandes encargos dessa natureza, visto que muitíssimo e de muita urgência se lhe impõe que faça em outros sectores da sua actividade.*

Tem-se aguardado, por outro lado, nova visita de Sua Excelência o Ministro a esta cidade para que pessoalmente verifique o que é nossa convicção e da generalidade das pessoas que ao assunto têm prestado atenção, isto é, que o imóvel, pela sua arquitectura e história, ultrapassa realmente, em interesse, o âmbito local.

Assim, esperava-se que em troca de impressões com Sua Excelência se definisse a posição da Câmara no problema.

- 6- Acontece, porém, que ocorrência recente, vem dar ao assunto extraordinária acuidade: - o edifício, que era ocupado por instalação de uma fábrica de cortiças, encontra-se devoluto.*
- 7- Isso, afigura-se-me, é circunstância extraordinariamente favorável, que, julga-se, não deverá repetir-se e que, portanto, deveria ser aproveitada.*
- 8- Pelo exposto e dada a material impossibilidade de a Câmara adquirir o edifício, permito-me sugerir a sua aquisição pelo Estado; depois seria estudada a repartição de encargos porventura a fazer.*

Promete-se desde já, em nome desta Câmara, encarar com a maior boa vontade os sacrificios compatíveis com as suas finanças.

Permito-me, no entanto, acentuar de novo a extraordinariamente favorável oportunidade que se oferece.

Rogando a V. Exa. se digne transmitir a Sua Excelência o Ministro as minhas respeitadas saudações e o testemunho da minha mais elevada consideração, apresento a V. Exa. os meus antecipados agradecimentos e melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Faro, 25 de Março de 1958,

O Presidente da Câmara, Luis Gordinho Moreira

Doc. 20

Definição de Arqueologia, por Pereira Boto, nas páginas 34 e 35 do *Glossario critico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique ornado com a planta do Milreu (Estoi) e respectiva interpretação ichonographica*, Faro, 1899.

Como o seu nome indica (dos themas gregos – archaios e logos) o «estudo da antiguidade», nos ensina a conhecer a vida dos povos antigos por meio do exame e apreciação dos monumentos que nos deixarão, e de todos os objectos que d'elles nos restão, como manifestação do seu engenho e trabalho.

Examina atentamente todos os productos materiaes, que os primitivos povos nos legáraõ; e d'este estudo mimuciozo, comparativo e philozophico, faz resaltar o conhecimento das suas ideias, da sua religião, dos seus uzos e costumes, do seu desenvolvimento industrial e artistico, do seu viver emfim. Importante é, pois, o admniculo que esta sciencia presta á história, não só esclarecendo-a com a luz que derrama onde tudo é trevas, mas tambem completando-a com uma finalidade de noções e objectos reaes, que nos aprensião um quadro verdadeiro da vida íntima dos povos da antiguidade, que, sem os esforços dos archeologos seriaõ ignorados ou apenas superficialmente conhecidos. [...]

Considerada relativamente ás grandes epochas da vida da humanidade, costuma ser chamada «archeologia prehistorica» ou palethnologia; dedica-se ao estudo das primitivas edades do homem das quaes não restaõ memorias escriptas, nem gravadas ou tradicionaes, tendo por unicos vestigios da sua passagem na terra alguns rudes monumentos, utensilios e instrumentos não menos toscos e grosseiros, encontrados em excavações ou mesmo disseminados pela superficie da terra.

Doc. 21

«Archeologia do Algarve – Arco de Tavira», artigo da autoria de Pereira Boto publicado n' *O Archeologo Português, Collecção Illustrada de Materiaes e Noticias*, Publicada pelo Museu Ethnographico Português, Imp. Nacional, Lisboa, Junho e Julho de 1896, Vol. II, N.º 6 e 7, p. 152, acerca do espólio tumular encontrado nas ruínas de Balsa.

*Archeologia do Algarve
Arco de Tavira*

Como supplemento illustrativo a parte das judiciosas notas sobre Balsa, insertas em o n.º 2 (Fevereiro de 1896) d' O Archeologo, envio a copia photographica da mobilia funeraria recentemente exhumada na Quinta das Antas, propriedade do Ex.º Sr. Mendonça e Mello: é generosa offerta d' este cavalheiro, archivada na sala 2, mostrador B, sob os n.ºs 63 a 65, 72, e mostrador A, em o Museu municipal de Faro, de minha fundação e encargo.

O mobiliario, como se vê, consta do seguinte: de um grupo de vasos lacrimatorios de vidro, todos mais ou menos lindamente irizados, dos typos chamados ampulla, unguentarium, alabastrum; de uma lucerna simples em cujo disco parece divisar-se um busto com ornatos pendentes (por ventura, algum infulatus?), de um fundo de vasilha de barro amarello, que, pela sua localização, finissima espessura e diminutissima capacidade, antes faz presumir que fosse alfaia lithurgicamente destinada a quaesquer ritos funerarios, do que utensilio votado aos usos grosseiros da culinaria.

Temos ainda os seguintes objectos de bronze: um alfinete de cabelo (ornamentado – acus comatoria), de si bastante para revelar o toucado d' essas eras de tão primoroso luxo, e uma pinça do mesmo metal (volsella), naturalmente peça depilatoria – que já era muito em voga nas damas da mais alta progenie. O denticulado do original parece, á primeira vista, compadecer-se pouco com a applicação que attribuo a este objecto; mas é de notar, que as saliencias da serrilha são perfeitamente ajustaveis ás suas oppostas reintrancias.

Outro argumento accresce para ligar todo este funebre espolio á inhumação de uma mulher de qualidade: é o apparecimento da caixinha de marfim, que, para melhor visibilidade, figura no gargalo da fiola central (provavelmente uma dactylotheca, isto é, cofre para aneis; ou caixa para pós de dentes); enfim, objectos de luxo verosimilmente caros á matrona, que nelles buscava uma das fontes do seu asseio e belleza ou efficaz attenuante ás suas naturaes incorrecções.

Na jazida sepulchral appareceu a moeda que encima o desenho – um Tiberio, perfeitamente conservado –, pequeno bronze, que nos obriga a referir todo este mobiliario tumular á primeira metade do séc. I de J.C.

É palpavel a conclusão, que de tão pequenas mas typicas antigualhas, se deduz para a Historia de Balsa – ainda neste tempo viviam os povos balsenses em plena epocha de civilização romana; certamente perpetuada até muito ao deante como se deve deprehender da existencia de sumptuosos capiteis compositos, orindos da mesma procedencia, e archivados na sala 3, n.ºs 121, 122, 123.

Doc. 22

Descrição, por Pereira Boto, de uma cabecinha humana de mármore encontrada nas ruínas romanas do Milreu, perto de Estoi, in *O Archeologo Português*, Dezembro de 1896, vol. II, n.º12, página 296.

Não é um assombro esculptural, como o revelado na subtilissima cinzeladura, que ostenta o assumpto venatorio ou sacrificial do formoso crater oriundo da mesma procedencia, vaso marmoreo de subido merecimento, em posse do Sr. Paulo Cumano d'esta cidade: é, todavia, trabalho capituladamente artistico; proporciona revelações ou permite presumpções, que sobremaneira importam ao estudo da archeologia e simultaneamente corroboram o ensinamento relativo a determinados ademanes lusoromanos. É typo de mulher, de farta cabelleira (comata), de rosto com ar lancinante e triste, cabellos volumosamente espargidos á frente (crinis passus), como era de uso então ao ser-se ferida por alguma fatalidade, sem topete no alto, á laia de crobilos atheniense ou em fôrma de tutulus sacerdotal das graduadas flaminicas de Roma, com trança armada na parte posterior, circuitadamente repregada com alfinetes d'este officio, acus cromatoria ou crinalis, – que bem podiam ser de metal, marphim ou simples madeira [...]. A limitada e basilar perfuração no pescoço e o alisamento da base collar, tambem de origem, mais proavelmente accusam a effracção capital de uma estatueta e o ulterior enfiamento d'esta suggestiva reliquia em suporte destinado a aproveitá-la. Talvez mesmo que a effigie de que se trata residisse algum tempo em alguma aedicula – nicho volante, que, nos atrios das casas (domus) das grandes familias romanas, guardava em cêra (cera) e excepcionalmente em pedra os personagens queridos de familia (imagines majorum), bem como ostentava as divindades tutelares á piedosa veneração dos crentes. Este precioso documento vale por um criterio a mais para o reconhecimento da luxuosidade do povo ossonobense, que descuidadamente se banhava e fortalecia de espirito o corpo nos variados regalos d'essas pequenas mas sumptuosas thermas, cujas eloquentes ruinas, sem proveito para ninguem, tendem a desaparecer da admiração e do estudo publico, restando-lhes apenas a planta e notas relativas, que eu, chronographicamente me apressei a elaborar e guardar n'uma das salas d'este museu.

Doc. 23

«Antigualhas do Museu de Faro», artigo de José Leite de Vasconcelos publicado n.º *O Archeologo Português, Collecção Illustrada de Materiaes e Noticias*, na rubrica «*Analecta archaeologica*», publicação do Museu Ethnologico Português, Imp. Nacional, Lisboa, Julho a Setembro de 1903, vol. VIII, N.º 7 a 9, pp. 170 e 171, após visita ao MAF, em Maio de 1903.

8. *Antigualhas do Museu de Faro*

Em companhia do Revdo Conego Cardoso Botelho, que substituiu na direcção do Museu de Faro a Monsenhor Boto, visitei mais uma vez (Maio de 1903) este Museu, e ahí copiei as seguintes inscripções:

a) *Lapide marmorea de 0m,17x0m,13, que tem no museu o n.º 179*

Na lin. 2 temos certamente Unibilis ou Umbilii, nome que não vem no Corp. Inscr. Lat., II, mas que vem, por exemplo Prosographia imperii Romani, III, 467. – Na lin. 3 temos Dionisius ou Dionisii, cognome mui frequente. – Altura das letras: 0m,028:

b) *Lapide marmorea, abaulada, pequena (tem o n.º 180):*

CASTOR
VIXsIT
ANNOS
VIII DIES XV

Na lin. 2 o I. é menor que as outras letras, vixsit = vixit. – Área do campo da inscripção 0m,19x0m,13.

c) *N.º 127: lapide muito gasta, em que só pude ler:*

DMS
SAL..
.....
ANN..

Na lin. 2 lê-se SAL... (não VAL... como ao repente póde parecer)

d) *No mesmo Museu encontram-se varias aras, entre as quaes a parte superior de uma que represento aqui (fig. 10.ª), e onde, tanto o frontao como as volutas, ou cormua, estão ornamentados com florões.*

e) *Existe no Museu de Faro um interessante objecto de pedra que represento na fig. 11ª, e que foi encontrado em Moncarapacho (Algarve). A exactidão da gravura dispensa descripção. A figuração das pestanas e sobranceiras é como a que se encontra ainda hoje em certas pinturas populares, onde a ingenuidade do pintor suppre a verdadeira arte.*

Não sei a data exacta d'este pequeno monumento archeologico, mas talvez pertença aos tempos prehistoricos; no Museu de Faro ha tres machados neolithicos, provenientes tambem de Moncarapacho, mas não se sabe se do mesmo sitio exactamente que o referido objecto. A pertencer, como parece, aos tempos prehistoricos, ele é comparavel ás placas de ardosa zoomorphicas que representei na

Religiões da Lusitania, I, 164-165. O Museu Ethnologico Português possui um objecto analogo a este, e da mesma proveniencia.

f) Numa taça de barro arenito, existente tambem no Museu de Faro, lê-se, no fundo, internamente, a seguinte marca figulina:

OF . MRRAN

que deve interpretar-se por officina) M(u)rran(i), pois a taça pertence evidentemente á mesma fabrica a que pertencem certos vasos de Tarragona, Madrid, Cadis, Archena, etc., em que se lêem inscrições analogas: vid. Corp. Inscr. Lat., II, 4970-335. As relações commerciaes que havia entre os differentes pontos da Peninsula explicam esta comunidade de produtos industriaes.

Doc. 24

Artigo de José Leite de Vasconcelos sobre o MAF, publicado n' *O Archeologo Português*, ed. e propriedade do Museu Ethnologico Português, Janeiro a Dezembro de 1918, Vol. XXIII, n.º 1 a 12, pp. 108-111.

O Museu de Faro foi inaugurado pela Camara Municipal em 4 de Março de 1894, com o titulo de Museu Archeologico Lapidar Infante D. Henrique, mas o seu fundador foi Monsenhor Pereira Bôto, Conego da Sé episcopal, como ele proprio declara no Glossário critico do Museu, Faro 1899, p. VII. De Monsenhor Bôto se lembra o Archeologo Português, no volume XII, p. 365 (artigo de Alves Pereira), onde se assinalam com verdade e justiça os meritos de tão prestante cidadão.

Este Museu esteve primeiramente no Largo da Sé, onde Monsenhor Bôto o dispusera e lhe dera ordem metódica: aí o vi várias vezes. Mas na ocasião da implantação da República houve necessidade de salas para instalação das repartições então criadas, e como geralmente a politica tem mais força que a sciencia, o Museu foi desarrumado e desalojado, e sofreu bastante, — até que mãos caridosas procuraram recompôr o que se havia danificado: e ele póde hoje ser visitado na igreja de S. Antonio dos Capuchos. É seu conservador actual o S.º D.º Justino Bivar Weinholtz, de quem já acima falei, môço inteligente e bemquisto, que muitos bons serviços será capaz de prestar á Arqueologia da sua provincia. Coadjuvam-no outros cavalheiros illustrados, e de influencia na cidade, tais como o S.º Sebastião Costa, Professor do Liceu, D.º Joaquim Rodrigues Davim, Advogado, e Ramalho Ortigão, Oficial da Armada, com todos os quais tratei.

O Museu de Faro consta de antiguidades pré e protohistoricas, romanas, visigoticas, arabicas e portuguesas. A mór parte d'elas provém do Algarve; outras provém da Extremadura.

Aqui publico desenhos de algumas, o que faço com autorização do S.º Conservador do Museu. Acompanha-los-hei de breves noticias.

Disponho o meu assunto geográfica e cronologicamente.

a) OBJECTOS ALGARVIOS:

Na fig. 8 temos um objecto de grés, de 0^m,215 de comprimento no seu estado actual, pois está falho em uma das pontas (o comprimento total seria de 0^m,23), e de 0^m,02 de largura maxima: apresenta um orificio biconico em cada um dos extremos. A ponta que resta intacta é bifida, e a outra deve-lo-hia tambem ser. Este objecto, de que não se sabe a precedencia, mas que talvez apparecesse no Algarve, pertence á classe de que falei no meu livro De Campolide a Melrose, pp. 63, 90, 143 e 149, e que aí considerei braçais prehistoricos.

Os objectos representados nas figs. 9 a 11 pertencem á necropole da Campina, da idade do Cobre, a qual foi estudada por Santos Rocha na Rev. de Sc. Nat. e Soc., vol. IV. Cf.: O Arch. Port., II, 60; e Boto, Glossario critico, p. 27. Aqui o especifico:

Na fig. 9 temos outro braçal, porém menor que o da fig. 8, pois mede de comprimento apenas 0^m,07. A este objecto chamava Santos Rocha, e com ele Boto, «placa de schisto».

Nas figs. 10 e 11 temos respectivamente uma folha de punhal de cobre e uma adaga da mesma substancia: são os mesmos instrumentos de que fala Santos Rocha nas Mem. sobre a antiguidade, fig. 125, só ele chama lança ao que chamo aqui punhal. Desenhos de objectos semelhantes a estes se vêem em Estacio da Veiga, Antig. mon. do

Algarve, t. IV, est. 13.^a, n.º 5, e est. 10.^a, n.º 14 (Rocha assinala as diferenças que existem entre a adaga da Campina e a que figura em Estacio).

Vindos da Campina há também no Museu de Faro dois vasos de barro, de forma de tigela, muito grosseiros, de pasta granulosa, e feitos á mão, como os mais rudes das antas. Ambos eles estão em pedaços. Reconstituindo as peças, vê-se que um dos vasos mede de diametro na bôca 0^m,17, e de altura uns 0^m,095; o outro tem de diametro na bôca uns 0^m,06. Estes vasos pertencem tipologicamente a uma fase muito antiga da Archeologia algarvia. Represento na fig. 12 em singular objecto de pedra, de uns 0^m,222 de comprimento, achatado nas duas faces principais, com sulcos nas extremidades, e várias series de covinhas em parte de uma das faces, do lado da extremidade mais larga. Lembra certos idolos calcareos de secção semi-circular, da idade calcolita.

Da epoca do ferro possui o Museu, por exemplo, uma xorca de bronze, e contas de vidro e de massa, provenientes de um espolio de Lagoa, e dois espetos também de bronze. D'isto falarei noutro artigo.

A parte rica do Museu, no que toca á antiguidade, é a secção lapidar romana, onde há pedras muito importantes, como as que se referem a Ossonoba, ao certamen barcarum de Balsa, e a um v(ir) p(erfectissimus) provinc(iae) Lusitaniae. A par com as lapides, há loiça, por exemplo, uma patera arretina, que represento na fig. 13, ha moedas, etc.

Da epoca visigotica, ou cristã, dou na fig. 14 uma lucerna de Cacela, ($\frac{2}{3}$ do tamanho natural), e da epoca arabica outra lucerna, na fig. 15, de Silves. A epoca arabica está representada no Museu também, por outros espécimes ceramicos, por algumas moedas, e por lapides.

A tempos posteriores (epoca portuguesa) pertencem quadros, azulejos, esculturas ornamentais, inscrições lapidares, brasões, moedas. São curiosos os dois paineis de alminhas que se vêem nas figs. 16 (azulejo) e 17 (pedra), em cada um dos quais uma pessoa entre as chamas do Purgatorio implora de mãos postas em misericordia divina.

b) OBJECTOS EXTREMENHOS:

Pertencem a duas localidades: ao «Castelo» de Pragança, e á Lapa da Canada (Alviela).

Os objectos de Pragança colheu-os o Conego Bôto numa ocasião que aí foi de visita, e em que mandou fazer por curiosidade algumas excavações. São eles: dois pesos de barro, quadrangulares (de tear); um escopro pequeno, duas argolas, a parte superior de uma campainha, um objecto que parece a parte superior de um chocalho, um fragmento de lamina de punhal, e um objecto semi-lunar, que não sei o que é, — tudo isto de cobre ou bronze.

Os objectos da Lapa da Canada (fontes do Alviela), que o Conego Bôto diz serem de cobre, são os seguintes:

A parte inferior de um machado chato, a qual mede 0^m,055, junto do gume (fig. 18);

um escopro de 0^m,102 de comprimento (fig. 19), e dois fragmentos de outros (figs. 20 e 21);

um objecto que Bôto chama «perfurador», mas que pode ser uma haste de sovela, — de 0^m,07 de comprimento (fig. 22);

um bracelete aberto, de secção sub-quadrangular (fig. 23, $\frac{2}{3}$ do tamanho natural);

o fundo da bainha de um punhal (fig. 24, tamanho natural).

Todos estes objectos da Lapa da Canada tem paralelos em outros que existem no Museu Etnologico, provenientes tambem de localidades da Estremadura. De outros objectos do Museu de Faro falei já n-O Archeologo, VIII, 170-172.

Doc. 25

Notícia do jornal *O Algarve* de 18 de Agosto de 1968, publicada n' *O Arqueólogo Português*, publicação do Ministério da Educação Nacional, da Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes e do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1968, série III, vol. II, p. 203.

Inscrição árabe descoberta em Salir (Loulé)

No sítio das pontes, da freguesia de Salir, numa propriedade do sr. Dr. António Teixeira Dias Quintino, foi, há dias, encontrado um fragmento de inscrição árabe, que estava enterrado a cerca de meio metro da superfície do solo e o tractor arrancou.

O sr. dr. António Quintino teve uma atitude absolutamente dignificante, pois ao Director do Museu Arqueológico de Faro, sr. dr. Pinheiro e Rosa, que a Salir se deslocou expressamente para ver a lápide, fez entrega do achado, oferecendo-o espontânea e incondicionalmente ao Museu e prometendo dar o mesmo destino a quaisquer outros que em suas terras apareçam.

Doc. 26

Transcrição da edição facsimilada do Alvará de 20 de Agosto de 1721, in *Património: Informar para proteger*, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1994, p. 7.

Dom Joam, POR GRAÇA DE DEOS REY DE PORTUGAL & dos Algarves dàquem, dálem mar, em Africa Senhor de Guiné, & da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, & da India, & c. Faço saber a vòs que passey ora hum Alvará em fôrma de Ley por mim assinado, & passado pela minha Chancellaria do qual o treslado he o seguinte.

EU El-Rey faço saber aos que este Alvará de Ley virem que por me representarem o Director e Censores da Academia Real da Historia Portugueza, Ecclesiastica, & Secular, que procurando examinar por si, & pelos Academicos, os Monumentos antigos que havia, & se podiaõ descobrir no Reyno, dos tempos em que nelle dominaraõ os Phenices, Gregos, Penos, Romanos, Godos & Arabios, se achava que muitos que poderaõ existir nos Edeficios, Estatuas, Marmores, Cippos, Laminas, Chapas, Medalhas, Moedas, & outros artefactos por incuria, & ignorancia do vulgo, se tinhaõ consumido; perdendo-se por este modo hum meyo muy proprio, & adquado, para verificar muytas noticias da veneravel antiguidade assim Sagrada, como Politica; & que seria muy conveniente à luz da verdade, & conhecimento dos seculos passados, que no que restava de semelhantes memorias, & nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno em que pòde ser muyto interessada a gloria da Naçaõ Portugueza, naõ só nas materias concernentes à Historia Secular, mas ainda à Sagrada, que saõ o instituto a que se derige a dita Academia; & desejando Eu contribuir com o meu Real poder, para impedir hum prejuiso taõ sensivel, & taõ damnoso à reputaçã, & gloria da antiga Lusitania cujo dominio, & soberania foy Deos servido dar-me. Hey por bem que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade, & condiçaõ que seja desfaça, ou destrua em todo, nem em parte qualquer edificio que mostre ser daquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado, & da mesma sorte as Estatuas, Marmores, & Cippos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreyros Phenices, Gregos, Romanos, Gothicos, e Arabicos, ou Laminas, ou chapas de qualquer metal que contiverem os ditos letreyros, ou caracteres; como outrosim medalhas, ou moedas, que mostrarem ser daquelles tempos, nem dos interiores até o Reynado do Senhor Rey Dom Sebastiaõ, nem incubraõ, ou ocultem alguma das sobreditas cousas; & encarrego às Camaras das Cidades, & Villas deste Reyno tenhaõ muyto particular cuidado em conservar, & guardar todas as antiguidades sobreditas, & de semelhante qualidade que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem nos limites do seu districto, & logo que se achar, ou descobrir alguma de novo daraõ conta ao Secretario da dita Academia Real para elle a communicar ao Director, & Censores, & mais Academicos: & ao dito Director, & Censores com a noticia que se lhe participar poderaõ dar a providencia que lhes parecer necessaria para que melhor se conserve o dito monumento, assim descuberto; e se o que assim se achar & descobrir novamente forem laminas de metal, chapas ou medalhas que tiverem figuras, ou caracteres, ou outrosim moedas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal, as poderaõ mandar comprar o Director, & Censores do procedido da consignaçã que fui servido dar para as despesas da dita Academia, & as pessoas de qualidade que contravierem a esta minha desposiçaõ desfazendo os edificios daquelles seculos, Estatuas, Marmores, Cippos; ou fundindo laminas, chapas, medalhas, & moedas sobreditas, ou tambem deteriorando-as em fôrma que se naõ possaõ conhecer as

figuras, & caracteres, ou finalmente encobrimdo-as, & ocultãdo-as; àlem de incorrerem no meu dasagrado, experimentarãdo tambem a demonstraçaõ que o caso pedi, & merecer a sua desatençaõ, negligencia, ou malicia; e as pessoas de inferior condiçaõ incorrerãdo nas penas impostas pela Ordenaçaõ do liv. 5. tit. 12. §. 5. aos que fundem moeda, & porque as que acharem algumas laminas, chapas medalhas, & moedas antigas as quereraõ vender, & reduzir a moeda corrente, as Camaras seraõ obrigadas a comprãlas, & pagalas promptamente pelo seu justo valor, & as remeterãdo logo ao Secretario da Academia que fazendo-as presentes ao Director, & Censores, se mandarãdo satisfazer às Camaras o seu custo; e para que em tudo se cumpra este Alvarãdo como nelle mando: ordeno ao Regedor da Casa da Supplicaçaõ, Governador da Rellaçaõ, & Casa do Porto, & aos Dezembargadores das ditas Casas, Corregedores destas Cidades, & aos mais Corregedores, Ouvidores, Provedores, Juizes, Justiças, Officiaes e pessoas de meus Reynos, & Senhorios, que o cumpraõ, & guardem, & façaõ inteyramẽte cumprir, & guardar como nelle se cõnhem; & para q venha à noticia de todos, mãndo ao Doutor Joseph Galvaõ de la Cerda do meu Conselho, & Chanceller mór dos ditos meus Reynos nos faça publicar este meu Alvarãdo na Chancellaria, & enviar logo cartas com o treslado delle sobmeu Sello, & seu sinal a todas as Camaras da Cidades, & Villas do Reyno sem excepçaõ alguma, & ainda às das terras dos Donatarios, e aos Corregedores, Ouvidores das Comarcas & aos dos mesmos Donatarios em que os Corregedores naõ entraõ por correyaõ, aos quaes mando que logo o publiquem, & façaõ publicar em todos os lugares das suas Comarcas & se registrarãdo nos livros do Dezembargo do Paço, Casa da Supplicaçaõ, & do Porto, onde semelhantes se costumaõ registrar, & este proprio se lançarãdo na Torre do Tombo. Brãdo de Oliveyra o fez em Lisboa Occidental a 20. De Agosto de 1721. Manoel Galvaõ de Castello Branco a fez escrever. REY

Doc. 27

Protecção de Suas Majestades a Rainha D. Maria II e o Rei D. Fernando II à Academia de Belas Artes de Lisboa, in *Diário do Governo* de 31 de Outubro de 1838, n.º 258.

PARTE OFFICIAL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO REINO
4.ª Repartição

Havendo Sua Magestade, El-Rei, no dia 25 do corrente, Presidido á Sessão Publica de abertura da Academia das Bellas Artes de Lisboa, Ouvindo com particular complacencia o discurso proprio deste acto solemne, não menos que o Relatorio dos trabalhos e producções Academicas, e tendo O Mesmo Augusto Senhor, por outra parte, observado o aceio, boa ordem, e judiciosa collocação do Gabinete de Pinturas, e das diversas Aulas destinadas ao ensino das Artes e Officios, o que Lhe fez conceber a lisongeira esperanza de que esta Academia, nascente em Portugal, podia, pelo aturado zêlo e efficazes esforços dos seus respectivos Lentes, emparelhar no futuro com os Estabelecimentos que nos Paizes mais cultos da Europa estão dando poderoso auxilio á Industria, e ás demais fontes de riqueza publica: Manda a RAINHA, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, significar á Academia das Bellas Artes de Lisboa, para seu conhecimento e satisfação, que Se apraz de unir os Seus proprios Louvores aos de Seu Augusto Esposo, e Declarar que a Academia se tornará sempre credora da Real Protecção, em quanto procurar com empenho preencher os fins de sua util Instituição. Paço das Necessidades, em 26 de Outubro de 1838. = Antonio Fernandes Coelho

Doc. 28

3.º Artigo do Projecto reorganizador do ensino das Belas Artes e da Arqueologia, escrito pelo Marquês de Sousa Holstein, no âmbito da Comissão criada em 10 de Novembro de 1875, para proceder ao estudo das reformas necessárias às Belas Artes, em Portugal, in *Aspectos da Museologia em Portugal no século XIX*, da autoria de Maria Alcina R. C. A. dos Santos, Lisboa, 1970, p. 34.

Não há museus em Portugal. São indispensáveis: a) Como auxiliares das escolas; b) Como elemento civilizador; c) Como sinal de civilização e instituição indispensável em todos os países civilizados; d) Como receptáculo dos elementos essenciais de arte, estudos, arqueologia, etnografia, história de trabalho.

Temos para eles muitos elementos dispersos: a) em várias repartições públicas; b) nos extintos conventos de freiras que vão a vender quanto possuem.

Produzirão grandes vantagens: a) instruindo o povo; b) oferecendo-lhe uma óptima distração; c) embelezando e enriquecendo a Capital; d) recolhendo muitas riquezas dispersas que se vão deteriorando umas, perdendo pormenores ou ao mal barato outras.

Doc. 29

Necessidade da criação d'um Museu de Historia, de Artes de Ornamentação e de Antiguidades em Lisboa, documento de 1878 da autoria de Teixeira de Aragão, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, processo 24, caixa 12.

Em toda a parte e em todos os tempos se mediu o grau de civilização de qualquer povo pelo estado de adiantamento das Bellas Artes.

Os restos que nos ficaram da estatuaria grega, mostram-nos até que ponto os hellenos tinham desenvolvida a ideia do bello.

As sociedades modernas seguem o exemplo das sociedades antigas. As estátuas, os edificios monumentaes, os arcos, as columnas, os paineis, são ainda as manifestações dos dias de prosperidade e das epochas triumphaes de qualquer nação.

Não há paiz nenhum que não dedique o maior zelo pela conservação dos seus monumentos historicos, qualquer que seja a sua natureza. A culta Allemanha consagra sommas enormes para restaurar e completar a magnifica cathedral de Colonia; a França faz o mesmo a Notre Dame de Paris, a Saint Denis e a outros vetustos templos, tão cheios de belleza, de magestade e de recordações. Mas para que é citar exemplos? Em toda a parte, quer na dinheiroza e soberba Inglaterra, quer na modesta e trabalhadora Hollanda, se consagra o mais dedicado culto às artes.

Entre nós, infelizmente, não tem sido possível até hoje realizar tão importante obra.

Effectivamente, um povo que tem uma historia tão gigantesca como a nossa deve interessar ao archeólogo, ao investigador de curiosidades artisticas. Seria impossivel que uma nação, que percorreu a India e lhe devassou as riquezas, que explorou tantas regiões, que chegou a um grande poderio, não conservasse já hoje restos da sua grandeza. E conserva.

Basta a magestosa Batalha, a floreada Belem, a elegante Santa Cruz, a bella Sé da Guarda, quase ignorada, e o variegado Convento de Christo, de Thomar, que só por si é um compendio d'architectura.

Em outras manifestações da arte podemos citar com ufania a Custodia de Belem, o missal d'Estevam Gonçalves, os preciosos quadros da Sé de Vizeu, attribuidos á escola de Gran-Vasco, etc.

Na Academia de Bellas Artes existe uma rica collecção de quadros gothicos, que são uma verdadeira riqueza, mas que brevemente se perderá se não se construir uma galeria apropriada com as necessarias condições de resguardo, de luz e de calor.

A necessidade de se crear um museu nacional, em que se reúna tudo que seja interessante pelo lado artistico e historico é impreterivel. Lisboa n'este ponto está abaixo de muitas cidades estrangeiras de terceira e quarta ordem.

As vantagens da criação d'um museu são axiomaticas. Por um lado conserva e collige o que espalhado e sem vigilancia, se poderia perder e destruir. Os thesouros d'uma nação são os resultados da sua actividade artistica e industrial. Os trabalhos das gerações apparecem classificados n'um museu e o povo aprende como a arte se aperfeçoou, ou como ficou estacionaria. Sem o estudo retrospectivo, é tão difficil avançar nas sciencias naturaes, como nas artes.

Reunem os museus o bello e o util. São lição e encanto. São ao mesmo tempo theatro e escola; theatro porque recreia, escola porque ensina. São os verdadeiros espectaculos que se devem dar ao povo. A vista deleita-se e o entendimento apura-se. A historia da arte, as suas cambiantes e numerosissimas transformações, passam á nossa vista sem que o espirito se cance. A comparação dos objectos, segundo os povos, faz-se

naturalmente e d'essa comparação resulta a critica que guia a imaginação do artista ou a mão do operario.

Todas as cidades principaes capricham em ter museus mais ou menos ricos.

Lisboa, por todas as condições, deveria também possuir um importante museu nacional. Para isso seria necessario construir um edificio proprio e decente, e, embora fosse um sacrificio, deveria realizar-se. O governo que o pozesse em pratica teria feito uma empreza verdadeiramente patriotica e do mais elevado alcance civilizador.

Doc. 30

«Questionário Geral da Comissão dos Monumentos Nacionais», in *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 3.^a série, Anno de 1894, tomo VII, n.º 1, p. 1.

Commissão dos Monumentos Nacionaes
Questionário Geral

Monumentos prehistoricos; antas ou antinhas; pedras levantadas, ou grandes marcos a que se liguem tradições; mamoadas ou mamunhas; cavernas ou grutas onde se encontrem vestigios ou testemunhos da passagem do homem, armas, ceramicas ou ossadas; cercas muralhadas; pedras de raio, armas ou utensilios de pedra lascada ou polida, achados isoladamente; ardosias lavradas.

Noticia de thesouros achados casualmente.

Antiguidades romanas, restos de povoações, edificios ou casas isoladas. Mosaicos, aqueductos, estradas e pontes, marcos de estrada, inscripções ou letreiros em pedras, templos e fortalezas, moedas, ceramicas ou objectos de barro, tijolos e telhas com marcas de oleiros, amphoras, objectos de vidro, etc.

Tradições locaes; designações locativas, nomes de logares, aldeias, casaes, montes, ribeiros.

Antiguidades romanicas e gothicas. Igrejas, torres, castellos. Signaes de constructores ou canteiros gravados nas antigas silharias. Sepulturas, inscripções. Moedas.

Monumentos arabes. Fortificações ou edificios attribuidos a mouros, na voz do povo. Moedas. Designações locativas ou nomes de logares que pareçam de origem mourisca.

Monumentos portuguezes. Igrejas e ermidas, palacios, mosteiros, castellos. Solares de antigas familias. Tumulos. Cruzeiros. Padrões. Brazões. Sellos. Moedas. Objectos de mobiliario. Ornatos. Imagens notaveis em pedra, barro, madeira ou metal. Pinturas em madeira ou em tela. Ourivesaria, custodias, cruces, calices, navetas, etc.

Antigas baixellas. Tapeçaria. Bordados. Entalhados. Ferragens artisticas. Sinos. Pelles lavradas ou pintadas. Peças de vestuario. Relogios de torre e parede notaveis. Cofres. Arcas. Bandejas e taboleiros. Relicarios.

Antiguidades a que se não possa marcar origem conhecida.

Noticia de retratos, estampas ou cartas geographicas, antigas.

Notas sobre o estado de conservação dos objectos mencionados.

«obriganos a respeitar os veneraveis monumentos antigos»

Apêndice Documental

Documentos Diversos

Índice de Documentos

N.º	Designação	Pág.
31 -	Artigo do <i>Diário de Notícias</i> de 30 de Dezembro de 1914, in «Museus», rubrica d' <i>O Archeologo Português</i> , Janeiro a Dezembro de 1916	49
32 -	«Visita ao museu archeologico», artigo do jornal <i>O Progresso do Sul</i> [...], de 21 de Abril de 1895	49
33 -	«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal <i>O Progresso do Sul</i> , Faro, Domingo, 16 de Dezembro de 1894	50
34 -	«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal <i>O Progresso do Sul</i> , Faro, Domingo, 27 de Janeiro de 1895	51
35 -	«Museu Infante D. Henrique», artigo publicado no jornal <i>Algarve e Alentejo</i> , de Domingo, 7 de Junho de 1896	52
36 -	«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal <i>Algarve e Alentejo</i> , de Domingo, 17 de Janeiro de 1897	53
37 -	«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal <i>Algarve e Alentejo</i> , de Domingo, 14 de Março de 1897	54

Doc. 31

Artigo do *Diário de Notícias* de 30 de Dezembro de 1914, in «Museus», rubrica d' *O Archeologo Português*, ed. e propriedade do Museu Ethnologico Português, comp. e impresso na Imp. Nacional de Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1916, p. 352.

Vem no Diário do Governo de hoje o decreto que autoriza o Governo a admitir nos museus nacionais e regionais, sem encargo especial para o Estado e na qualidade de pessoal agregado (conservadores, restauradores ou preparadores) as pessoas que tal requirem, sob informação e proposta favoráveis dos directores dos estabelecimentos.

Doc. 32

«Visita ao museu archeologico», artigo publicado no jornal *O Progresso do Sul* (*Semanario Politico, Litterario e Noticioso*), Faro, 21 de Abril de 1895 (Anno VI), n. 298, p. 2.

Visita ao museu archeologico

No domingo de Paschoa esteve n'esta cidade o sr. dr. Leite Vasconcellos, distincto professor de numismatica na Biblioteca Nacional de Lisboa, director do «Museu ethnographico português» e escriptor muito considerado pelos seus notaveis trabalhos sobre archeologia, geologia e ethnographia portugueza, a que se tem dedicado com reconhecida competencia.

Durante os poucos momentos que poudede demorar-se em Faro, foi s. ex.^a visitar o «Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique», sendo acompanhado por Monsenhor Botto, mui digno conservador d'este importante estabelecimento scientifico, que é já uma honra para esta cidade, para a illustrada camara municipal e para o meretissimo vice-reitor do seminario diocesano.

O sr. Leite de Vasconcellos fez os mais rasgados elogios ao intelligente conservador do Museu pela forma elevada como elle conseguiu organizar, interpretar e criticar os importantes, numerosos e variados monumentos ali tão elegantemente expostos.

Doc. 33

«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal *O Progresso do Sul, Semanario Politico, Litterario e Noticioso*, Faro, Domingo, 16 de Dezembro de 1894 (Anno VI), n.º 280, p. 2.

Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”

Figura ja n'este museu, cuja conservação está entregue ao zelo desvelado e conspicuo do talentoso vice-reitor do seminario de Faro, monsenhor dr. Joaquim Maria Pereira Botto, um padrão de D. João III, de grande valor e interesse como monumento historico, que foi ha dias offerecido áquelle cavalheiro pelo reverendo prior da Fuzeta sr. Francisco Ignacio dos Reis, e por sua ex.^a cedido á camara municipal de Faro, com destino áquella já notável collecção de curiosas reliquias archeologicas.

No parecer muito auctorizado do sr. dr. Botto, aquelle padrão deveria ter sido um dos que serviram para demarcação dos prazos da coroa, ou para ponto de referencia á subdivisão comarcã, planeada pelo monarcha successor do Rei Venturoso.

O museu archeologico lapidar, foi ha dias visitado pelo illustre conservador do museu da mesma especialidade installado na Figueira da Foz [, o sr. Santos Rocha].

Doc. 34

«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal *O Progresso do Sul, Semanario Politico, Litterario e Noticioso*, Faro, Domingo, 27 de Janeiro de 1895 (Anno VI), n.º 286, p. 2.

Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”

Acaba o museu municipal de Faro de ser dotado com as generosas offertas dos srs. Lucio Pereira, de Olhão, e João de Mello, de Tavira, as quaes recolherão ao seu destino logo que o tempo o permitta.

Estes cavalheiros concorreram assim para o engrandecimento da nascente instituição: o primeiro, cedendo o que tem e o que possa vir a ter de uma necropole luso-romana, em sua quinta de Marim; o segundo, contribuindo com algumas interessantes reliquias dos antigos povos balsenses.

Foram tambem recentemente offerecidas para o museu da cidade de Faro umas candeias de barro, que o illustre conservador, monsenhor conego Botto classificou de «Lucerna Myxa», ornamentadas no seu disco com effigie, que definiu de «Mercurius Caducifer», sendo por esta originalidade local muito interessantes, - uma pequena mas condigna offerta, com que o sr. Francisco José Pinto, d'esta cidade, auxiliou a collecção dos vasos de ceramica luso-romana do Algarve.

É assim com dedicada persistencia que se tem organizado e enriquecido todos os museus mais celebres do mundo.

Doc. 35

«Museu Infante D. Henrique», artigo publicado no jornal *Algarve e Alentejo*, de Domingo, 7 de Junho de 1896 (Anno VII), n.º 347, p. 3.

Museu Infante D. Henrique

O nosso particular e illustre amigo, digno representante do circulo de Faro em côrtes, sr. Agostinho Lucio da Silva, offereceu recentemente ao museu archeologico lapidar, installado nos Paços do concelho n'esta cidade, um troço de lapide arabica, colhido em estação tumular, proximo dos montes conhecidos pela designação de «Marrocos e Larache», nas visinhanças da Ribeira de Odeleite, e muito importante para a ethnographia da provincia pelas curiosas notas que encerra, accusando provavelmente a origem das raças beberees que, durante a dominação dos agarenos na peninsula, occuparam aquella zona algarvia.

É esta também a opinião do abalisado instituidor e conservador do alludido museu, que indefessamente se tem entregado á tarefa de o ampliar e enriquecer, o activo e distincto vice-reitor do seminario episcopal de Faro, monsenhor conego [...] Botto.

Doc. 36

«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal *Algarve e Alentejo* (Continuação do Progresso do Sul), de Domingo, 17 de Janeiro de 1897 (Anno VIII), n.º 378, p. 3.

Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”

Com o troço inferior do escopro basaltico, cedido pelo prefeito do seminario, sr. Cruz Semedo, augmentou de mais um exemplar (sala 1, mostrador C, n.º 69) o catalogo dos instrumentos da edade da «pedra» (periodo neolithico).

A ganga calcarea, que occulta o legitimo typo mineralogico d'este utensilio prehistorico, dá-lhe patina de uma inconcussa authenticidade robenhausense.

Pela ex.^{ma} sr.^a D. Thereza de Macedo Ortigão foi offerecida á secção heraldica d'este museu (sala 2, n.º 164) uma chapa de ferro ornamentada que certamente, em tempos não muito afastados, serviu de pára-fogo a fogão brazonado na lareira, onde foi encontrada; á similhaça do que, com a era de 1554 e armaria de Carlos V (pae de Filippe 2.º de Hespanha – 1556 – e 1.º de portugal – 1580) se achou entaipado no panno da chaminé d'um predio do dotador, sr. Francisco A. Fonseca.

[...]

Pela mesma sr.^a acaba de ser completada (sala 2.^a, n.º 163) a collecção ceramica da secção metrologica; ficando assim integralmente archivado o grupo demonstrativo da capacidade das antigas medidas do concelho de Faro, em seu relacionamento com o systema metrico vigente (antiga canada de 16 decilitros actuaes).

O seminarista sr. Jesus Palma, offereceu para o archivo numismatico um ceutil, de epocha indeterminavel pelo safado das legendas, e 200 réis brazileiros.

Outro ceutil nas mesmas condições, e um real e meio de D. João V, foram offertados pelo sr. Luiz Macedo Ortigão, de Alcantarilha.

Doc. 37

«Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”», artigo do jornal *Algarve e Alentejo* (Continuação do Progresso do Sul), de Domingo, 14 de Março de 1897 (Anno VIII), n.º 385, p. 3.

Museu archeologico lapidar “Infante D. Henrique”

Continua, felizmente sem interrupção a serie d’offertas para o enriquecimento d’esto museu municipal – que bem pode ser chamado «provincial, por quanto já quasi todas as regiões archeológicamente classicas do Algarve se acham n’elle representadas, e alguma com extrema selecção.

Acaba de ser appensa á secção iconographica, uma figurinha de mulher, de purissimo barro preto, em posição de flente; era pertença de utensilio domestico, com similares, ainda hoje, completos no seu genero. Remonta ao seculo passado [XVIII]; e vale para o estudo das velhas ceramicas figuradas, confrontativamente nacionais e estrangeiras. É dotação do prefeito do seminario, rev.º Semedo (sala 1, n.º 119).

Como antiga manufactura industrial, foi entregue (sala 1, n.º 117) pelo seminarista sr. A. Pires, um estojo de tiracol (para talher de caça ou viagem?), encapado em lixa, cuja idade unisecular é garantida pelo dedicado offerente.

No agrupamento destinado aos estudos de ethnologia comparada, ficou archivada com o n.º 116 uma estatueta de marfim, de 89 mm d’altura, procedente d’Africa occidental, da casa «Visconde de Caçongo» em Schinfuca [...] mediante offerta do mesmo alumno. É imagem de mulher.

[...]

Para a collecção numismatica offertaram os estudantes srs. Alexandre Pereira, Bernardo da Veiga e seminarista Humberto Paz, um ceutil, um centavo argentino e um pequeno bronze romano, com busto imperatorio para a esquerda, diademado, dos Constantinos (sala 2, mostrador B, n.º CXLIX).

Entrou mais uma moeda, de media no módulo (1746), encontrada nas obras do rev.º conego reitor da sé e por elle cedida, - achado natural, n’uma terra, porto de mar com variadissimas relações commerciaes. É dinheiro sueco [...].

Anexos

Índice de Anexos

N.º	Referência	Pág.
1 -	Dotadores do Museu entre a fundação e o ano de 1919	57
2 -	Catálogo da Exposição Retrospectiva de Isolino Vaz, MAF, 1990	61
3 -	Catálogo da Coleção de Joaquim António Viegas, 1994	76
4 -	Peças do Catálogo <i>A Casa Islâmica</i> , de 2000	89
5 -	Obras da exposição permanente <i>Pintura Antiga</i> , inaugurada em 2001	112
6 -	Obras do catálogo <i>O Algarve encantado na obra de Carlos Porfírio</i>	150
7 -	Obras apresentadas no catálogo da exposição <i>Deambulações: os brinquedos de Manuel Baptista</i>	160
8 -	Imagens do catálogo da CMF/GGRPH intitulado <i>O que é o Património Arqueológico e Construído</i>	183
9 -	<i>Catálogo das Lâpidas da Época Pré-Romana</i> , por José António Pinheiro e Rosa, 1976	189
10 -	O Espólio da Coleção Ferreira de Almeida	192
11 -	Coleções, Miscelâneas e Museus de Oitocentos	198
12 -	Plantas e imagens de Faro	200
13 -	Incorporação de acervos na 1.ª fase do Museu, segundo o jornal <i>Algarve e Alentejo</i>	208
14 -	Resenha do Projecto de Remodelação e Ampliação do Museu de Faro	213
	Notas Finais	224

ANEXO 1

Dotadores do Museu entre a fundação e o ano de 1919, segundo Pinheiro e Rosa

– Governo e Autarquias: Ministério do Reino, Câmara Municipal de Faro; Câmara Municipal de Beja.

– Eclesiásticos em exercício ou em preparação: Arcebispo-Bispo D. António Mendes Bello; Monsenhor Cónego Botto; Confraria do Senhor Jesus da Sé; Seminarista Carlos da Silva Nobre; Seminarista António Martins Coelho; Padre Marcelino António Maria Franco; Prior Bernardo Luís; Seminarista João Bernardo Mascarenhas; Seminarista Francisco Lucas Pacheco; Prior Manuel Francisco da Costa; Seminarista Manuel J. Crespo; Seminarista José de Sousa Botinas; Seminarista João Paulo Carrajolla; Prior António Baptista Vieira; Prior Francisco Ignácio dos Reis; Seminarista José Lourenço; Seminarista A. de Sousa Ramos; Cónego João Bento Marques; Seminarista Domingos Cabrita Sequeira; Seminarista Manuel dos Santos S. Grade; Prior António Máximo Calado, de Messines; e Prior Manuel Rocha Anunciada;

– Instituições: Santa Casa da Misericórdia de Silves.

– Particulares: Abraham Amram; Dr. António dos Santos Rocha, da Figueira da Foz; Dr. Frederico Lázaro Cortes; Paulo Cúmano; Agostinho Chaves; Francisco D. Tavares Bello; Dr. Leite de Vasconcellos de Lisboa; D. Filomena Botto, Asdrúbal Botto, e D. Adelaide Rodrigues, os três de Alhandra; Dr. José Francisco Guimarães; Constantino Cúmano; Dr. José Vaz Guerreiro Aboim; Francisco Constantino Pereira de Mattos; Manuel de Bivar; Leite Correia; Joaquim Machado Leal, da Estremadura; Conselheiro Manuel Gomes da Silva (Cartaxo); José Ramos Coelho, de Lisboa; J. P. Franco Monteiro, de Alenquer; Capitão A. Alfredo Alves, de Belém; J. C. d'Almeida Carvalho; e Frederico de Mello Garrido.

Para além dos dotadores anteriormente designados, está documentada num officio do Conservador Pereira Boto, datado de 13 de Janeiro de 1898, a doação de uma espada da Idade do Bronze, por parte do rei D. Carlos, o que faz dele outro dotador do Museu.

Em 1898, tendo já sido registadas novas entradas para o conjunto do acervo do Museu, o número de dotadores aumenta:

– Governo e Autarquias: Câmara Municipal da Figueira da Foz; Direcção das Obras Públicas;

– Religiosos em exercício ou em preparação: Reverendo Manuel da Cruz Semedo; Seminarista João Assumpção Pires; Prior Manuel José de Oliveira; Padre Manuel Basílio Correia; Padre José dos Ramos; Prior Romão António Vaz; Prior Júlio Baptista; Seminarista João Manuel d'Horta; Prior António Joaquim Rodrigues; Seminarista José Custódio Sant'Ana; Capelão Militar José Joaquim Nunes; Prior Bernardino Pessanha; Seminarista Amadeu do Sacramento Ribeiro; Seminarista José Carvalho; Padre José Inácio Pereira (do Cadaval); Seminarista Joaquim António Vieira; Padre Miguel José da Silveira e Lorena; Prior Passos Pinto; Padre José Cabrita Vieira das Neves; Prior José de Sousa Guerreiro; Seminarista Joaquim Afonso de Brito; Seminarista Barros Santos; Seminarista João Carlos d'Oliveira Mendonça; Seminarista Pedro Guerreiro; Seminarista José Augusto Barros Inglez; Cónego Reitor Joaquim Bernardo das Dores; Seminarista Graça; Cónego Manuel Alexandre da Silva; Seminarista Sebastião Palma;

Seminarista Galan de Campos; Seminarista Silva Ramos; Cónego Manuel Bernardo Cardoso Botelho Furtado; Arcebispo Metropolitano de Évora; Padre João Avelino da Silva; Seminarista Mora Féria; Padre Bernardo Salgado; Padre Francisco de Assis Nascimento Rocha; Seminarista Graça Cristina; Monsenhor Elviro dos Santos (de Lisboa);

– Instituições: Junta de Paróquia da Luz de Tavira; Fábrica da Sé Catedral de Faro; Confraria das Almas da Sé de Faro; Real Compromisso de Faro; Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses;

– Particulares: José António Ferreira; João Lúcio Pereira; D. Isabel Cúmano de Bivar; D. Ana Cúmano de Bivar; D. Júlia d'Oliveira Baptista; Francisco José Pinto; Leitão Correia; João José Ferreira Neto; Engenheiro Câmara Manuel (de Évora); José Maria Brandeiro; Alexandre de Sousa Figueiredo; D. Maria Cândio Botto (de Alhandra); Capitão de Mar e Guerra João Botto; D. Maria Pery Botto; José Ferreira da Silva; Manuel Ferreira d'Almeida; António Alexandre Pereira Paiva; J. A. Ernesto Cordes d'Avellar; Dr. José Lapa Fernandes Manuel; D. Maria António Cúmano Fialho; Vicente Ferrer Maria Franco; Francisco Reis Barroso; João Luís de Mendonça e Melo (de Tavira); Gertrudes Maria; Aníbal Botto (de Belém); Amílcar Botto (de Alhandra); António Joaquim Costa (de Portimão); Dr. António d'Azevedo e D. Maria Teresa d'Azevedo; Tomaz d'Aquino Machado; Dr. António Vieira (de Silves); Francisco de Paula; Joaquim Nobre; Martins Galego Júnior (de S. Braz de Alportel); Visconde de Sacavém, Bordalo Pinheiro; Dr. Annes Baganha; António Feliciano Trigo; José da Graça Senior (Cerro de S. Miguel); D. Tereza Ramalho Macedo Ortigão; Eduardo Soares Fonseca; Luís Abreu Macedo Ortigão; Jaime Barrot; Francisco Augusto Cândido; Comendador Augusto Pires; D. Ana da Cunha Neto; Joaquim Almeida; João Aleixo; D. Joaquina d'Ascensão; D. Maria Guieiro d'Azevedo; D. Maria Feliciano Antunes e Irmãs; Serpa (Condutor de Obras Públicas); Bento José da Silva; João Maria Pereira Botto; D. Laura Botto; D. Berta Botto; Francisco de Bivar; Rodrigo d'Ascensão; Ventura Carapinha; Capitão de Artilharia António de Figueiredo; Dr. Agostinho Lúcio da Silva; Desembargador Santos Henrique (de Santarém); José Fernandes Ruivo; Antero da Silva (de Luanda); Manuel Baptista (de Estói); D. Carmen Roldan y Pego; António Isidoro; Governador Civil Vaz Correa Seabra Lacerda; Eduardo Fonseca; António dos Santos Brito (de Loulé); Dr. João Ferreira da Silva Guimarães; D. Cristina Neves Ayala; David Sabath; Francisca do Carmo Rolão; João do Carmo Rolão; D. Maria Augusta de Travassos Neves; Estudante Vanez Pereira; Estudante Alexandre Pereira; Júlio Castilho; Conselheiro Joaquim Pires Sousa Gomes (de Lisboa); Luís Macedo Ortigão (de Alcantarilha); Francisco d'Almeida Vilhena; Sargento José Vieira Branco; Francisco do Carmo Carapinha; Estudante Freitas Barros; Estudante Frederico Madeira; Joaquim Nobre; Apolinário Leal; José Martins Palmeiro; D. Henriqueta Botto; Estudante Reis Cabrita; D. Maria Maximina Assis; D. Regina Negrão; D. Maria Rocha Mattos Coutinho (de Alpiarça); Victor Carlos Sasseti (de Lisboa); Vicente Baptista Pires; João Manuel Rodrigues de Passos; Joaquim Inácio Nunes Faria; Adolpho Hausman; João Gomes Relego Arouca; Abraão Ruah; Victorino de Faria; Nuno Leopoldo Carneira; António Pena; D. Pelegrin Casades (de Espanha); Joaquim da Luz Clara; João Francisco Rom; Filipe Falardo; Dr. Estevão Afonso; Mesquita de Figueiredo (de Lisboa); Luís Mendonça Gaziba; José António Faisca Mimoso; Dr. Joaquim Pargana Neves.

Entre 1899 e 1900, face à entrada de novos monumentos para o Museu, acrescentam-se novos dotadores:

– Religiosos: Seminarista Joaquim da Luz Clara; Seminarista Nascimento Correia; Seminarista Oliveira Mendonça; Comendador Cónego Bernardo Cardoso Botelho (de Coimbra);

– Particulares: Artur Santos Cartaxo; Bento Ruah; Estudante José Franco; Francisco de Sousa; António de S. Braz; Dr. Pina Azevedo Castelo Branco (de Lagos); João Torres; Manuel Inácio; D. Rita e D. Remédios Crespo; Augusto Sousa de Mello (Olhão); José Fortes Júnior; Mr. Julius Meili; Conde de Marim; José Rodrigues Cochado; Alexandre dos Santos Leitão.

Temporariamente, foram surgindo novos dotadores, tais como Jules Philippe, de S. Tiago do Cacém (1904); Major Augusto Carlos de Sousa Escrivanis, de Cascais (1909); e D. Ana Marinha de Lemos Lobo Freire Pantoja (1919).

Claro está que muitos outros viriam e ainda virão, tendo em conta que, ao longo do trabalho, e muito posteriormente ao ano de 1919, foram feitas constantes referências a novas colecções que o Museu viu incorporadas, e aos respectivos dotadores.

Nota: a enumeração dos dotadores presente neste documento respeita a ortografia da época em que os mesmos viveram, e os dados foram obtidos mediante análise do artigo «História do Museu Arqueológico Infante D. Henrique», in *Anais do Município de Faro*, Faro, Maio, 1969, pp. 121-156.

ANEXO 2

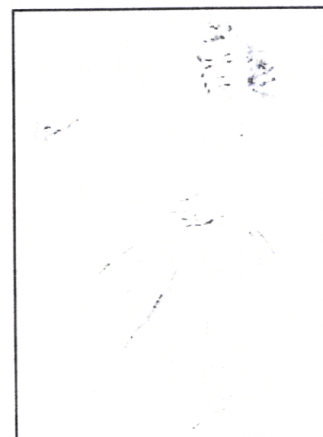
**EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE 50 ANOS DE ACTIVIDADE DO MESTRE
ISOLINO VAZ – MUSEU ARQUEOLÓGICO E LAPIDAR INFANTE D.
HENRIQUE – FARO – 1990**

OBRAS EXPOSTAS

1 – AUTO-RETRATO (1948) >
Óleo / Madeira
22,5 x 30 cm.
n. ass. / dat.
Col. Particular



2 – *Pintora Susana Olga*, > 1948
Lápis / Papel
33 x 42 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



3 – *Povo* >
Carvão / Papel
63 x 49 cm.
ass. / n. dat.
Col. Particular



4 – *Atelier I* >
 Óleo / Tela
 57 x 77 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular



5 – *Carnaval I*
 Aguarela / Papel
 34 x 43 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular

6 – *Carnaval II* >
 Aguarela / Papel
 57 x 43 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular



7 – *Maternidade*, 1954
 Carvão / Papel
 62 x 48 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

8 – *Bruxelas*, 1955
 Aguarela / Papel
 62 x 48 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

9 – *Gente*, 1956
 Esferográfica / Papel
 46 x 31 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

10 – *Rostos*, 1956
 Esferográfica/Papel
 41x59 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular

11 – *Carrocel* >
 Esferográfica / Papel
 24 x 30 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular



12 – *Auto-retrato*, 1956 >
Lápis / Papel
32 x 50 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



< 13 – *À lenha*, 1957 >
Lápis / Papel
25 x 33 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

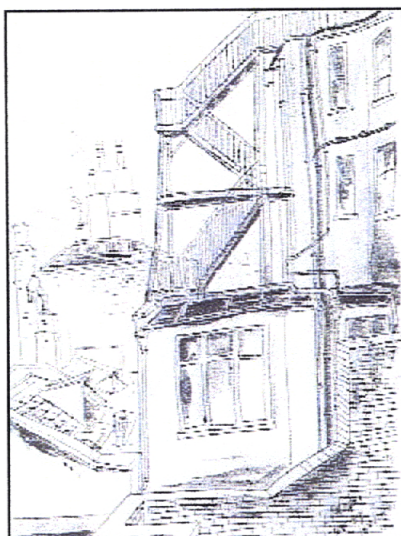


14 – *Gerações*, 1957
Esferográfica / Papel
36 x 49 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

15 – *Paris*, 1957 >
Aguarela / Papel
23 x 32 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



16 – *Londres*, 1957 >
Aguarela / Papel
23 x 32 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



17 – *Londres, Regent's Park*, 1957
 Aguarela / Papel
 23 x 31 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

19 – *Cabeça de Cristo*, 1958
 Gesso Patinado
 25 x 30 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

20 – *Eva*, 1958
 Cerâmica
 22 x 39 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

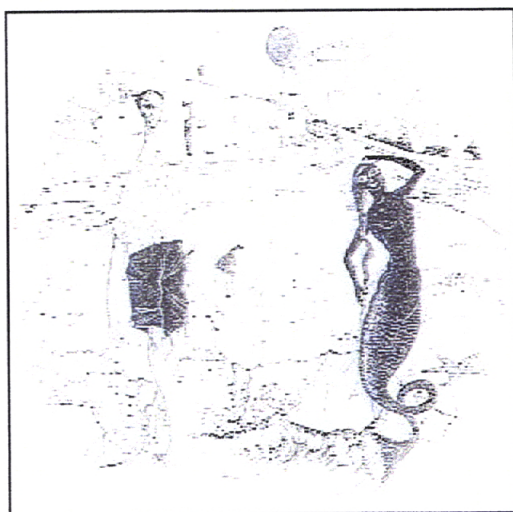
22 – *Puto*, 1958
 Cerâmica (prato)
 40 diâmetro
 ass. / dat.
 Col. Particular

18 – *Emigrante*, 1957 >
 Gesso Patinado
 13 x 36 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

21 – *Familia*, 1958
 Cerâmica (prato)
 40 diâmetro
 ass. / dat.
 Col. Particular ↓

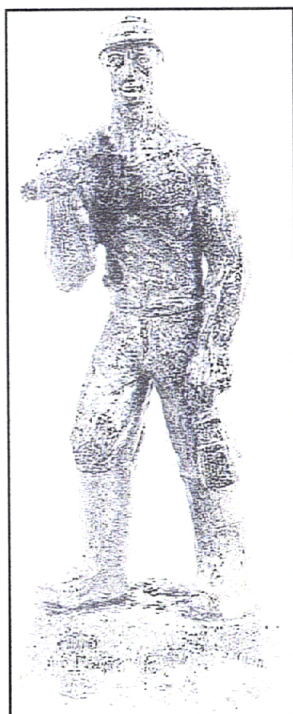


23 – *Trio*, 1958 >
 Cerâmica (prato)
 ass. / dat.
 Col. Particular



< 24 – *Sereia*, 1958
 Cerâmica (prato)
 40 diâmetro
 ass. / dat.
 Col. Particular

25 – *Rostos*
Cerâmica (jarra)
11 x 21 cm.
ass. / n. dat.
Col. Particular



26 – *Jarrão* >
Cerâmica
67 x 53 cm.
ass. / n. dat.
Col. Particular



< 27 – *Mineiro do Pejão*
(1959)
Cerâmica
56 x 23 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

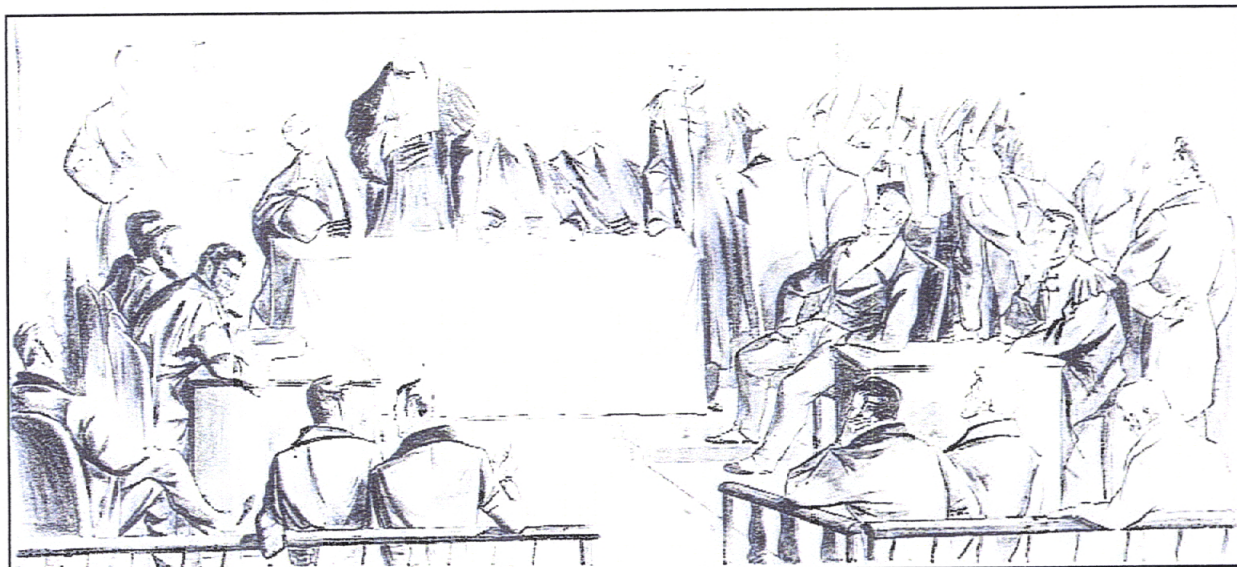


28 – *Merenda* >
Cera / Papel
31 x 44 cm.
ass. / n. dat.
Col. Particular



< 29 – *Ilustração*, 1958
Guacho / Papel
20 x 27 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

30 – *Trib. do Comércio*
(Fundação), (1959)
Estudo para fresco no Pal. da
Justiça, Porto
Aquarela / Papel
5,30 x 2,50 m.
n. ass. / n. dat.
Col. Particular ↓

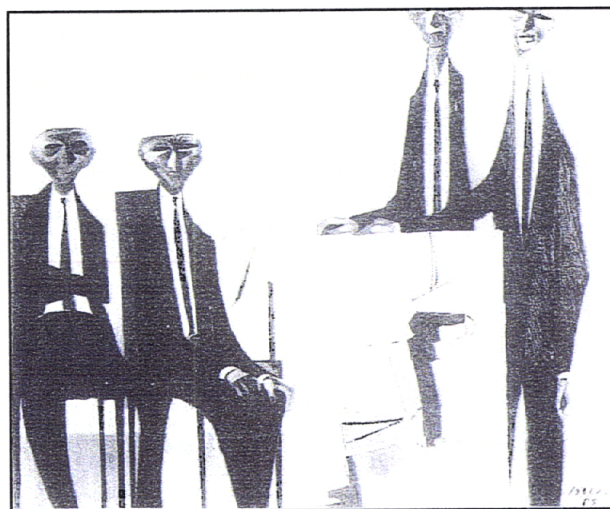


31 – *Atelier II*, 1963
Óleo / Madeira
80 x 100 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

33 – *Virgem*, 1963
Cera / Papel
49 x 68 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

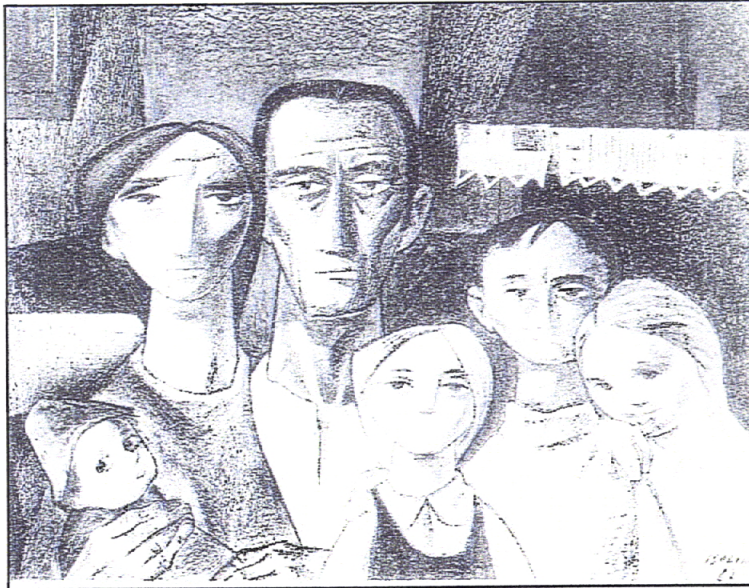
34 – *Mesa*, 1964
Ardósia
60 x 90 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

32 – *Júri Acéfalo*, 1963 >
Óleo / Madeira
100 x 80 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



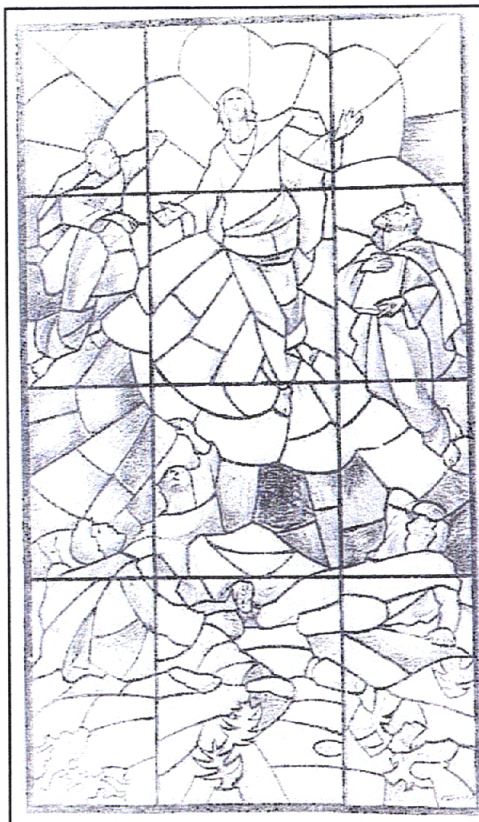
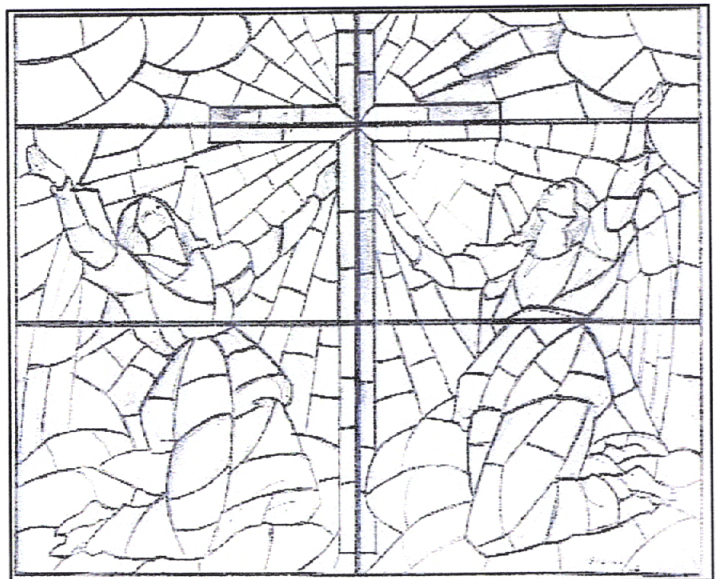
< 35 – *Santa Rita de Cássia*, 1965
Cópia em miniatura da escultura
em madeira – Igreja das Antas,
Porto.
Gesso Patinado
75 x 30 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

36 – *Camilo*, 1967 >
 Cera / Papel
 32 x 50 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular



< 37 – *Familia*, 1967
 Cera / Papel
 64 x 49 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

38 – *Vitral I*, 1967 >
 Estudo para vitral – Igreja de
 Santo Ildefonso, Porto.
 Esferográfica / Papel
 18 x 15 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular



< 39 – *Vitral II*, (1967)
 Estudo para vitral – Igreja de
 Santo Ildefonso, Porto.
 Esferográfica / Papel
 19,5 x 34 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular

40 – *Família Algarvia*, 1970

Cera / Papel
45 x 32 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

41 – *Mãe e Filha*, 1970

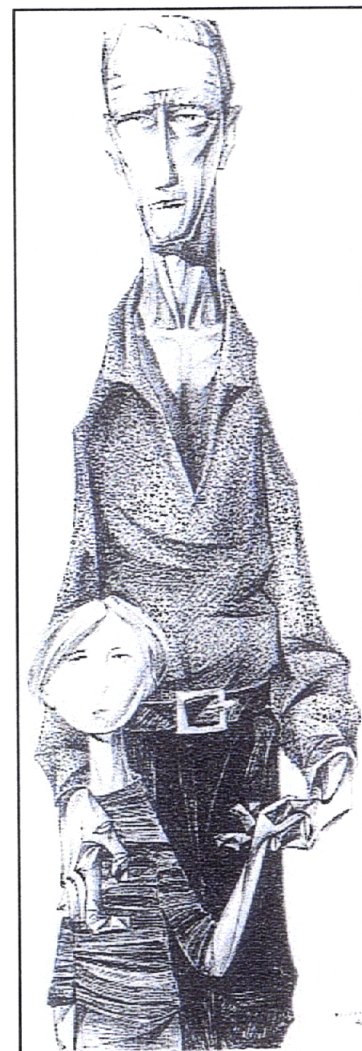
Esferográfica / Papel
31 x 49 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

43 – *Paisagem*, 1972

Aguarela / Papel
50 x 39 cm
ass. / dat.
Col. Particular

42 – *Pai e Filha*, 1970 >

Esferográfica / Papel
32 x 50 cm.
ass. / dat.
Col. Particular



< 44 – *Três Gerações*, 1973

Pena / Papel
32 x 43 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

45 – *Medalha Comemorativa do 25 de Abril*, >
1974

Bronze Fundido
9,2 x 0,7 cm.
ass. / dat.
Col. Particular





< 46 – *Medalha Comemorativa do 25 de Abril, 1975*
 Bronze Fundido
 9 x 0,3 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular



49 – *Elsa Vaz, 1975 >*
 Óleo / Tela
 34 x 45 cm.
 ass. / dat. Col. Particular

47 – *Medalha Comemorativa do 50.º Aniversário da Casa-Museu Teixeira Lopes e da Biblioteca Pública Municipal de V. N. de Gaia, 1983.*

Bronze
 Estampado
 9 x 0,6 cm.
 ass. / n. dat.
 Col. Particular

48 – *Rapariga*
 Cera / Papel
 33 x 48 cm.
 n. ass. / n. dat.
 Col. Particular

50 – *Fuzeta, 1986*
 Lápis / Papel
 30 x 49 cm.
 ass. / dat.
 Col. Particular

51 – *Auto-Retrato, 1986 >*
 Pena / Papel
 20 x 24 cm
 ass. / dat.
 Col. Particular Marcelo Fontes



52 – *O Filho do Palhaço*, 1987 >
 Guacho / Papel
 34 x 45 cm
 ass. / dat.
 Col. Part. Marcelo Fontes

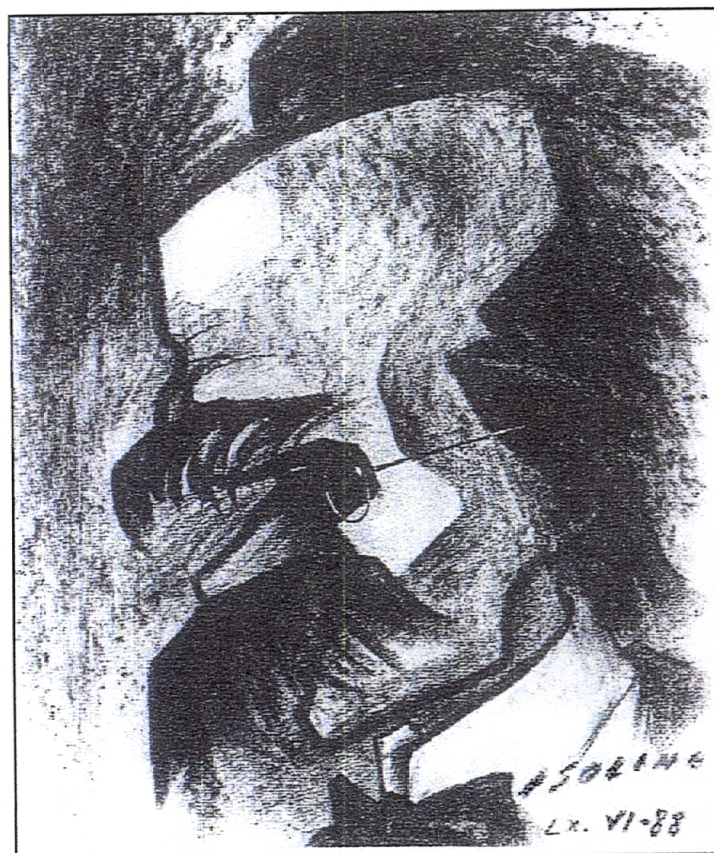


53 – *O meu cartão para a UNICEF*, 1987 >
 Guacho / Papel
 30 x 41 cm.
 ass. / dat.
 Col. Part. Marcelo Fontes



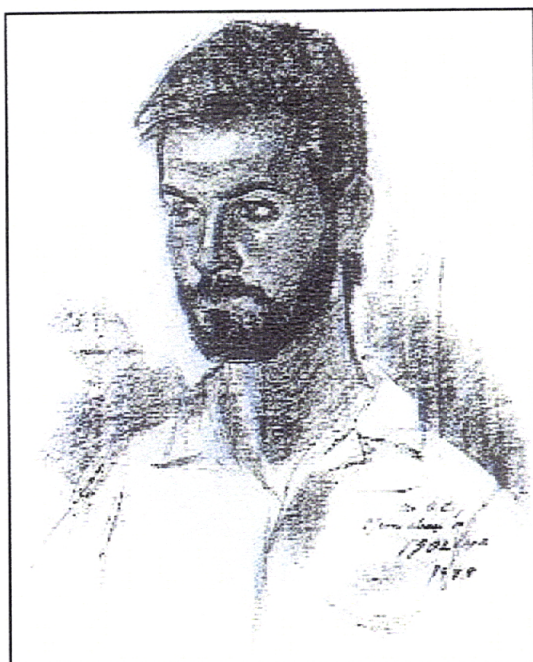
54 – *N.ª S.ª do Nó*, 1987
 Madeira
 30 x 14 cm
 ass. / dat.
 Col. Part. Marcelo Fontes

55 – *Camilo* (caricatura), >
1988
Carvão / Papel
30 x 40 cm.
ass. / dat.
Col. Particular Marcelo Fontes



56 – *Mulher*, 1988 >
Cera / Papel
31 x 47 cm
ass. / dat.
Col. Particular Marcelo Fontes





< 57 – *Escritor Joaquim Saraiva*, 1988
Carvão / Papel
47 x 59 cm.
ass. / dat.
Col. Particular

58 – *Guarda-Florestal*, 1989 >
Pena / Papel
20 x 28 cm.
ass. / dat.
Col. Part. Marcelo Fontes



< 59 – *Velho*, 1989
Sanguíneo / Papel
28 x 33 cm.
ass. / dat.
Col. Part. Marcelo Fontes

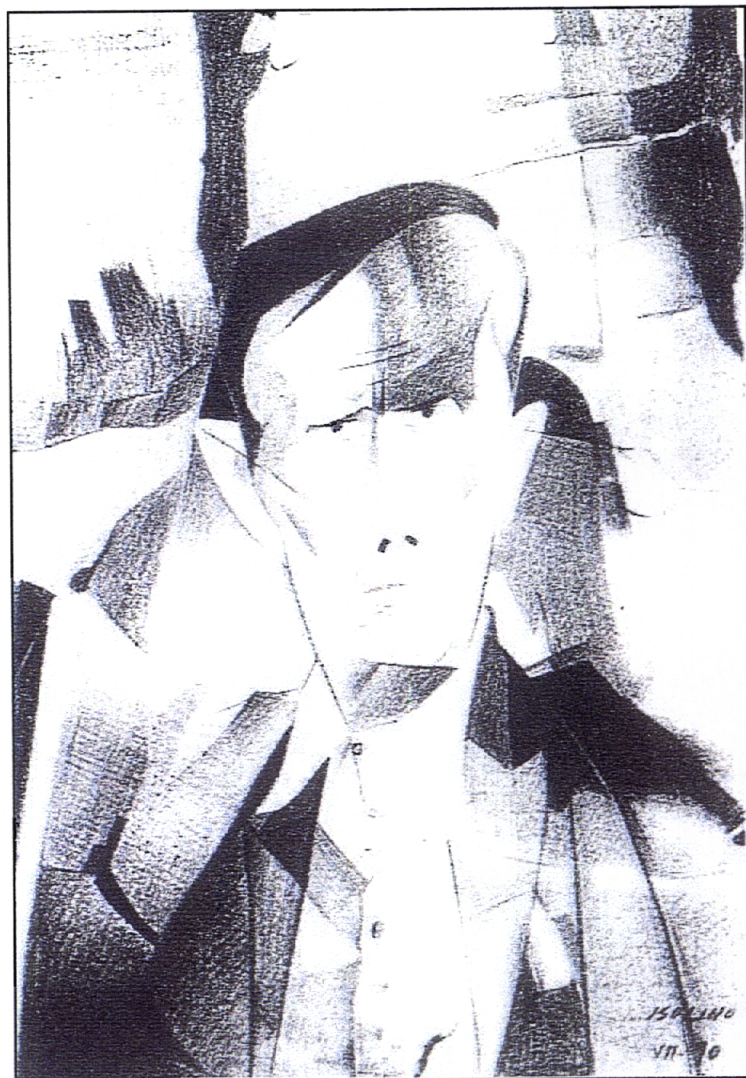


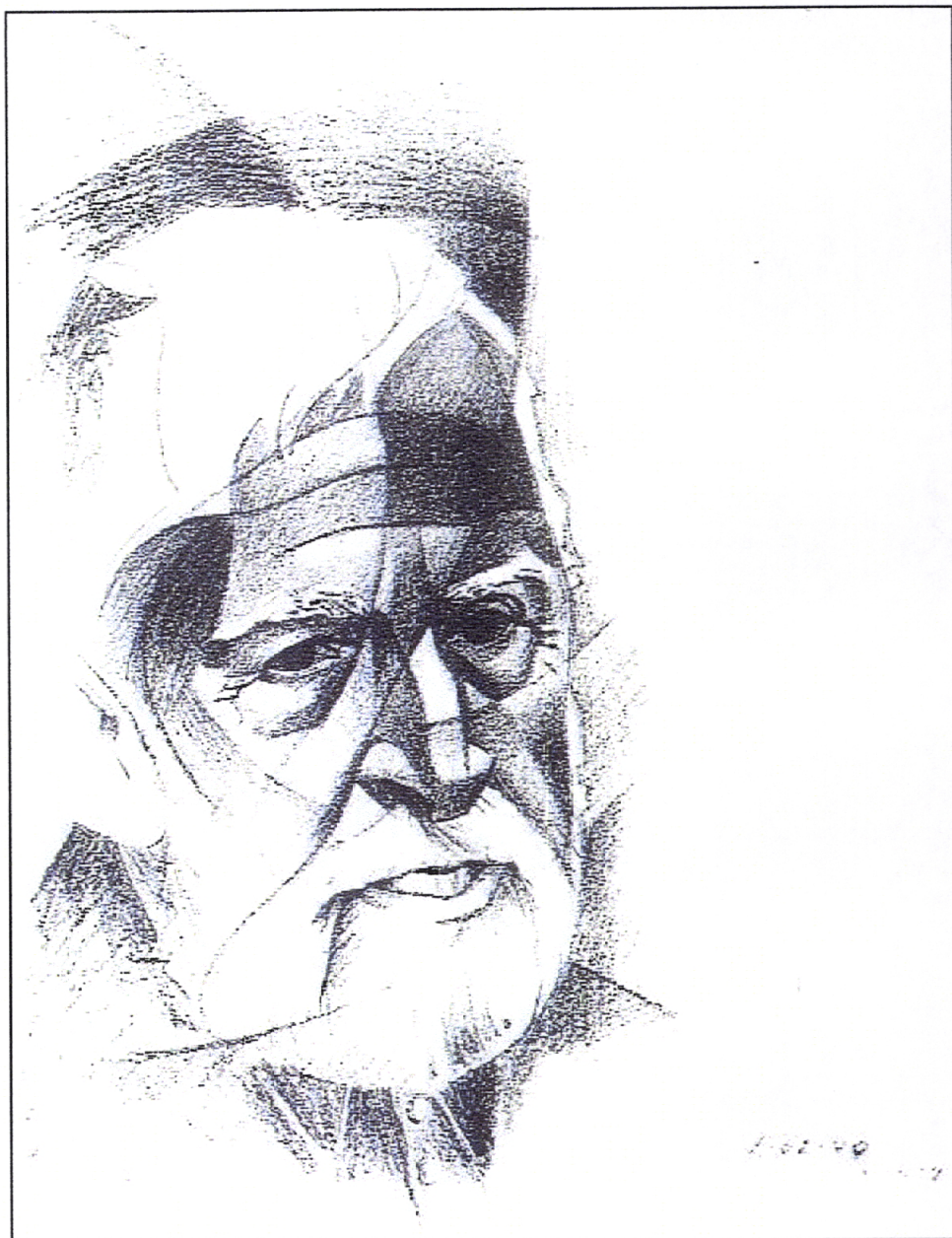
60 – *CASAL*, 1989
Óleo / Tela
31 x 54 cm.
ass. / dat.
Col. Part. Marcelo Fontes



< 61 – *Vendedora de balões*, 1989
 Óleo / Tela
 63 x 80 cm.
 ass. / dat.
 Col. Part. Marcelo Fontes

62 – *Poeta António Aleixo*, 1990 >
 Lápis / Papel
 21 x 30 cm
 ass. / dat.
 Coleção do Pintor





63 – *Prof. Agostinho da Silva*,
1990
Lápis / Papel
29 x 40 cm.
ass. / dat.
Colecção do Pintor

ANEXO 3

Bibliografia: Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, *Joaquim António Viegas, Pintura – Fotografia – Manuscritos – Cartazes*, catálogo, ed. da Câmara Municipal de Faro/Pelouro da Cultura, Maio de 1994

Colecção Joaquim António Viegas

Pintura

<p>1 – AUTO-RETRATO Assinado e datado: J. Viegas/18.9.1901 Óleo sobre tela A. 0,38 x L. 0,28m N.º Inv. 1852</p>	<p>2 – RETRATO DE JOAQUIM ANTÓNIO VIEGAS Cópia feita pelo pintor em 1895 a partir do retrato original pintado por Domingos Costa em 1886. Assinado: J.V. Óleo sobre tela A. 0,40 x L. 0,20m N.º Inv. 1854</p>
<p>3 – AUTO-RETRATO Assinado e datado: J. Viegas/1894 Crayon sobre papel A. 0,62 x L. 0,47m N.º Inv. 2008</p>	<p>4 – AUTO-RETRATO Assinado e datado: J. Viegas/1894 Crayon sobre papel A. 0,62 x L. 0,47m N.º Inv. 2010</p>
<p>5 – RETRATO DE JOAQUIM ANTÓNIO VIEGAS Assinado e datado C. Fernandes/1897 Óleo sobre tela Reverso: C. Fernandes off.º 25-5-1897 A. 0,73 x L. 0,56m N.º Inv. 1851</p>	<p>6 – RETRATO DE BEATRIZ LAURA CALDEIRA DA ROCHA VIEGAS (Esposa do Artista) Assinado e datado: J. A. Viegas/3-1-1895 Crayon sobre papel Registo: «Je vous offre comme prouve de gratitude» A. 0,61 x L. 0,46m N.º Inv. 2009</p>
<p>7 – PUBLICIDADE DO ATELIER DO PINTOR Pintura sobre vidro A. 0,26 x L. 0,16m N.º Inv. 1921</p>	<p>8 – FRISO CENOGRÁFICO ORNAMENTAL Óleo sobre tela A. 0,29 x L. 0,84m N.º Inv. 1952</p>
<p>9 – ESTUDO DA PINTURA DECORATIVA DO TECTO DO ESTABELECIMENTO «ESTRELA D'OURO» Assinado: J. V. Óleo sobre tela A. 0,34 x L. 0,24m N.º Inv. 1953</p>	<p>10 – NÚ Assinado: Lupi Crayon sobre papel A. 0,56 x L. 0,36m N.º Inv. 1995</p>
<p>11 – ADOLESCENTE Crayon sobre papel Reverso: «Este desenho de Lupi; a 26 de Fevereiro de 1883 nasce em Lisboa o grande pintor Miguel Ângelo Lupi que foi uma das figuras mais destacadas do meio artístico português do séc. XIX. Este quadro trouxe a prima Maria Dorothea Fonseca Ribeiro Arthur para o nosso pai, Joaquim António Viegas, pintor de arte, vender...? Viegas» A. 0,43 x L. 0,26m N.º Inv. 1994</p>	<p>12 – VELHO Assinado e datado: Constantino Fernandes – 1898 Óleo sobre tela A. 0,60 x L. 0,45m N.º Inv. 1865</p>
<p>13 – BARREIRO Assinado e datado: J. Viegas – 22-11-19(?) Óleo sobre tela A. 0,29 x L. 0,40m N.º Inv. 1853</p>	<p>14 – RETRATO DE MULHER Assinado e datado: VIEGAS – 1898 Óleo sobre tela A. 0,47 x L. 0,36m N.º Inv. 1855</p>

<p>15 – FORTE DE SANTA CATARINA – FIGUEIRA DA FOZ Assinado e datado: J. Viegas – 25-5-99 Óleo sobre tela A. 0,28 x L. 0,38m N.º Inv. 1863</p>	<p>16 – APARIÇÃO DE CRISTO Medalha de Prata na exposição em Paris em 1900 Assinado e datado: VIEGAS – 3-6-1899 Óleo sobre tela A. 1,02 x L. 0,82m N.º Inv. 1866</p>
<p>17 – TRECHO DA ODISSEIA Encontro de Ulisses com Nausica Assinado e datado: J. Viegas – 23-11-1900 Óleo sobre tela A. 1,18 x L. 0,92m N.º Inv. 1867</p>	<p>18 – BATALHA DE ALJUBARROTA Assinado: VIEGAS Ano de 1899 Óleo sobre tela A. 0,38 x L. 0,35m N.º Inv. 1868</p>
<p>19 – CABEÇA DE CRISTO Cópia Assinado e datado: Viegas – 22-12-1896 Óleo sobre tela A. 0,46 x L. 0,37m N.º Inv. 1869</p>	<p>20 – ESPÓLIO DE GUERRA Assinado e datado: J. Viegas/1891 Óleo sobre tela A. 0,65 x L. 1,05m N.º Inv. 1870</p>
<p>21 – JOANA, A LOUCA Assinado: Viegas Óleo sobre tela A. 0,15 x L. 0,11m N.º Inv. 1873</p>	<p>22 – ÚLTIMOS DIAS DE NUMANCIA Assinado e datado: VIEGAS/1889 Óleo sobre tela A. 0,42 x L. 0,58m N.º Inv. 1874</p>
<p>23 – CLAUSTROS DA SÉ CATEDRAL DE LISBOA Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: Claustros da Sé A. 0,63 x L. 0,48m N.º Inv. 1881</p>	<p>24 – RETRATO DE CRIANÇA Assinado: J.V. Óleo sobre tela A. 0,80 x L. 0,59m N.º Inv. 1885</p>
<p>25 – ADOLESCENTE Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: 10 V. Exame A. 0,92 x L. 0,50m N.º Inv. 1886</p>	<p>26 – RETRATO DE FRITHIOF BERGSTRÖM Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: FRITHIOF BERGSTRÖM / Morreu na Cidade da Praia – Cabo Verde – África, 5-8-1898 A. 0,58 x L. 0,40m N.º Inv. 1888</p>
<p>27 – MODELO Assinado e datado: J. Viegas / 14-5-1900 Óleo sobre tela Reverso: Cabeça de expressão, exame final do 4.º ano de pintura A. 0,80 x L. 0,60m N.º Inv. 1889</p>	<p>28 – NÚ MASCULINO Assinado: J.V. Óleo sobre tela A. 0,62 x L. 0,35m N.º Inv. 1901</p>
<p>29 – NÚ MASCULINO Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: 6-6-1897, exame de frequência 14v A. 0,79 x L. 0,48m N.º Inv. 1902</p>	<p>30 – NÚ MASCULINO Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: 13 V. Exame J. A. Viegas A. 0,78 x L. 0,32m N.º Inv. 1908</p>

<p>31 – NÚ FEMININO Assinado: J.V. Óleo sobre tela A. 0,79 x L. 0,32m N.º Inv. 1910</p>	<p>32 – NÚ FEMININO Assinado: J.V. Óleo sobre tela Reverso: 2-3-1900 A. 0,79 x L. 0,32m N.º Inv. 1912</p>
<p>33 – NA CORTE DO MESTRE DE AVIZ Óleo sobre tela A. 0,72 x L. 0,41m N.º Inv. 1913</p>	<p>34 – ALTO SIGNATARIO ECLESIASTICO Óleo sobre tela A. 1,0 x L. 0,39m N.º Inv. 1915</p>
<p>35 – PAISAGEM INSPIRADA NA OBRA DE JÚLIO VERNE «Os filhos do Capitão Grant» Assinado: Viegas Óleo sobre cartão A. 0,14 x L. 0,18m N.º Inv. 1926</p>	<p>36 – RETRATO Óleo sobre tela Reverso: Retrato de Isaura Maria Elisa da Rocha Viegas, começado por seu pai Joaquim António Viegas na casa de seus compadres, no Fundão, em 1920. A. 0,34 x L. 0,28m N.º Inv. 1927</p>
<p>37 – RETRATO Inacabado de Armando José António da Rocha Viegas, filho do artista. Óleo sobre tela A. 0,34 x L. 0,28m N.º Inv. 1928</p>	<p>38 – PAISAGEM – RIO COM CIPRESTES Assinado e datado: J. A. Viegas / 7-1-1895 Crayon sobre papel A. 0,32 x L. 0,22m N.º Inv. 2005</p>
<p>39 – FIGURA DE NÚ MASCULINO Cópia de um gesso Assinado e datado: J. A. Viegas / 1-2-1896 Crayon sobre papel Registo: Exame Frequência – 15 V. A. 0,61 x L. 0,41m N.º Inv. 1965</p>	<p>40 – DESENHO EM PERSPECTIVA Base de Coluna sob Pedestal Assinado e datado: J. A. Viegas / 6-11-95 Tinta da china e aguarela sobre papel A. 0,51 x L. 0,25m N.º Inv. 1966</p>
<p>41 – ORNATO Assinado e datado: J. Viegas / 28-2-95 Aguarela sobre papel A. 0,53 x L. 0,36m N.º Inv. 1974</p>	<p>42 – BUSTO FEMININO Cópia de um gesso Assinado, numerado e datado: J. A. Viegas / n.º 6 / 27-2-1894 Crayon sobre papel Registo: Exame Frequência da Academia de Belas Artes de Lisboa – 16V A. 0,61 x L. 0,34m N.º Inv. 1979</p>
<p>43 – ORNATO Assinado: J. A. Viegas Crayon sobre papel A. 0,17 x L. 0,44m N.º Inv. 1982</p>	<p>44 – DIANA Cópia de um gesso Assinado e datado: Joaquim António Viegas / 1.º ano / 1893 Crayon sobre papel A. 0,61 x L. 0,47m N.º Inv. 1989</p>
<p>45 – DESENHO DE PERSPECTIVA Assinado e datado: J. A. Viegas / 14-11-1906 Tinta da china A. 0,52 x L. 0,35m N.º Inv. 1999</p>	<p>46 – ORNATO Aguarela sobre papel A. 0,27 x L. 0,40m N.º Inv. 2006</p>

Diplomas, Condecorações e Fotografias

<p>1 – DIPLOMA DA EXPOSIÇÃO OPERÁRIA DE 1889 Cooperativa da Caixa Económica Operária A. 0,31 x L. 0,39m N.º Inv. 1876</p>	<p>2 – DIPLOMA DO CURSO GERAL DE DESENHO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA Datado: 30-4-1901 Ano Lectivo 1895/96 A. 0,33 x L. 0,51m N.º Inv. 2012</p>
<p>3 – DIPLOMA DO CURSO ESPECIAL DE PINTURA HISTÓRICA DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA Datado: 30 de Abril de 1901 Ano Lectivo 1899/1900 A. 0,33 x L. 0,51m N.º Inv. 2013</p>	<p>4 – TRÊS MEDALHAS OBTIDAS DURANTE O CURSO 1892/1900 Escola de Belas Artes de Lisboa 1.ª Medalha – Escola de Bellas Artes de Lisboa / 1.º ano / Prémio Joaquim António Viegas / Anno Lectivo de 1892/1893 2.ª e 3.ª Medalhas – Anverso «Honor Alit Artes» A. 0,24 x L. 0,25 x 0 0,039m N.º Inv. 2014</p>
<p>5 – ARTIGO DE JORNAL Artigo sobre os trabalhos cenográficos de Joaquim António Viegas. Jornal dos Teatros, n.º 55, ano II, 13 de Janeiro de 1918 A. 0,38 x L. 0,23m N.º Inv. 1850</p>	<p>6 – ARTIGO DE JORNAL Artigo sobre os trabalhos cenográficos de Joaquim António Viegas Fotografia de Joaquim António Viegas ao lado do crítico João Luzo. Jornal dos Teatros, 22 de Fevereiro de 1920 A. 0,20 x L. 0,14m N.º Inv. 2015</p>
<p>7 – PANO DE BOCA DO TEATRO MODERNO Datado: 1909 Cenografia de J. A. Viegas Peça «Apotheose de Almeida Garrett» Fotografia A. 0,41 x L. 0,35m N.º Inv. 2016</p>	<p>8 – PANO DE BOCA DA COMPANHIA CARLOS LEAL Datado: 1920 Cenografia de J. A. Viegas Peça «Alegoria a Camões» Sociedade Teatral Lda. Portugal Fotografia: Foto-Portugal, Lisboa R. do Duque – 18 Registo: «Ao grande artista J. Viegas, aqui lhe faço a reprodução fotográfica do seu notável trabalho, com muito agradecimento e profunda admiração – Carlos Leal» A. 0,14 x L. 0,18m N.º Inv. 2017</p>
<p>9 – PANO DE ARROZ PINTADO Datado: 1920 Cenografia de J. A. Viegas Peça Teatral «O Mercador de Veneza» representado no Teatro da Trindade. Fotografia legendada, assinada e datada. A. 0,17 x L. 0,23m N.º Inv. 2018</p>	<p>10 – PANO DE ARROZ OU PANO DOS LEÕES Cenografia de J. A. Viegas Peça Teatral «O Mercador de Veneza» Pano de fundo ou rompimento (?) A. 0,16 x L. 0,22m N.º Inv. 2021</p>

Manuscritos

1 – Inventário da Coleção Artística de quadros pertencentes a Joaquim António Viegas, Pintor d'Arte e distinto Cenógrafo

Armando Rocha Viegas

(s. d.); 32,5 cm

2 – Esquiços, Scenários meus que pinte: Decalques e diversos desenhos.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

1.º Caderno com cenários

3 – Scenários meus que pinte: Club Estephania; Salas, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

2.º Caderno com cenários

4 – Scenários meus que pinte: Salas, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

3.º Caderno com cenários

5 – Scenários meus que pinte: D. Francisco Manuel, tocador de flauta, Madame Angot, D. de B. Tabarin, Alfama, Benamôr, Assyria, Sala persa, Babylónia, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

4.º Caderno com cenários

6 – Scenários meus que pinte: As pupilas, Colyseu, Casa de Pasto, Alfama, Indústria Nacional, Tabacos, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

5.º Caderno com cenários

7 – Scenários meus que pinte: para diversas revistas, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

6.º Caderno com cenários

8 – Scenários meus que pinte: para diversas revistas, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.); 33 cm

7.º Caderno

9 – Diversos desenhos e costumes antigos

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

10 – Diversos desenhos e Arte antiga

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

11 – Diversos desenhos e de Theatro

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

12 – Animais, paisagens, flores e aguarelas.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

13 – Elementos de figuras

Joaquim António Viegas (s.d.) 19 cm

14 – Les compositions de John Flaxman

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

39 esboços da «L'Iliade d'Homère» e 31 esboços da «Tragédies d'Eschyle»

15 – Decalques, bandeiras e apontamentos de desenhos, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 23 cm

16 – Desenhos documentários

Joaquim António Viegas

(s.d.) 21 cm

17 – Decalques da História de Portugal de «P. Chagas».

Joaquim António Viegas

(s.d.) 19 cm

18 – Lisboa Velha de Roque Gameiro: decalques.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 50 pag; 33 cm

100 decalques a preto e branco

19 – Lisboa ilustrada. Pregões, etc. Decalques

Joaquim António Viegas

(s.d.) 10 pag; 34 cm

20 – Lisboa ilustrada. Ruas, Edifícios, etc. Decalques.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 10 pag; 34 cm

21 – Decalques decorativos: Estatuas, bustos, candelabros, jarros, meninos, etc.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 30 pag; 32 cm

22 – Armaria e Indumentários

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

23 – Perspectiva de tectos por Eng. Bailby

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

24 – Elementos de figuras. Decalques.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

25 – Estudos do nu, candelabros, etc. Sala «idade medea». Decalques.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

26 – Meninos. Decalques

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

27 – Meninos. Decalques.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

28 – Monogramas e Corôas.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

Desenhos de monogramas e corôas feitos pelo autor e algumas folhas de revistas com monogramas

29 – Desenhos Gregos e Romanos, etc. Decalques

Joaquim António Viegas

(s.d.) 33 cm

30 – Geographia

Joaquim António Viegas

(s.d.) 15 pag; 33 cm

Apontamentos do autor

31 – História da Arte

Joaquim António Viegas

(s.d.) 29 pag; 33 cm

Apontamentos do autor

32 – Caderno contendo desenhos lineares geométricos, princípios de perspectiva e apontamentos vários.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 20,5 cm

33 – Apontamentos, recortes de jornais

Joaquim António Viegas

(s.d.)

34 – Apontamentos de algumas salas do Palácio Real de Queluz antes do incêndio – De Setembro a Outubro, Anno de 1920.

Joaquim António Viegas

(s.d.) 34 pag; 17 cm

35 – Cenários de Caramba; Apontamentos e decalques ilustrados para passar a limpo

Joaquim António Viegas

(s.d.)

36 – Apontamentos, desenhos por passar a limpo.

Joaquim António Viegas

(s.d.)

37 – Calendário agenda com apontamentos

Joaquim António Viegas

(s.d.)

38 – Apontamentos de desenhos feitos e inutilizados

Joaquim António Viegas

(s.d.)

39 – 5 Fotografias de um quadro do Artista

Joaquim António Viegas

(s.d.) 3 fot. 17x14 cm; 1 fot. 19x16 cm; 1 fot. 21x17 cm

Preto/Branco

40 – Fotografia de parte de um cenário – (Visual)

(s.d.); 25x20 cm

Preto/Branco

41 – **Fotografia de homem tendo por cenário o Alhambra de Granada.**

(s.d.); 27x21 cm

Preto/Branco

42 – **2 Fotografias da Tournée da Grande Companhia do Teatro Avenida de Lisboa – (Visual)**

(s.d.) 36x29 cm

Preto/Branco

43 – **3 Fotografias de nús femininos – (Visual)**

(s.d.) 19x14 cm

Preto/Branco

44 – **3 Desenhos de cenários do 1.º, 2.º e 3.º actos de uma peça teatral de Bernardim Ribeiro –**

(Visual)

O. Miranda

(s.d.) 18x12,5 cm

Cores

45 – **Colecção de 25 postais de retratos femininos – (Visual)**

Neue Photographische Gesellschaft, Berlin-Steglitz

1898 23x15 cm

Preto/Branco

46 – **Colecção de 32 postais de nús femininos – (Visual)**

(s.d.) 17x11 cm

Cores

Cartazes

PUBLICIDADE

1 - LOTARIA DE STO ANTÓNIO Datado: 13 de Junho de 1936 Papel Impressão: Lito-Maia-Porto A. 1,2 x L. 0,895m N.º Inv. 2085	2 - REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUÊS Papel A. 0,75 x L. 0,965m N.º Inv. 2086
---	---

TEATRO

3 - TEATRO S. LUIZ - BAIRRO ALTO Datado: Junho de 1927 Papel Impressão: Lith. de Portugal Rua da Rosa, 309 - Lisboa A. 1,16 x L. 0,9m N.º Inv. 2087	4 - RETRATO DE SILVA CARVALHO TRANSFORMISTA LUSITANO Assinado: Papel Impressão: Lith. Salles Rua Serpa Pinto, 8 - Lisboa A. 0,9 x L. 0,65m N.º Inv. 2088
5 - L'ART D'ÊTRE GRAND'MÈRE Papel Impressão: Hazell Watson e Viney - 12 A. 1,015 x L. 0,76m N.º Inv. 2089	6 - RETRATO DE THERESIA ROMBELLO Papel Impressão: Weiners, L. ^{to} Wybert Ststanhope St Enstor - R.º Landon NW Paris & Viena A. 0,933 x L. 0,695m N.º Inv. 2090
7 - TOURNÉE COQUELIN Papel Impressão: Imp. Ch. Wall & C. ^{ie} 14, Rue Lafayette, Paris A. 1,14 x L. 1m N.º Inv. 2091	8 - RETRATO DE CHARLOTE WICHIE Assinado: Louis Galig Papel Impressão: Affiches Louis Galice 99, Fagb. St. Deniz - Paris A. 1,397 x L. 0,95m N.º Inv. 2092
9 - WERNER & AMOROS Pantomina «Les fils à Papá» Papel Impressão: Lith. Adolph Friedländer - Hamburg A. 1,35 x L. 0,95m N.º Inv. 2093	10 - OS TRÊS HOLLMEN'S NAS SUAS EXCENTRICIDADES Papel Impressão: Lit. Imp. Bougerie & C. ^{ie} 83, Faub. g St. Denis Paris A. 0,735 x L. 0,98m N.º Inv. 2094

TOURADA

11 - SORTE DE BANDARILHAS Assinado: A.M. Santos Papel A. 1,16 x L. 0,89m N.º Inv. 2095	12 - JANEIRO DE 1937 FESTA DO COLETE ENCARNADO Papel Impressão: Lit. Maia A. 2,005 x L. 0,9m N.º Inv. 2096
--	---

TURISMO

<p>13 – CHEMINS DE FER DU MIDI VIAGENS A PREÇO REDUZIDO Papel Impressão: Typ Goupil & C^a A. 1,06 x L. 0,75m N.º Inv. 2097</p>	<p>14 – CHEMINS DE FER DU MIDI ÉPOCAS DE INVERNO E BALNEAR DESCONTOS Assinado: F. Hugo d'Alés Papel Impressão: Imp. Courmont Fr, Atelier H. d'Alési (Affiches Simili – Aquarelle) 10, Rue Briquet – Paris A. 1,05 x L. 0,74m N.º Inv. 2098</p>
--	--

CIRCO

<p>15 – SCHENER'S LILIPUTANER – TRUPPE Papel Impressão : Lith. Adolph Friedländer – Hamburg A. 0,95 x L. 0,71m N.º Inv. 2099</p>	<p>16 – ANIMAIS E DOMADOR Papel Impressão : Lith. Adolph Friedländer – Hamburg A. 0,71 x L. 0,95m N.º Inv. 2100</p>
<p>17 – COLON'S MONKEYS Papel Impressão : Lith. Adolph Friedländer – Hamburg A. 0,95 x L. 0,71m N.º Inv. 2101</p>	<p>18 – GOBERT BELING AND HIS AUGUST FIPS Papel Impressão : Lith. Adolph Friedländer – Hamburg A. 1,36 x L. 0,95m N.º Inv. 2102</p>
<p>19 – THE GIANT OSTRICHES OF SAHARA Papel Impressão: Affiches Louis Galice 99, F^o St^e Denis – Paris A. 0,62 x L. 0,90m N.º Inv. 2103</p>	<p>20 – BRICK AND CROCK'S UNIQUE ECCENTRIC COMEDIANS Assinado: L. Damaré Papel Impressão: L. Galice – Paris A. 1,25 x L. 0,90m N.º Inv. 2104</p>
<p>21 – WOOD AND MAY – COMIC ACROBATIC Assinado: Alex Hoenig Papel Impressão: Star Printing Office A. 0,695 x L. 0,92m N.º Inv. 2105</p>	<p>22 – THE BOSTON BROS NOVELTY ACROBATIC ACT Papel Impressão: Lith. J. Weiner Wien A. 1,215 x L. 0,92m N.º Inv. 2106</p>
<p>23 – GEBRÜDER DEWALL DIE VERÄCHTER DESTODES Papel Impressão: Lith. T. Felt. Frères Anvers A. 0,96 x L. 0,69m N.º Inv. 2107</p>	<p>24 – GRASSY'S CELEBRATID NOVELTY ACTRATIM Papel Impressão: Affiches Artistiques Latscha 82, Fg. St. Martin – Paris A. 1,11 x L. 0,75m N.º Inv. 2108</p>

ESPECTÁCULO

<p>25 – Mr & Mme RAPHAEL – COLOMBEL CHANTEURS PARODISTES Assinado: Faria Impressão: Imp. Bourgerie & C.^{ie} 83, Faub.g St. Denis – Paris A. 1,30 x L. 0,94m N.º Inv. 2109</p>	<p>26 – EL CHALECO BLANCO !!! ÉXITO COLOSAL !!! Assinado e datado Labarta 1891 Papel Impressão: Lit. Henrichy C^a en Com.^{ta} Suces de Ramirez, Barna A. 0,70 x L. 0,61m N.º Inv. 2110</p>
<p>27 – IM REICH E DER SYRENE Papel Impressão: Lith.os William Rodhe Hamburg A. 1,30 x L. 0,91m N.º Inv. 2111</p>	<p>28 – INCROYABLE QUARTETTE DERNIERE NOUVEAUTÉ A AIR COMPRIMÉ Papel A. 0,75 x L. 1,05m N.º Inv. 2112</p>
<p>29 – FIGARO HAMACÔIS AVEC SON GARÇON ACOMPANHATEUR Papel Impressão: Affiches Louis Galice 99, Fg. St. Denis – Paris A. 0,90 x L. 0,62m N.º Inv. 2113</p>	<p>30 – LES WOLKOWSKY CHANTS ET DANSES RUSSES Papel Impressão: Lith. Adolph Friedländer Hamburg A. 0,71 x L. 0,95m N.º Inv. 2114</p>

CINEMA

<p>31 – DAS RECHT AUFS DASCIN EIKO FILM Papel Impressão: R. Spilgel, Berlim A. 0,31 x L. 0,47m N.º Inv. 2115</p>	<p>32 – MADAME SANS GÈNE RÉJANE INTERPRÈTE LE RÔLE DE MADAME SANS-GÈNE QU'ELLE A CRÉÉ Papel Impressão : Publicité Wall 14, Rue Lafayette – Paris A. 0,80 x L. 1,60m N.º Inv. 2116</p>	
<p>33 – ÉCLIPSE JOSÉ GURGUI – VENTA E ALQUILLER DE PELÍCULAS Paseo de Gracia, 56 – Barcelona Assinado: Rob Papel Impressão: Publicité Wall 14, Rue La Fayette – Paris A. 1,16 x L. 0,80m N.º Inv. 2117</p>	<p>34 – UNTER KUPPEL DES CIRCUS Assinado: Fari Papel A. 1,60 x L. 1,16m N.º Inv. 2118</p>	
<p>35 – LES VICTIMES DE L'ALCOOL Papel A. 1,60 x L. 1,15m N.º Inv. 2119</p>	<p>36 – L'ELECTROCUTÉ Papel Impressão : Publicité Wall 14, Rue Lafayette – Paris A. 1,14 x L. 1,16m N.º Inv. 2120</p>	

INDÚSTRIAS

<p>37 - FÁBRICA ANCORA FINÍSSIMOS - LICORES - COGNACS - XAROPES Papel Impressão: Lit. de Portugal - Lisboa A. 1,18 x L. 0,91m N.º inv. 2121</p>	<p>38 - SARDINES PORTUGAISE LES MEILLEURES Papel A. 0,67 x L. 0,45m N.º Inv. 2122</p>
<p>39 - FINE FISH BRAND PORTUGUESE WARRANTED SARDINES IN PURE OLIVE OIL A. 0,22 x L. 0,285m N.º Inv. 2123</p>	<p>40 - BOA VISTA BRAND THE BEST PORTUGUESE SARDINES IN PURE OLIVE OIL Papel A. 0,22 x L. 0,285m N.º Inv. 2124</p>
<p>41 - THE LABOUR STRUGGLE A TWO REEL FEATURE Papel Impressão: Waterlow Bro.ª and Layton Lta. Lith.o Land E. C. A. 1,01 x L. 0,70m N.º Inv. 2125</p>	<p>42 - FOGUEIROS INANIMADOS Papel A. 1,485 x L. 1,01m N.º Inv. 2126</p>
<p>43 - CARTAZ ALEGÓRICO ÀS ÁGUAS LOMBADAS Medalha de Ouro. Exposição do Palácio de Crystal de Londres 1904 Grand Prix Expº S. Luis Assinado e Datado : J. A. Viegas - 1905 Aquarela sobre papel A. 1,10 x L. 0,84m N.º Inv. 1879</p>	

ANEXO 4

Exposição Permanente – *Sala Islâmica* – inaugurada no MAF no ano de 2000

Notas: Informações e imagens extraídas do Catálogo *A Casa Islâmica*, ed. da Câmara Municipal de Faro e Museu Arqueológico de Faro, com fotografias de Hélio Ramos; a edição das imagens e respectiva numeração e aparência das legendas são da nossa autoria.

Louça de Cozinha

1 – Panela

N.º Inv. 2042

Técnica: Pasta vermelha de textura homogénea e compacta.

Morfologia: Bordo recto exterior; colo curto; bojo globular com caneluras; duas asas de secção romboidal; base alastrada ligeiramente convexa com vestígios de queimado aderente.

Decoração: pintada a branco com dedadas, no bojo e nas asas.

Procedência: Largo da Sé – Faro
Séculos XII/XIII

Dimensões:

Ø do fundo: 165mm

Ø do bordo: 134mm

altura: 220mm

espessura do bordo: 4mm

espessura das asas: 21mm



2 – Panela

N.º Inv. 2041

Técnica: Pasta vermelha de textura homogénea e compacta.

Morfologia: Bordo plano; colo curto; bojo globular; duas asas amputadas; secção romboidal; base ligeiramente convexa com vestígios de queimado aderente.

Decoração: pintada a branco com linhas em forma de espiral; bojo com treze caneluras.

Procedência: Largo da Sé – Faro
Séculos XII/XIII

Dimensões:

Ø da base: 176mm

Ø do bordo: 115mm

altura: 210mm

espessura do bordo: 4mm



3 – Panela

N.º Inv. U.Alg – Lab. 15

Técnica: Pasta acinzentada, pouco compacta, com abundância de elementos não plásticos.

Morfologia: Bordo levemente espesso e colo cilíndrico; bojo globular; asa vertical; fundo convexo.

Decoração: traços pintados a engobe branco no bordo.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Séculos XI/XII

Dimensões:

Ø do fundo: 115mm

Ø do bordo: 110mm

altura: 215mm

espessura do bordo: 4mm

espessura das asas: 21mm

4 – Panela

N.º Inv. 305

Técnica: Pasta cor de tijolo porosa com e.n.p.

Morfologia: Bordo boleado com ressalto; colo troncocónico invertido; corpo troncocónico; asas verticais de secção oval; fundo convexo.

Sem Decoração

Procedência: Largo da Sé – Faro

Séculos XII/XIII

Dimensões:

Ø do fundo: 115mm

Ø do bordo: 100mm

altura: 100mm



5 – Caçoila

N.º Inv. 2038

Técnica: Pasta avermelhada de textura pouco compacta e vidrada a castanho, por dentro e por fora.

Morfologia: Bordo boleado em aba; paredes rectas com quatro pequenas asas; base ligeiramente convexa.

Sem Decoração

Procedência: Largo da Sé – Faro

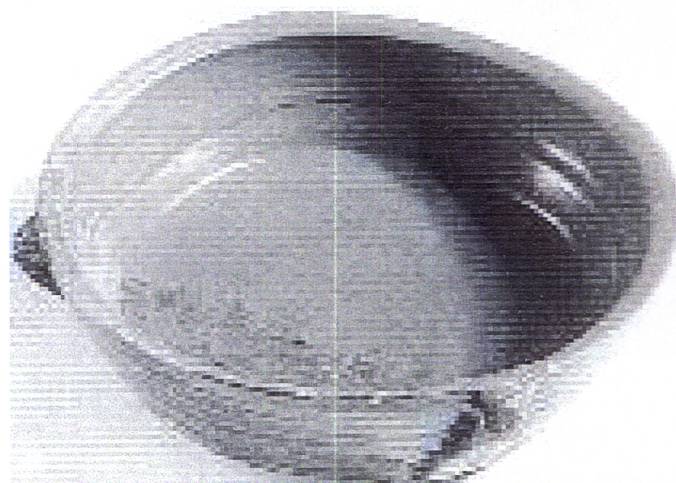
Séculos XII/XIII

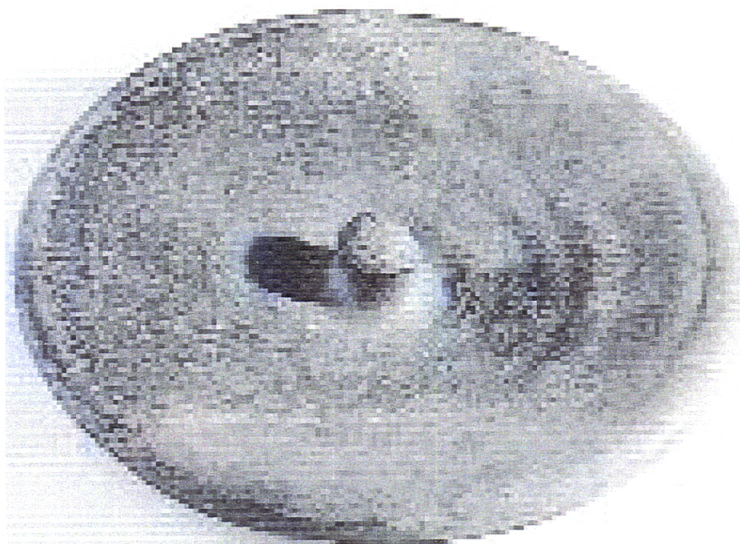
Dimensões:

Ø da base: 159mm

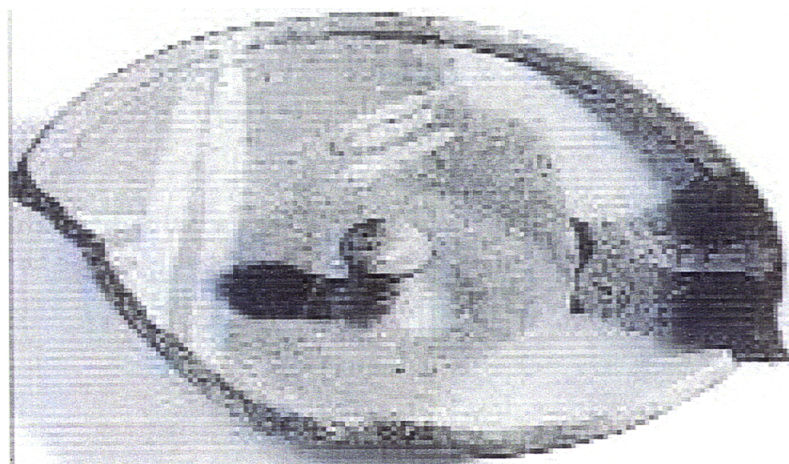
Ø do bordo: 186mm

altura: 50mm

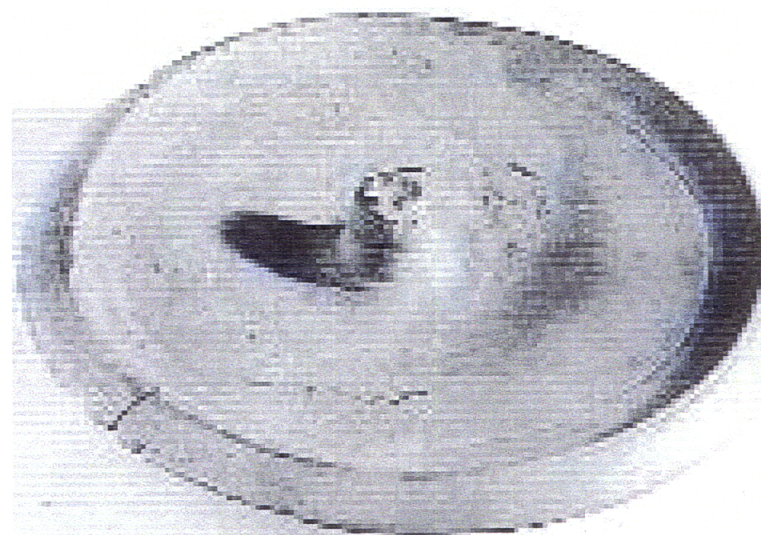




6 – Tampa
 N.º Inv. 2043
 Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea, compacta e com grãos médios de e.n.p.
 Morfologia: Bordo com lábio de secção semicircular com pega em botão; centro da base ligeiramente côncavo.
 Sem Decoração
 Procedência: Largo da Sé – Faro
 Séculos XI/XII
 Dimensões:
 Ø total: 143mm
 Ø da base: 15mm
 altura: 25mm



7 – Tampa
 N.º Inv. U. Alg. Lab. 128
 Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta com e.n.p.
 Morfologia: Bordo com lábio ligeiramente levantado de forma triangular, com pega em botão; centro da base ligeiramente côncavo.
 Sem Decoração
 Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro
 Séculos XI/XII
 Dimensões:
 Ø total: 134mm
 Ø da base: 65mm
 altura: 23mm



8 – Tampa
 N.º Inv. U. Alg. Lab. 95
 Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea, compacta e com grãos médios de e.n.p.
 Morfologia: Bordo levemente descaído de secção triangular com pega em botão; base diferenciada em forma de pé com restos de combustão.
 Sem Decoração
 Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro
 Séculos XI/XII
 Dimensões:
 Ø total: 140mm
 Ø da base: 40mm
 altura: 35mm



9 – Púcaro

N.º Inv. U. Alg. Lab. 54

Técnica: Pasta de cor de tijolo de textura compacta com e.n.p.

Morfologia: Bordo em bisel delimitado por canelura, corpo cilíndrico alto com caneluras na parte superior; asa vertical; pé diferenciado em bolacha.

Decoração: Caneluras na parte superior do corpo.

Procedência: Largo da Sé – Faro

Séculos X

Dimensões:

Ø da boca: 75mm

Ø da base: 55mm

altura: 125mm

Louça de Mesa

1 – Tigela

N.º Inv. U. Alg. Lab. 129

Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta coberta de vidro melado.

Morfologia: Bordo boleado, exvasado; leve carena; pé anelar externo convexo.

Decoração: Linha em espiral no fundo interno a manganês e sanefa no bordo.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

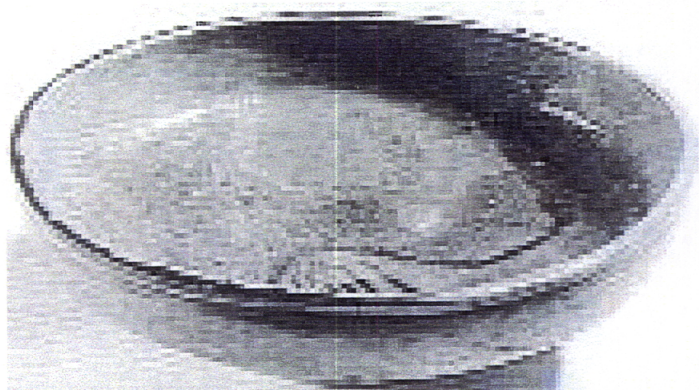
Séculos X/XI

Dimensões:

Ø da boca: 250mm

Ø da base: 95mm

altura: 70mm



2 – Tigela

N.º Inv. U. Alg. Lab. 123

Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta coberta de vidro melado.

Morfologia: Bordo boleado, exvasado; leve carena; pé anelar externo convexo.

Decoração: Traços indefinidos no interior a manganês.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

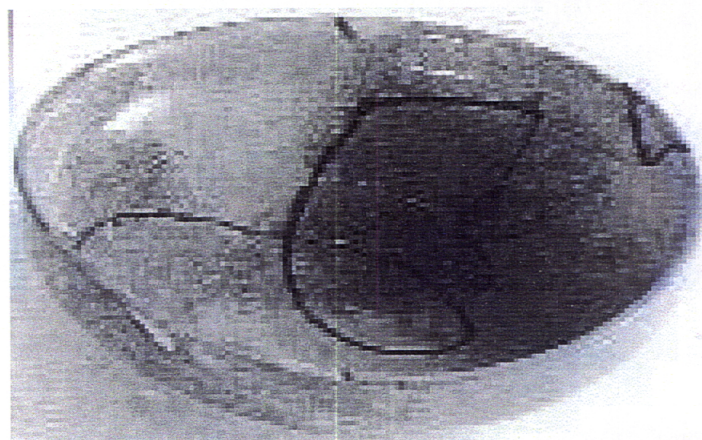
Séculos X/XI

Dimensões:

Ø da boca: 250mm

Ø da base: 105mm

altura: 77mm



3 – Tigela

N.º Inv. U. Alg. Lab. 23

Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta coberta de vidrado melado.

Morfologia: Bordo boleado, exvasado; leve carena; pé anelar externo convexo.

Decoração: Traços que formam grandes círculos secantes a manganês, no interior.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

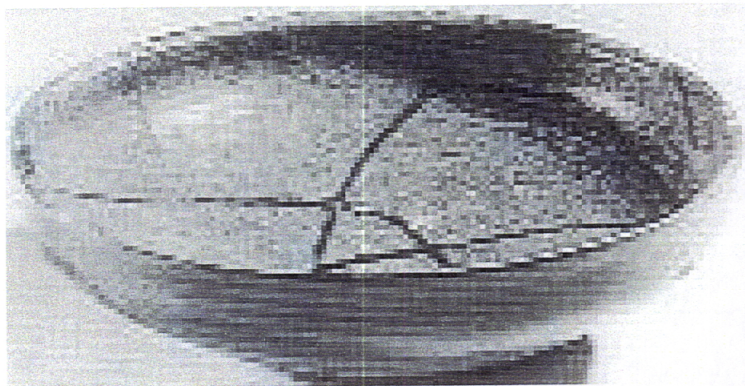
Séculos X/XI

Dimensões:

Ø da boca: 240mm

Ø da base: 102mm

altura: 80mm



4 – Tigela

N.º Inv. U. Alg. Lab. 77

Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta coberta de vidrado castanho.

Morfologia: Bordo triangular, exvasado; leve carena; pé anelar externo convexo.

Decoração: Traços a manganês, no interior e no bordo.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

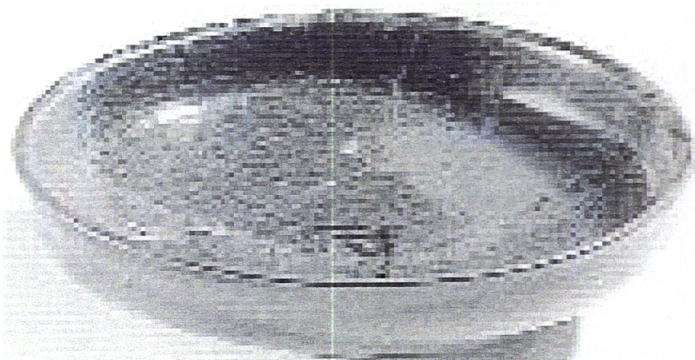
Séculos XI/XII

Dimensões:

Ø da boca: 250mm

Ø da base: 95mm

altura: 61mm



5 – Tigelinha

N.º Inv. U. Alg. Lab. 11

Técnica: Pasta avermelhada de textura homogênea e compacta com muitos e.n.p.

Morfologia: Bordo boleado, levemente exvasado com canelura a delimitar o corpo de perfil curvo; pé anelar.

Sem Decoração

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

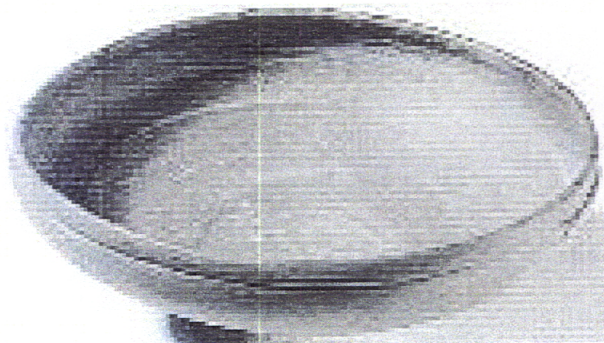
Séculos XI/XII

Dimensões:

Ø da boca: 120mm

Ø da base: 50mm

altura: 48mm



6 – Tigelinha

N.º Inv. U. Alg. Lab. 4

Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea e compacta com muitos grãos médios de e.n.p.

Morfologia: Bordo boleado, perfil curvo e base plana.

Decoração: Bandas de linhas horizontais, verticais e zigzagues no interior, pintadas a branco.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

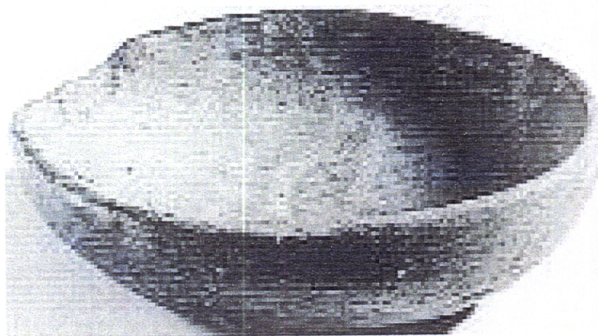
Século XI

Dimensões:

Ø da boca: 144mm

Ø da base: 95mm

altura: 39mm



7 – Tigelinha

N.º Inv. 1565

Técnica: Pasta castanho-avermelhada de textura homogénea e compacta.

Morfologia: Bordo direito com lábio de perfil semicircular; paredes carenadas; pé anelar com fundo externo direito.

Sem Decoração

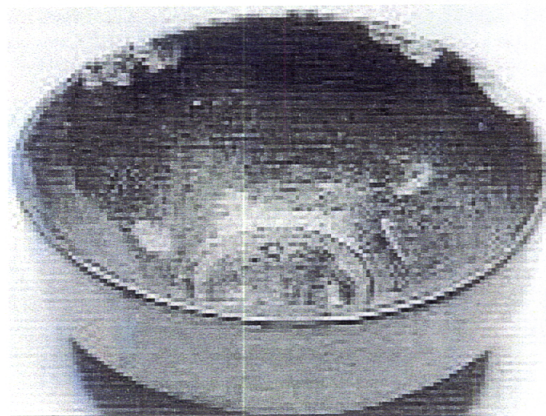
Procedência: Largo da Sé – Faro

Séculos XII/XIII

Dimensões:

Ø da base: 139mm

altura: 59mm



8 – Copo

N.º Inv. U. Alg. Lab. 21

Técnica: Pasta cor de tijolo de textura compacta, com alguns e.n.p.

Morfologia: Bordo em bisel; colo cilíndrico separado do corpo por leve canelura; bojo com simples encurvamento, de onde saía a asa, que não existe já; base convexa.

Decoração: linhas brancas em zigzague no bojo; linha branca no bordo.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Século X

Dimensões:

Ø da boca: 70^{mm}

Ø da base: 60mm

altura: 98mm

largura: 105mm



9 – Copo

N.º Inv. U. Alg. Lab. 12

Técnica: Pasta castanha clara de textura homogénea, compacta.

Morfologia: Bordo boleado com canelura em redor; corpo cilíndrico; asa de secção ovóide.

Decoração: Bandas separadas por linhas com motivos ondulantes e traços verticais, a castanho, no corpo; sanefa no bordo.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Século XI

Dimensões:

Ø da boca: 81mm

Ø da base: 56mm

altura: 52mm

10 – Jarro

N.º Inv. 2040

Técnica: Pasta clara de textura homogénea e compacta.

Morfologia: Bordo boleado; colo alto cilíndrico; corpo globular baixo; asa de secção em «D» sobrelevada em relação ao bordo; fundo irregular.

Decoração: Pintura a negro no colo, na asa, no bojo e no corpo; sanefa no bordo.

Procedência: Largo da Sé – Faro

Século XI

Dimensões:

Ø da boca: 116mm

Ø da base: 94mm

altura: 139mm



11 – Jarrinha

N.º Inv. U. Alg. Lab. 18

Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea e compacta, com muitos grãos de e.n.p.

Morfologia: Bordo boleado; colo cilíndrico; corpo bitroncocónico; asas verticais; fundo ligeiramente convexo.

Decoração: Pintura a engobe branco; bandas com traços verticais no colo e no bojo; dois traços a engobe branco nas asas.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Século XI

Dimensões:

Ø da boca: 89mm

Ø da base: 53mm

altura: 101mm

largura: 110mm





12 – Jarrinha

N.º Inv. U. Alg. Lab. 179

Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea e compacta, com muitos e.n.p.

Morfologia: Bordo boleado com prolongamento do colo alto cilíndrico, com curvatura suave; corpo bitroncocónico; asas verticais; fundo plano.

Decoração: Pintura a engobe branco no colo, bojo e asas.

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro
Século XI

Dimensões:

Ø da boca: 98mm

Ø da base: 53mm

altura: 103mm

13 – Jarra

N.º Inv. 659

Técnica: Pasta alaranjada de textura homogénea e compacta.

Morfologia: Corpo globular; com o colo parcialmente arrancado; asa arrancada; fundo ligeiramente convexo.

Decoração: Pintura a castanho no bojo com motivos florais naïf e linha separadora do bojo e do colo.

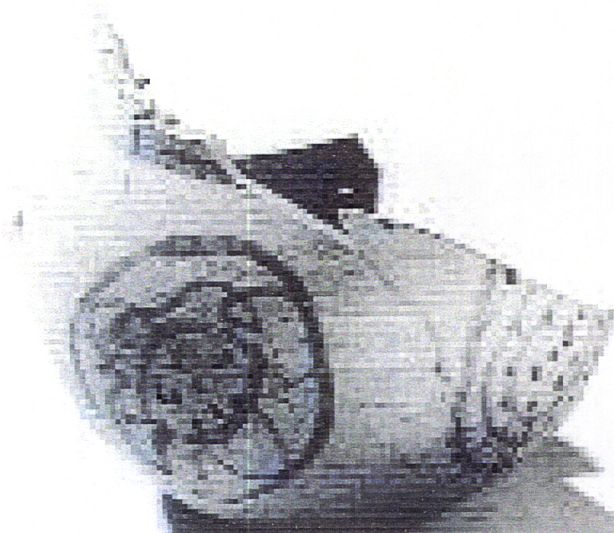
Procedência: Desconhecida

Século XI/XII

Dimensões:

Ø da base: 73mm

altura: 128mm



14 – Pequena Bilha

N.º Inv. 384

Técnica: Pasta castanha clara de textura homogénea e compacta, corda seca parcial.

Morfologia: Bordo triangular ligeiramente inclinado para fora; colo curto cilíndrico; bojo globular; pé anelar diferenciado.

Decoração: Linhas vidradas verticais e diagonais no bojo.

Procedência: Desconhecida

Século XII

Dimensões:

Ø da base: 21mm

altura: 76mm



15 – Pequena Bilha

N.º Inv. 2564

Técnica: Pasta castanha clara de textura homogénea e compacta, com e.n.p. e coberta de vidrado melado.

Morfologia: Bordo com bico; lábio recto levemente envasado; canelura a delimitar o bordo do gargalo; bojo globular; fundo em bolacha.

Sem Decoração

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Século XI/XII

Dimensões:

Ø da base: 31mm

altura: 60mm



16 – Bilha

N.º Inv. 687

Técnica: Pasta castanha clara de textura homogénea e compacta, coberta por vidrado verde.

Morfologia: Bordo boleado ligeiramente envasado; colo curto cilíndrico a delimitar o bordo do gargalo; bojo globular; asa que arranca do colo e termina no bordo em forma de «L» invertido; pé anelar com fundo plano.

Sem Decoração

Procedência: Milreu, Estoi – Faro

Século XII/XIII

Dimensões:

Ø da boca: 33mm

Ø da base: 75mm

altura: 175mm

17 – Alguidar tripode

N.º Inv. 2045

Técnica: Pasta clara de textura compacta.

Morfologia: Bordo em aba, rectangular e boleado; paredes com caneluras; fundo alastrado, saliente e convexo, com um apoio cónico.

Sem decoração

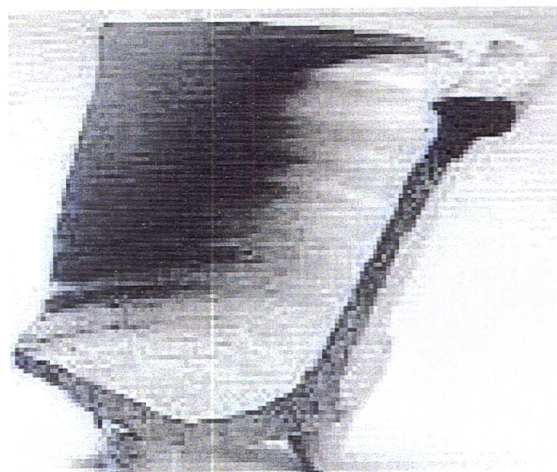
Procedência: Largo da Sé – Faro

Séculos XII/XIII

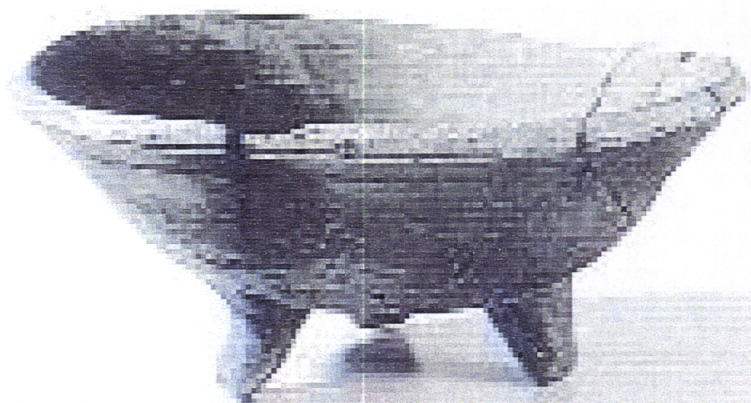
Dimensões:

altura: 135mm

espessura da parede: 6mm

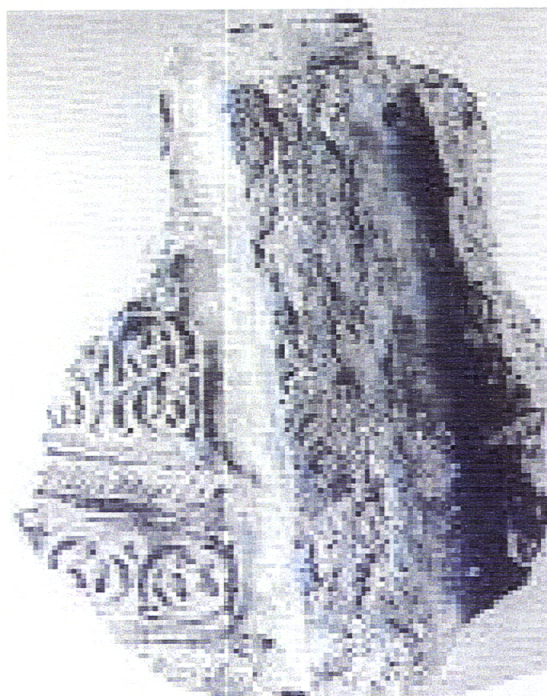


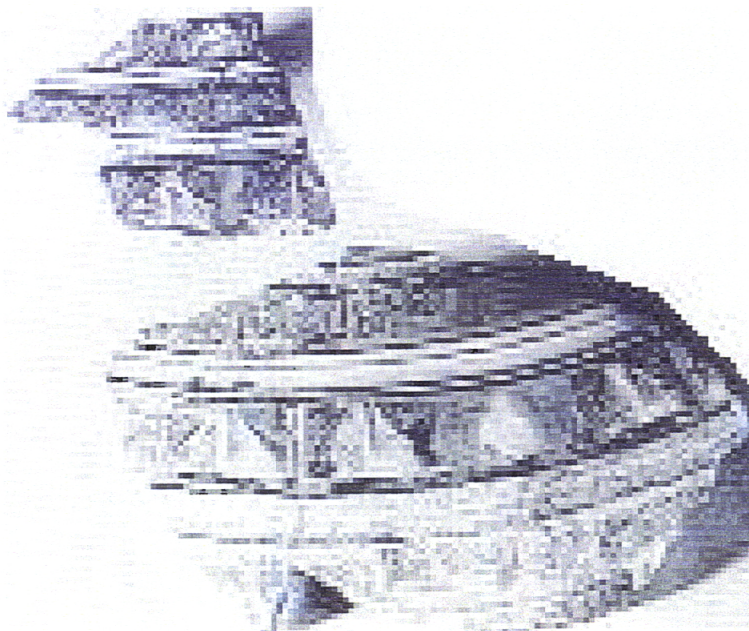
18 – Pequena tigela trípode
 N.º Inv. (U.Alg) Lab. 8
 Técnica: Pasta avermelhada de textura homogénea e compacta, com e.n.p.
 Morfologia: Bordo triangular envasado; corpo com paredes ligeiramente encurvadas; fundo plano com três apoios cilíndricos, com vestígios da acção do fogo.
 Decoração: Pintura a branco no bordo.
 Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro
 Séculos XI/XII
 Dimensões:
 altura: 74mm
 Ø do bordo: 165mm



Recipientes de Armazenamento

1 – Fragmento de Talha
 N.º Inv. 689
 Técnica: Pasta clara avermelhada, de textura compacta e homogénea, com abundância de e.n.p. de grão médio e vidrado verde no exterior.
 Morfologia: Fragmento de bojo com arranque de asa.
 Decoração: Estampilha com motivos fitomórficos dispostos em série, vestígios de decoração estampilhada com rosetas na parte lateral da asa.
 Procedência: Desconhecida
 Séculos XII/XIII
 Dimensões:
 altura: 122mm
 comprimento: 161mm
 espessura da parede: 18mm
 espessura da asa: 21mm





2 – Fragmentos colados de Talha

N.º Inv. 695/696/700/711

Técnica: Pasta clara de textura compacta e homogénea, com e.n.p. de grão médio-fino e vidrado verde no exterior, com vestígios de óxido de manganês.

Morfologia: Fragmento de bojo de paredes convexas.

Decoração: Registos horizontais estampilhados que exibem motivos fitomórficos dispostos em série, separados por registos estreitos delimitados por caneluras com decoração incisa, linha ondulante e outra de duas linhas entrelaçadas.

Séculos XII/XIII

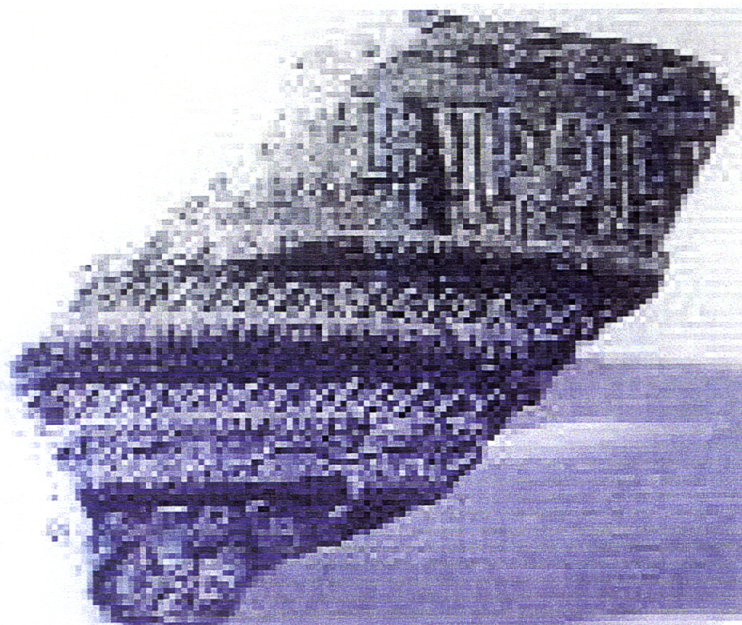
Procedência: Desconhecida

Dimensões:

altura: 178mm

comprimento: 280mm

espessura da parede: 16mm



3 – Fragmento de Talha

N.º Inv. 2337

Técnica: Pasta clara de textura compacta e homogénea, com abundância de grão médios de e.n.p.

Morfologia: Fragmento de bojo de paredes curvo-convexas.

Decoração: Registo central estampilhado com motivo epigráfico cursivo onde se inscreve a palavra “ALA”, delimitado por caneluras, registos estreitos de losangos dispostos em série e dois registos de linhas ondulantes incisas.

Séculos XII/XIII

Procedência: Largo da Sé – Faro

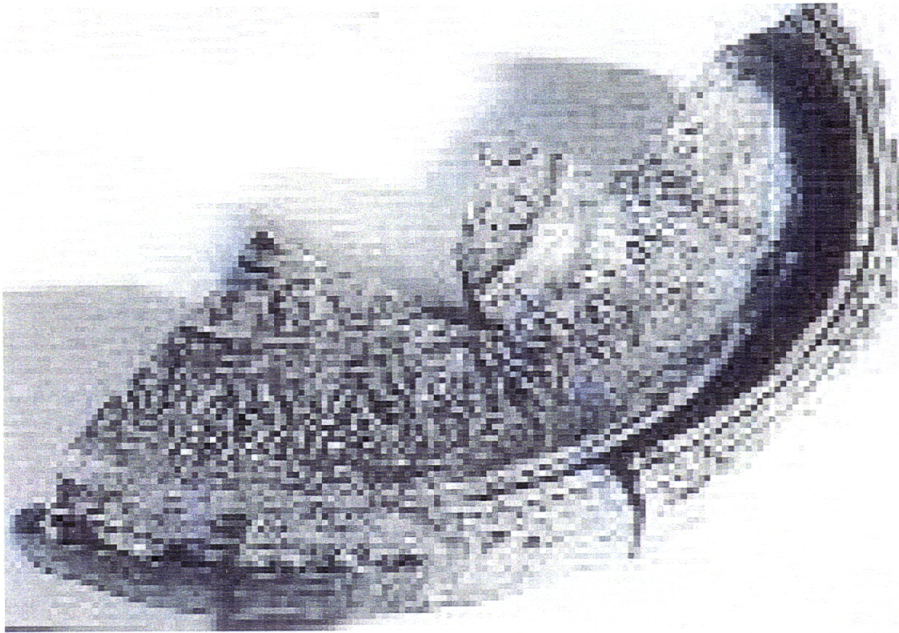
Dimensões:

altura: 112mm

largura: 89mm

espessura da parede: 16mm

espessura da parede do bojo: 37mm



4 – Fragmento de Tampa de Talha

N.º Inv. 2047

Técnica: Pasta clara de textura homogénea e compacta, com grãos finos de e.n.p.

Morfologia: Fragmento de tampa plana com bordo direito saliente.

Decoração: Registo com estampilha de matriz fitomórfica delimitada por cartela o corpo e duas linhas incisadas no remate do friso.

Século XIII

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

Ø: 270mm

espessura da parede: 10mm



5 – Cântaro

N.º Inv. (U.Alg.) Lab. 132

Técnica: Pasta vermelha e preta porosa, pouco homogénea, com muitos e.n.p.

Morfologia: Bordo triangular em aba; colo cilíndrico; bojo ovóide; asas de secção em “D” rompendo do meio do colo para o ombro; fundo plano.

Decoração: Pintura a branco com traços finos formando conjuntos de três linhas verticais e pequenos círculos, no seu interior, linhas ziguezagueantes; nas asas conjuntos de três linhas horizontais repetem-se três vezes, bem como no bordo, mas verticalmente.

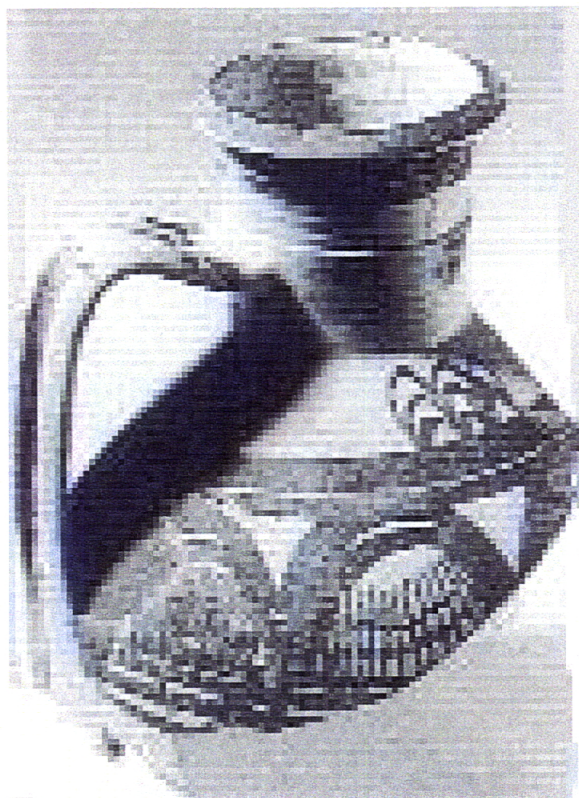
Séculos IX/X

Procedência: Quintal da Polícia Judiciária – Faro

Dimensões:

altura: 420mm

Ø da boca: 131mm



6 – Cântaro

N.º Inv. 2345

Técnica: Pasta avermelhada de textura compacta e homogênea, com e.n.p. de grão médio-fino.

Morfologia: Bordo triangular em aba; colo cilíndrico com canelura; bojo ovóide; asa de secção em “D” rompendo do corpo e rematando no ombro.

Decoração: Pintura a castanho com sanefa no bordo, duas dedadas a castanho na horizontal no colo e na asa, com linhas ondulantes no bojo.

Século XI

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

Altura conservada: 255mm

Ø da boca: 140mm

espessura da parede: 6mm

espessura da asa: 11mm

Contentores de Fogo

1 – Candil para iluminação

N.º Inv. 321

Técnica: Pasta vermelha compacta, com e.n.p. de grão médio-fino.

Morfologia: Câmara cilíndrica achatada; bico arredondado ligeiramente inclinado com vestígios de combustão; fundo plano; vestígios de asa arrancada.

Sem Decoração

Século X

Procedência: Descohecida

Dimensões:

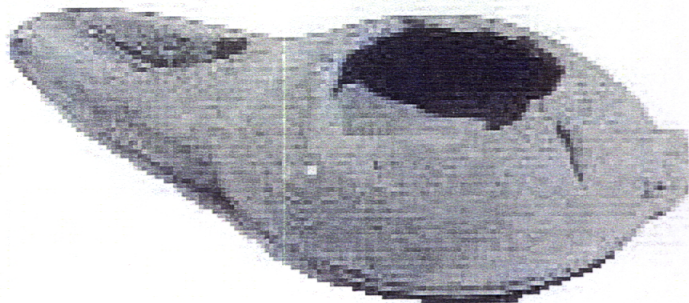
altura: 35mm

comprimento: 169mm

largura: 95mm

espessura da parede: 3mm

espessura da parede do bico: 11mm



2 – Candil para iluminação

N.º Inv. 1561

Técnica: Pasta clara de textura compacta, com e.n.p. de grão fino.

Morfologia: Câmara cilíndrica achatada; bico ligeiramente convexo com vestígios de combustão; base plana; vestígios de asa e bocal arrancados.

Sem Decoração

Séculos X/XI

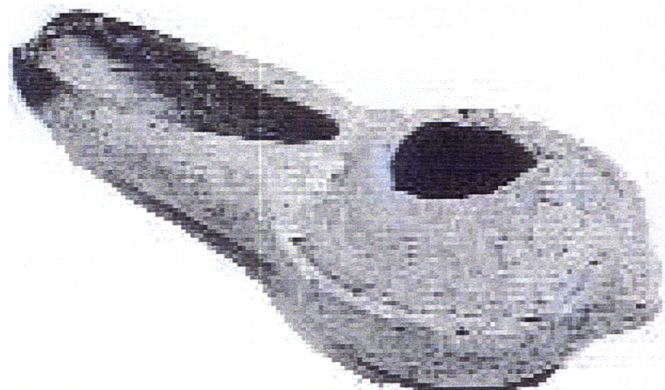
Procedência: Largo da Sé – Faro

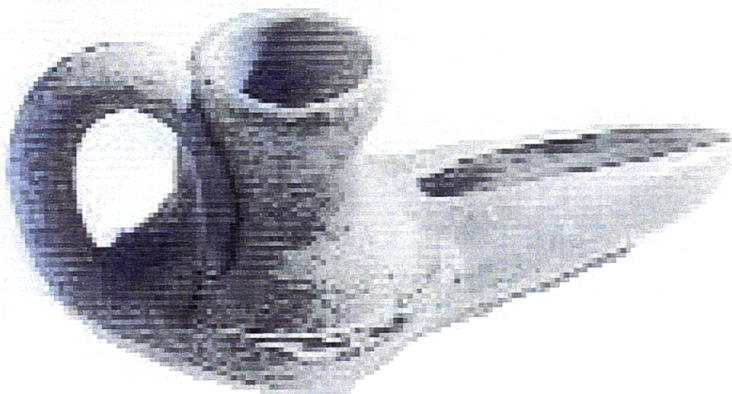
Dimensões:

altura: 29mm

comprimento: 140mm

Ø da base: 35mm





3 – Candil para iluminação

N.º Inv. 322/2037

Técnica: Pasta rosada de textura homogénea e compacta, com e.n.p.
 Morfologia: Câmara bitroncocónica; bocal com lábio recto envasado; bico levantado de paredes convexas; base plana.

Sem Decoração

Séculos X/XI

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

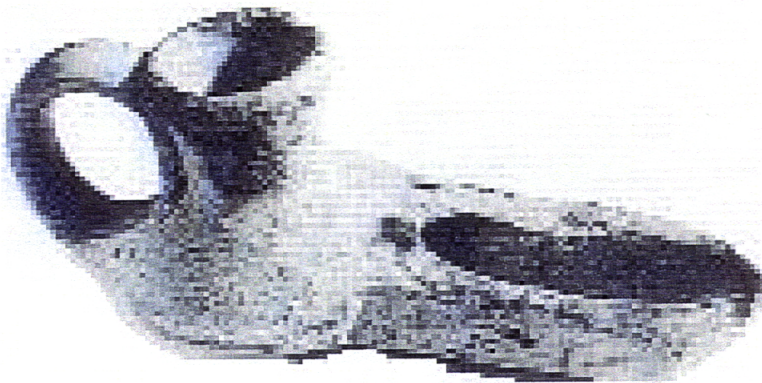
altura: 67mm

comprimento: 164mm

largura: 66mm

espessura da parede: 4mm

espessura da parede do bico: 13mm



4 – Candil para iluminação

N.º Inv. 2331

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, com grãos finos de e.n.p.; com vestígios de vidrado verde.
 Morfologia: Câmara bitroncocónica; colo cilíndrico com bordo arredondado; bico de paredes rectas; com vestígios de combustão no bordo e no bico; vestígios de arranque de asa; base irregular.

Sem Decoração

Século XI

Procedência: R. Tenente Valadim – Faro

Dimensões:

altura: 55mm

comprimento: 145mm

largura: 59mm

espessura da parede: 3mm



5 – Candil para iluminação (em cima)

N.º Inv. 2332

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, com grãos finos de e.n.p.

Morfologia: Câmara bitroncocónica invertida; colo cilíndrico; bordo arredondado; asa de secção em “D” rompendo na base e fechando no colo; fimo fragmentado de paredes curvas, base irregular.

Sem Decoração

Séculos X/XI

Procedência: Largo Afonso III – Faro

Dimensões:

altura: 65mm

comprimento: 154mm

largura: 62mm

espessura da parede: 4mm

6 – Candil para iluminação

N.º Inv. 333

Técnica: Pasta vermelha de textura compacta, coberta de vidrado verde no interior e no exterior.

Morfologia: Câmara cilíndrica; asa e bico de paredes rectas arrancados; base irregular.

Sem Decoração

Séculos X/XI

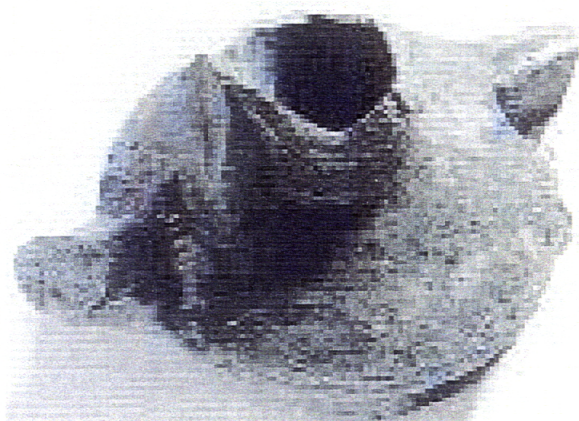
Procedência: Desconhecida

Dimensões:

altura: 34mm

comprimento: 77mm

Ø da base: 33mm



7 – Candil para iluminação

N.º Inv. 332

Técnica: Pasta avermelhada clara de textura compacta, coberta de vidrado plúmbeo cor de mel.

Morfologia: Câmara cilíndrica; asa, bocal e bico arrancados.

Sem Decoração

Séculos X/XI

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 36mm

comprimento: 72mm

Ø da base: 36mm



8 – Candil para iluminação

N.º Inv. 316

Técnica: Pasta vermelha, homogénea e compacta.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; bocal com lábio recto envasado; asa de secção oval fechando no colo; bico de paredes curvas; base plana.

Decoração: canelura em toda a volta do colo; sanefa a branco no bocal, na asa e na delimitação do bico.

Séculos X/XI

Procedência: Sítio do Ludo – Faro

Dimensões:

altura: 75mm

comprimento: 116mm

largura: 71mm

espessura da parede: 3mm

espessura da parede do bico: 11mm



9 – Candil para iluminação (acima)

N.º Inv. 320

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, com vestígios de vidro verde.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; bico de paredes rectas; lábio recto envasado; asa de secção oval; base irregular; com vestígios de combustão.

Sem Decoração

Século XI

Procedência: Desconhecida

Dimensões:

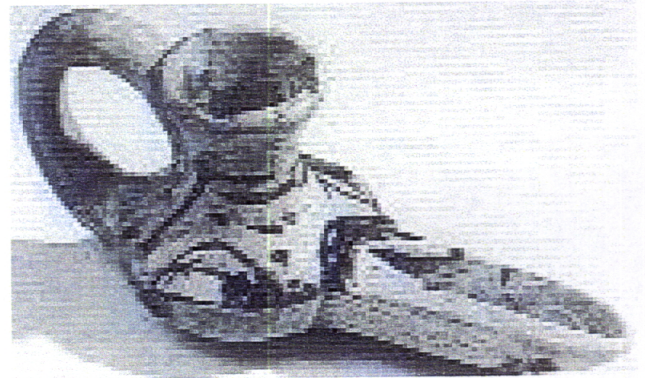
altura: 65mm

comprimento: 140mm

largura: 60mm

espessura da parede: 2mm

espessura da parede do bico: 7mm



10 – Candil para iluminação (acima)

N.º Inv. 319

Técnica: Pasta clara de textura compacta, com alguns e.n.p. e corda seca parcial.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; bocal com lábio recto envasado; bico de paredes rectas; arranque da asa da base, fechando no colo; base plana.

Decoração: Pintada com alguns traços a manganês e semicírculos de vidro verde.

Séculos XI

Procedência: Desconhecida

Dimensões:

altura: 71mm

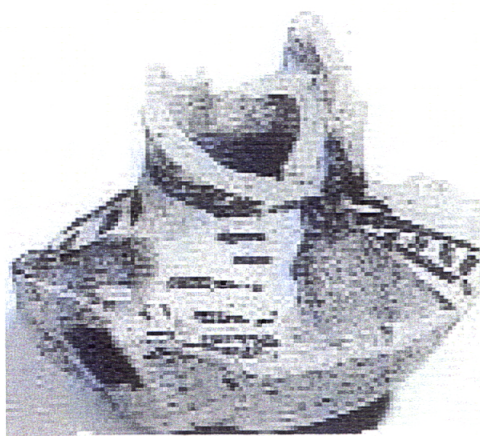
comprimento: 116mm

largura: 72mm

espessura da parede: 4mm

espessura da parede do bico: 8mm

Ø da base: 43mm



11 – Candil para iluminação

N.º Inv. 325

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, com e.n.p. de grão fino.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; asa, bordo e bico arrancados; base irregular.

Decoração: Pintado com alguns traços a roxo com aplicações semicirculares de vidro de cor melada.

Séculos X/XI

Procedência: Desconhecida

Dimensões:

altura: 52mm

comprimento: 71mm

largura: 70mm

espessura da parede: 2mm



12 – Candil para iluminação

N.º Inv. 324

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, com e.n.p. de grão fino e corda seca parcial.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; asa, bocal e bico de paredes rectas arrancados;

Decoração: Pintado com alguns traços a manganês, semicírculos vidrados de cor melada.

Século XI

Procedência: Largo da Sé - Faro

Dimensões:

altura: 53mm

comprimento: 96mm

largura: 68mm

espessura da parede: 4mm

espessura da parede do bico: 9mm

13 – Candil para iluminação

N.º Inv. 326

Técnica: Pasta clara de textura homogénea e compacta, com corda seca parcial.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; bico de paredes rectas com vestígios de combustão; lábio em bisel; asa arrancada; base plana.

Decoração: Pintado com alguns traços a manganês que delimitam o vidrado verde.

Século XI

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 44mm

comprimento: 158mm

Ø da base: 55mm

Ø do bocal: 85mm

espessura da parede: 7mm



14 – Candil para iluminação

N.º Inv. 329

Técnica: Pasta clara de textura homogénea, corda seca parcial.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; asa de secção em “D”, vertical, rompendo da base e fechando no colo; bico de paredes rectas; lábio em bisel; base plana.

Decoração: Pintado com alguns traços a manganês que delimitam o vidrado de cor melada.

Século XI

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

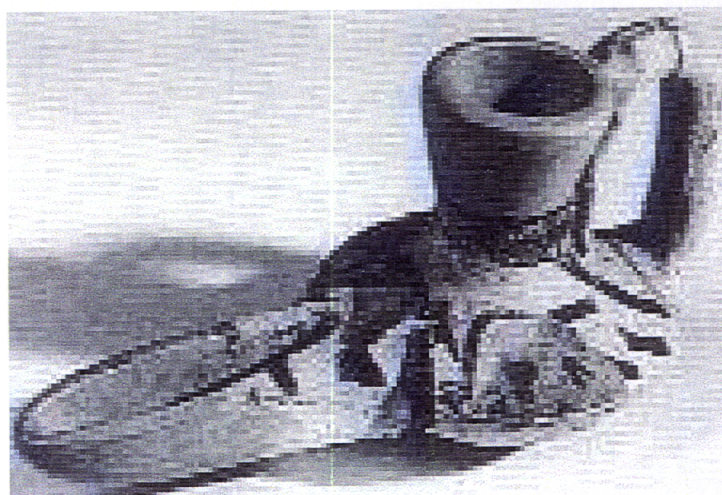
altura: 73mm

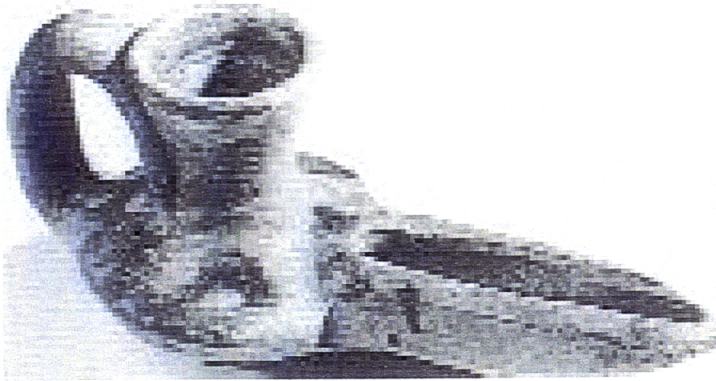
comprimento: 120mm

largura: 73mm

espessura da parede: 2mm

espessura da parede do bico: 9mm





15 – Candil para iluminação

N.º Inv. 323

Técnica: Pasta clara de textura compacta com e.n.p., corda seca parcial.

Morfologia: Câmara bitroncocónica; bocal com lábio recto envasado; asa de secção em “D”, rompendo da base e fechando no colo; bico de paredes rectas com lábio em bisel; base plana.

Decoração: Pintado com alguns traços a manganês e semicírculos de vidro de cor melada e óxido de ferro; vestígios de decoração no bico a manganês.

Século XI

Procedência: Desconhecida

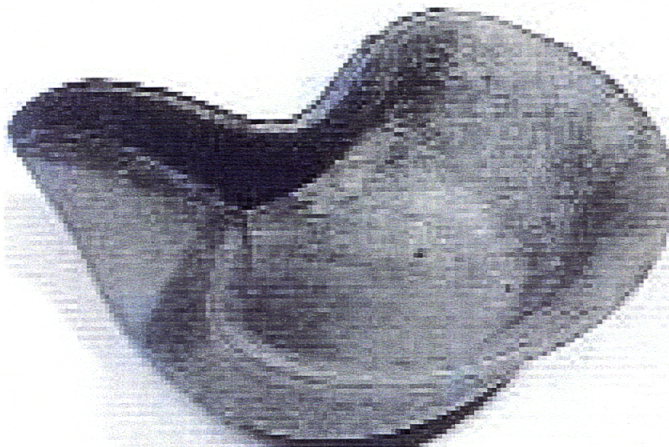
Dimensões:

altura: 60mm

comprimento: 150mm

Ø da base: 35mm

Ø da boca: 32mm



16 – Candil para iluminação

N.º Inv. 2333

Técnica: Pasta vermelha com e.n.p. de grão médio.

Morfologia: Câmara aberta; lábio levemente boleado; corpo troncocónico invertido; com vestígios de combustão no bico.

Sem Decoração

Séculos XII/XIII

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 28mm

comprimento: 82mm

espessura da parede: 3mm

17 – Candil para iluminação

N.º Inv. 2335

Técnica: Pasta vermelha de textura homogénea com grãos médios de e.n.p., vidrada cor de mel em ambos os lados.

Morfologia: Câmara aberta; lábio levemente boleado; corpo troncocónico invertido.

Sem Decoração

Séculos XII/XIII

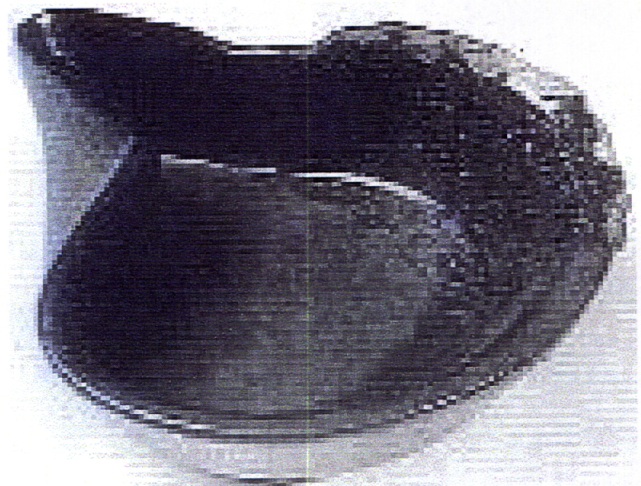
Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 28mm

comprimento: 59mm

espessura da parede: 3mm



18 – Candil para iluminação

N.º Inv. 2044

Técnica: Pasta vermelha de textura homogênea com e.n.p., vidrada cor de mel em ambos os lados.

Morfologia: Câmara aberta; lábio levemente boleado; corpo troncocônico invertido.

Sem Decoração

Séculos XII/XIII

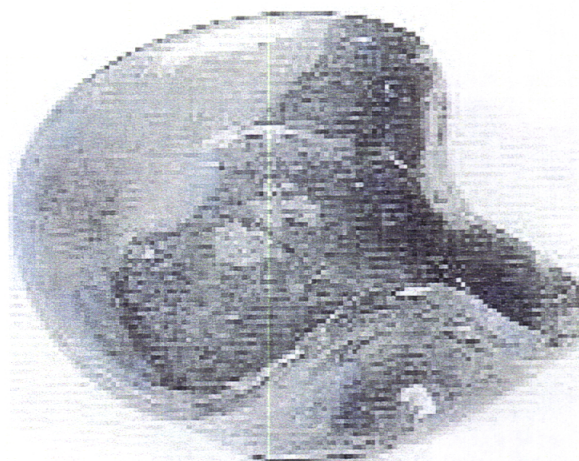
Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 14mm

comprimento: 65mm

espessura da parede: 3mm



19 – Candil para iluminação

N.º Inv. 1562

Técnica: Pasta vermelha de textura homogênea com e.n.p., vidrada cor de mel em ambos os lados.

Morfologia: Câmara aberta; lábio levemente boleado; corpo troncocônico invertido, com vestígios de combustão no bico; base plana.

Sem Decoração

Séculos XII/XIII

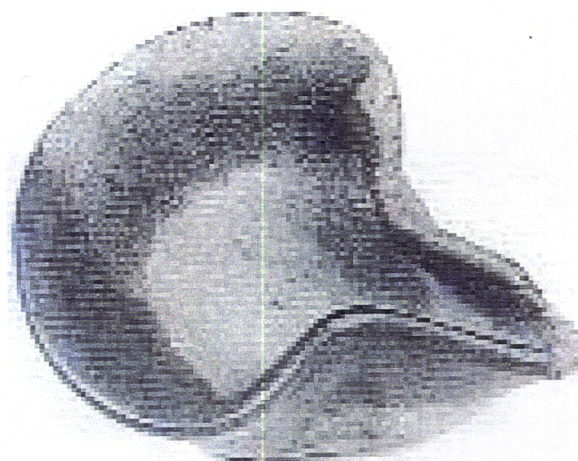
Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

altura: 170mm

comprimento: 81mm

Ø da base: 40mm



20 – Fogareiro

N.º Inv. 1560

Técnica: Pasta avermelhada de textura pouco homogênea, compacta, com abundância de e.n.p.

Morfologia: Corpo inferior troncocônico, com uma abertura de arejamento semicircular; paredes troncocônicas incompletas; fundo raso; com o material de combustão conservado no interior.

Decoração: Pintado a branco com três linhas verticais de cada lado da abertura de arejamento e três linhas horizontais a separar os dois corpos, sendo visível no corpo superior o arranque de linhas verticais.

Séculos XII/XIII

Procedência: Largo da Sé – Faro

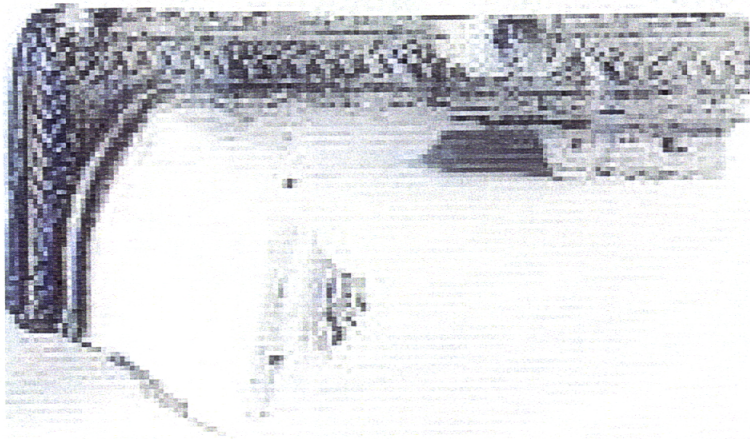
Dimensões:

altura: 140mm;

Ø da base: 145mm



Diversos



1 – Fragmento de Pia de Abluções
N.º Inv. 688

Técnica: Pasta clara, de textura compacta com grãos medianamente finos de e.n.p., coberta de vidrado verde na aba, nas paredes e no interior.
Morfologia: Bordo em aba horizontal, paredes rectas e fundo plano.
Decoração: Aba delimitada por cartela com estampilhas, motivos entrelaçados; no fundo reconhece-se arranque de estampilha com motivos fitomórficos.

Séculos XII/XIII

Procedência: Desconhecida

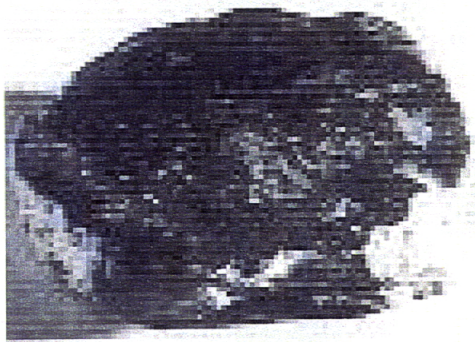
Dimensões:

altura: 82mm

comprimento: 175mm

espessura da parede: 19mm

espessura da aba: 16mm



2 – Malha (peça de jogo)

N.º Inv. 2339

Técnica: Pasta de cor vermelha, de textura homogénea.

Morfologia: Secção circular.

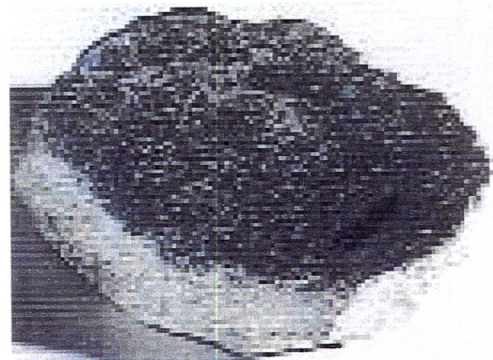
Sem Decoração

Séculos XII/XIII

Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

Ø: 44mm



3 – Malha (peça de jogo)

N.º Inv. 2340

Técnica: Pasta de cor vermelha, homogénea, compacta, coberta de vidrado castanho.

Morfologia: Secção circular côncava.

Sem Decoração

Séculos XII/XIII

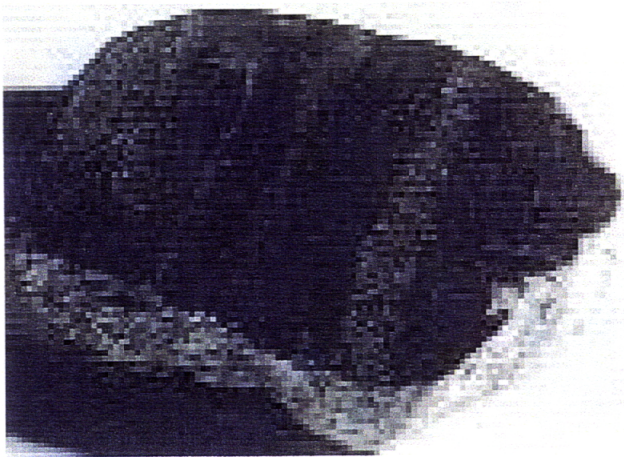
Procedência: Largo da Sé – Faro

Dimensões:

Ø: 30mm

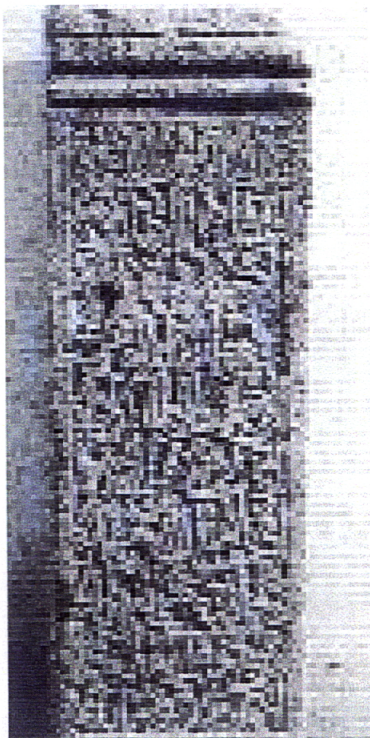


4 – Malha (peça de jogo)
 N.º Inv. 2341
 Técnica: Pasta de cor vermelha,
 textura homogénea.
 Morfologia: Secção circular côncava.
 Decoração: vestígios de pintura a
 branco
 Séculos XII/XIII
 Procedência: Largo da Sé – Faro
 Dimensões:
 Ø: 25mm



5 – Malha (peça de jogo)
 N.º Inv. 2342
 Técnica: -
 Morfologia: Secção circular.
 Sem Decoração
 Séculos XII/XIII
 Procedência: Largo da Sé – Faro
 Dimensões:
 Ø: 41mm

Epigrafia



1 – Lápide comemorativa
 N.º Inv. 499
 Mármore
 Silves, Faro
 624 da Hégira / 1227 d.C.
 Descrição: Escrita cursiva nasrida,
 muito floreada e decorativa.



2 – Lápide funerária
 N.º Inv. 500
 Grés
 Salir, Loulé, Faro
 407 da Hégira / 1016 d.C.
 Descrição: Escrita cúfica simples
 incisa, de feitura rude e com
 imprecisões.

3 – Lápide funerária
 N.º Inv. 502
 Xisto
 Odeleite, Castro Marim, Faro
 Séc. V da Hégira / Séc. XI d.C.
 Descrição: Escrita cúfica simples
 incisa, pouco cuidada e imprecisa.



ANEXO 5

Exposição Permanente – *Pintura Antiga* – inaugurada no MAF no dia 27 de Julho de 2001, pelas 18 horas – Fotografias de Magno Moraes Mello e de Hélio Ramos

Obras expostas no Núcleo 1
(O Acervo Antigo – séculos XVI e XVII)

1 - *Cristo Flagelado*
Escola Italiana (réplica de Leonardo)
N.º Inv. 2551
Autor anónimo
Técnica: Óleo sobre madeira
Século XVI
Dimensões: 752mm×608mm



2 - *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 846
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm

3 - *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 847
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm





4 – *São João Evangelista*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 848
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm

5 – *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 849
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm



6 – *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 850
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm

7 – *São Paulo*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 851
Autor: Zé Manuel (?)
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm





8 – *Apostolado*
 Escola Portuguesa
 N.º Inv. 852
 Autor Anónimo
 Técnica: Óleo sobre tela
 2.ª metade do século XVII
 Prov. de São Brás de Alportel (?)
 Dimensões: 902mm×780mm



9 – *Apostolado*
 Escola Portuguesa
 N.º Inv. 853
 Autor Anónimo
 Técnica: Óleo sobre tela
 2.ª metade do século XVII
 Prov. de São Brás de Alportel (?)
 Dimensões: 902mm×780mm



10 – *Apostolado*
 Escola Portuguesa
 N.º Inv. 854
 Autor Anónimo
 Técnica: Óleo sobre tela
 2.ª metade do século XVII
 Prov. de São Brás de Alportel (?)
 Dimensões: 902mm×780mm

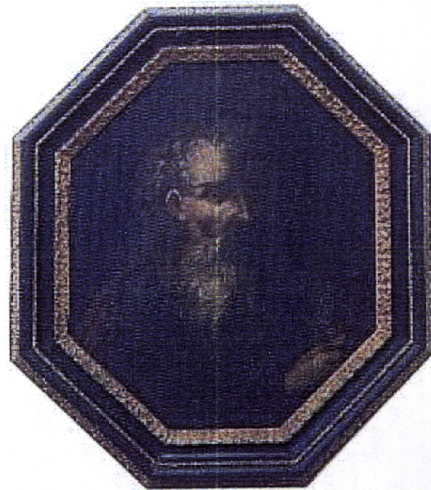
11 – *São Pedro*
 Escola Portuguesa
 N.º Inv. 855
 Autor Anónimo
 Técnica: Óleo sobre tela
 2.ª metade do século XVII
 Prov. de São Brás de Alportel (?)
 Dimensões: 902mm×780mm





12 – *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 856
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm

13 – *Apostolado*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 857
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 902mm×780mm



14 – *A Virgem do Leite*
Escola Portuguesa
N.º Inv. 833
Autor Anónimo
Técnica: Óleo sobre tela
2.ª metade do século XVII
Prov. de São Brás de Alportel (?)
Dimensões: 615mm×500mm